

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA ATIVIDADE FÍSICA

WILLIAM FERRAZ DE SANTANA

**CHEERLEADING NOS JOGOS OLÍMPICOS: NOVAS PERSPECTIVAS
PARA O CENÁRIO ESPORTIVO BRASILEIRO**

SÃO PAULO

2023

WILLIAM FERRAZ DE SANTANA

**CHEERLEADING NOS JOGOS OLÍMPICOS: NOVAS PERSPECTIVAS
PARA O CENÁRIO ESPORTIVO BRASILEIRO**

Versão corrigida

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Atividade Física.

Área de Concentração: Atividade Física e Saúde

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Ricci Uvinha

SÃO PAULO

2023

Autorizo a reprodução e divulgação parcial ou total deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Escola de Artes, Ciências e Humanidades,
com os dados inseridos pelo(a) autor(a)
Brenda Fontes Malheiros de Castro CRB 8-7012; Sandra Tokarevicz CRB 8-4936

Ferraz de Santana, William
Cheerleading nos Jogos Olímpicos: novas
perspectivas para o cenário esportivo brasileiro /
William Ferraz de Santana; orientador, Ricardo
Ricci Uvinha. -- São Paulo, 2023.
105 p.

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de
Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física, Escola
de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de
São Paulo, 2023.

Versão corrigida

1. Cheerleading. 2. Jogos Olímpicos. 3. Gestão do
Esporte. 4. Atividade Física e Saúde. I. Uvinha,
Ricardo Ricci, orient. II. Título.

Autor: SANTANA, William Ferraz de

Título: Cheerleading nos Jogos Olímpicos: novas perspectivas para o cenário esportivo brasileiro

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Atividade Física.

Área de Concentração: Atividade Física e Saúde

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Ricci Uvinha

Aprovado em: 25/11/2022

Banca examinadora

Prof. Dr. Ricardo Ricci Uvinha (orientador)

Julgamento:

Instituição: EACH-USP

Assinatura: _____

Profa. Dra. Giselle H. Tavares

Julgamento:

Instituição: UFU

Assinatura: _____

Prof. Dr. Marcos Maciel

Julgamento:

Instituição: UEMG

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Eliana, que sempre me incentivou a ler e estudar. Lembro ainda hoje de mim com oito anos de idade te esperando voltar da faculdade quase meia noite para me ajudar com a lição de casa da escola. Você é tão forte e o meu maior exemplo de ir atrás dos próprios sonhos. Te amo muito e agradeço por sempre me apoiar.

À minha irmã, Jaqueline, que se tornou uma mulher incrível, inteligente, que me inspira e sempre me ajuda nas horas que preciso. Obrigado por mesmo mais jovem que eu me ensinar tanto desde criança.

Ao meu namorado, João Francisco, que é a pessoa mais doce que eu conheço e sempre me incentiva a conquistar os meus objetivos. Eu amo ter crescido tanto contigo nesses quatro anos juntos. Obrigado pela parceria e pelo apoio de sempre.

Ao meu amigo, Guilherme Cruz, que insistiu por longos meses até finalmente me convencer a cruzar a cidade de São Paulo, de Osasco até Santo André, para conhecer um esporte novo do Brasil que “tinha a minha cara”.

Aos demais amigos e inspirações que este esporte maravilhoso me trouxe. Obrigado por toparem as entrevistas, todas tão especiais, e por tanto se empenharem profissionalmente. Vocês foram e são fundamentais para o cheerleading ter crescido tanto em São Paulo e no Brasil, e esta pesquisa não seria possível sem vocês.

E ao meu querido orientador Prof. Dr. Ricardo Uvinha, que é uma inspiração para mim e me incentivou a pesquisar o cheerleading enquanto tema de pesquisa do mestrado. Agradeço profundamente a oportunidade e a possibilidade de me desenvolver enquanto pessoa e pesquisador. A ilustríssima EACH-USP não poderia ser melhor dirigida atualmente.

“5, 6, 7, 8!”
(*Atleta de cheerleading*)

RESUMO

SANTANA, William Ferraz de. **Cheerleading nos Jogos Olímpicos: novas perspectivas para o cenário esportivo brasileiro**. 2023. 105f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

O cheerleading vem crescendo significativamente ao redor do planeta. Não por acaso, recebeu em 2021, diretamente do Comitê Olímpico Internacional (COI), o reconhecimento mais alto concedido à uma modalidade esportiva, o primeiro passo oficial para um esporte participar dos Jogos Olímpicos. No Brasil, a modalidade está fortemente presente em universidades, assim como o número de ginásios especializados em cheerleading aumentam exponencialmente. A partir do status concedido pelo COI e dado o progressivo crescimento do cheerleading no país, este projeto visa, portanto, à luz da teoria em gestão do esporte, discutir quais são as perspectivas de desenvolvimento do cheerleading no curto, médio e longo prazo no Brasil. Para isso, enquanto procedimento metodológico, a pesquisa qualitativa foi escolhida e aplicada através de um roteiro de entrevista semiestruturada realizada com coaches de cheerleading, como são conhecidos os treinadores e treinadores da modalidade, que atuam na cidade de São Paulo e região e que possuem relevância nacional, de forma a compreender o perfil daqueles que atuam como gestores da modalidade no país, bem como identificar os principais desafios em prol de seu desenvolvimento no cenário nacional, destacando aqui a gestão esportiva da modalidade e a promoção da saúde do cheerleader. Como principais resultados, observamos que o cheerleading cresceu de forma amadora, porém, no momento, está inserido em um processo de regularização, vide a recém-criada Confederação Brasileira de Cheerleading e Dança. Em segundo lugar, verificamos os principais desafios vividos pelos gestores no curto e médio prazo: a dificuldade em obter patrocínio e a necessidade de regularização da modalidade no país. No longo prazo, questões acerca da profissionalização da gestão, a exigência da formação em Educação Física e a ampliação do cheerleading para as categorias de base foram mencionadas. Incentivar a promoção da saúde do praticante também foi amplamente debatido nesta pesquisa, visto que a modalidade envolve um altíssimo risco devido aos arremessos e elevações característicos. Espera-se que os dados obtidos através desta pesquisa embasem futuras produções acadêmicas sobre o cheerleading no país, visto que a modalidade vem se expandindo expressivamente, e que, justamente, é digna de maior aprofundamento científico.

PALAVRAS-CHAVE: Cheerleading; Jogos Olímpicos; Gestão do Esporte; Atividade Física e Saúde.

ABSTRACT

SANTANA, William Ferraz de. **Cheerleading in the Olympic Games: new perspectives for the Brazilian sports scenario.** 2023. 105p. Dissertation (Master of Science)– School of Arts, Sciences and Humanities, University of Sao Paulo, Sao Paulo, 2023.

Cheerleading has been growing significantly around the planet. Not by chance, in 2021, directly from the International Olympic Committee (IOC), received the highest recognition given to a sport, the first official step for a sport to participate in the Olympic Games. In Brazil, the modality is strongly present in universities, and the number of gyms specializing in cheerleading has increased exponentially. Based on the status granted by the IOC and given the progressive growth of cheerleading in the country, this project aims, therefore, in the light of sport management theory, to discuss what are the prospects for the development of cheerleading in the short, medium, and long term in Brazil. For this, as a methodological procedure, the qualitative research was chosen and applied through a semi-structured interview script carried out with cheerleading coaches from the city of São Paulo and regions that have national relevance to understanding the profile of those who act as managers of the modality in the country, as well as identifying the main challenges for its development on the national scene, highlighting here the sport management of the modality and the promotion of cheerleader health. As the main results, we observed that cheerleading grew in an amateur way; however, at the moment, it is inserted in the process of regularization, see the recently created Brazilian Confederation of Cheerleading and Dance. Second, we verified the main challenges faced by managers in the short and medium term: the difficulty in obtaining sponsorship and the need to regularize the sport in the country. In the long term, the coaches mentioned questions about the professionalization of management, the requirement of training in Physical Education, and the expansion of cheerleading to the basic categories. Encouraging the health promotion of the practitioner was also widely discussed in this research since the modality involves a very high risk due to the characteristic throws and elevations. We expect that the data obtained through this research will support future academic productions on cheerleading in the country since the modality has expanded significantly, which is worthy of further scientific investigation.

KEYWORDS: Cheerleading; Olympic Games; Sport Management; Physical Activity and Health.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBCD - Confederação Brasileira de Cheerleading e Dança
CBDU - Confederação Brasileira de Desporto Universitário
CBF - Confederação Brasileira de Futebol
CBSk - Confederação Brasileira de Skate
CBV - Confederação Brasileira de Voleibol
COB - Comitê Olímpico do Brasil
COI - Comitê Olímpico Internacional
CONFED - Conselho Federal de Educação Física
CPU - Campeonato Paulista Universitário
CREF - Conselho Regional de Educação Física
C1C - *Cheer One Channel*
EF - Educação Física
EUA - Estados Unidos da América
FIFA - International Federation of Association Football
FISU - International University Sports Federation
FPCD - Federação Paulista de Cheerleading e Dança
FUPE - Federação Universitária Paulista de Esportes
GA - Ginástica Artística
IASF - International *All Star* Federation
ICU - International *Cheer* Union
IES - Instituição de Ensino Superior
JOPRI - Jogos Paulistas de Relações Internacionais
JUCA - Jogos Universitários de Comunicação e Artes
JUBs - Jogos Universitários Brasileiros
STJD - Superior Tribunal de Justiça Desportiva
SP - São Paulo (estado)
RJ - Rio de Janeiro (estado)
UBC - União Brasileira de Cheerleading
UCA - *Universal Cheerleaders Association*
UFABC - Universidade Federal do ABC
UFAM - Universidade Federal do Amazonas
UFBA - Universidade Federal da Bahia

UnB - Universidade de Brasília

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

USASF - U.S. *All Star* Federation

USP - Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Configuração padrão de um <i>stunt</i> de cheerleading	32
Figura 2. Exemplo de altura para um <i>basket</i> de cheerleading	34
Figura 3. Cheerfest Supernational em 2016 em Volta Redonda, Rio de Janeiro	36
Figura 4. Alinhamento dos três principais órgãos de cheerleading no Brasil	37
Figura 5. Formação em Educação Física dos coaches de cheerleading	52
Figura 6. Popularidade do termo “cheerleading” no Google <i>Trends</i> de 2017-2022	56
Figura 7. Organograma das instituições de cheerleading no Brasil	58
Figura 8. Capacitação para profissionais de cheerleading através da CBCD <i>Academy</i>	79
Figura 9. Transmissão do mundial de cheerleading via <i>Olympic Channel</i>	81
Figura 10. Jovens protestam contra proibição da modalidade de skate em 1988	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Relação data/duração das entrevistas	46
Quadro 2. Respostas sobre o crescimento do cheerleading no Brasil	54
Quadro 3. Respostas referentes aos desafios de gestão no curto e médio prazo	59
Quadro 4. Respostas referentes à gestão da modalidade no longo prazo	65
Quadro 5. Respostas referentes à promoção da saúde do atleta de cheerleading	75
Quadro 6. Respostas referentes ao ingresso do cheerleading nos Jogos Olímpicos	82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Dados sociodemográficos dos entrevistados

50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	20
1.2 OBJETIVOS	21
1.3 JUSTIFICATIVA	22
2 REFERENCIAL TEÓRICO	24
2.1 O REJUVENESCIMENTO ESPORTIVO PROPOSTO PELO COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL	24
2.2 A ORIGEM DO CHEERLEADING	28
2.3 HISTÓRIA DO CHEERLEADING BRASILEIRO	35
2.4 GESTÃO DO CHEERLEADING E DESAFIOS	39
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	44
3.1 COLETA DOS DADOS	44
3.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA	45
3.3 ANÁLISE DOS DADOS	47
3.4 A ANÁLISE DE CONTEÚDO	48
3.5 LIMITAÇÕES DO ESTUDO	49
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	50
4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS COACHES	50
4.2 CRESCIMENTO DO CHEERLEADING NO BRASIL	54
4.3 DESAFIOS DE GESTÃO NO CURTO E MÉDIO PRAZO	59
4.3.1 A DIFICULDADE PARA OBTER PATROCÍNIO ESPORTIVO	60
4.3.2 A REGULARIZAÇÃO DO CHEERLEADING NO PAÍS	62
4.4 GESTÃO DA MODALIDADE NO LONGO PRAZO	65
4.4.1 PROFISSIONALIZAÇÃO DA GESTÃO DO CHEERLEADING	66
4.4.2 EXIGÊNCIA DA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA	70

4.4.3 AMPLIAÇÃO DO CHEERLEADING PARA A CATEGORIA ESCOLAR	72
4.5 A PROMOÇÃO DA SAÚDE DO ATLETA DE CHEERLEADING	75
4.6 O INGRESSO DO CHEERLEADING NOS JOGOS OLÍMPICOS	81
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	90
APÊNDICES	101
APÊNDICE A. ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO	101
APÊNDICE B. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	103
APÊNDICE C. GLOSSÁRIO DO CHEERLEADING	105

1 INTRODUÇÃO

O esporte é concebido como um dos fenômenos socioculturais mais importantes dos últimos anos, com um número crescente de praticantes que visam obter melhorias de desempenho, de saúde ou lazer (JARVIE, 2013), e com cada vez mais espaço na mídia internacional (TUBINO, 2017). No Brasil, o cenário esportivo também se manteve em pauta, principalmente após o país sediar dois dos mais importantes megaeventos mundiais: a XX Copa do Mundo FIFA de Futebol em 2014 e os XXXI Jogos Olímpicos (JO) no Rio de Janeiro, em 2016.

O crescimento da cobertura destes megaeventos é um dos maiores responsáveis pela popularização universal do fenômeno esportivo (OLIVEIRA; PIMENTA, 2018). De acordo com o Relatório de Marketing Oficial de Tóquio 2020, por exemplo, os JO contaram com um total de 3,05 bilhões de espectadores e registraram um número recorde de visualizações nas plataformas de *streaming* (IOC, 2021). Estes dados demonstram que o mercado esportivo está em alta, sendo um negócio global multibilionário que continuará a crescer nos próximos anos (SHULTZ et al., 2015).

Em virtude do crescimento das redes sociais, o modo como o consumidor interage com o esporte tem sido alterado paulatinamente (HAZARI, 2018). Atento à esta transformação, o Comitê Olímpico Internacional (COI) inseriu no programa de Tóquio 2020 modalidades com grande apelo juvenil como o surfe, o skate e a escalada. Este movimento de rejuvenescimento olímpico tem como objetivo atrair mais jovens e aumentar audiência, quando Rio 2016 teve como média um público de 53 anos de idade (LOMBARDO; BROUGHTON, 2017).

A estratégia tem funcionado: além do recorde em *streaming* descrito acima, no Brasil, a transmissão da final olímpica do skate que rendeu a prata de Rayssa Leal superou audiência do futebol e do judô durante todos os dias de competição (CARNEIRO, 2021). Neste raciocínio, o COI tem procurado cada vez mais se aproximar de modalidades esportivas inovadoras e com grande presença no público jovem visando aumentar a sua audiência, sendo deste movimento o início das negociações para o reconhecimento do cheerleading como esporte oficial, sendo o maior grau de certificação esportiva que foi concedido ao órgão oficial regulador da modalidade, a *International Cheer Union* (ICU), no ano de 2021¹.

¹ [ICU Receives Full IOC Recognition](#)

O cheerleading surgiu no contexto universitário dos Estados Unidos da América,(EUA) e está enraizado na cultura juvenil estadunidense ainda nos dias de hoje (HANSON, 1995; GRINDSTAFF; WEST, 2010). Por meio de suas primeiras aparições na Universidade de Princeton, renomada instituição norte-americana no século XIX, foi criado para animar os espectadores durante as partidas de futebol americano. A ICU, atualmente, contabiliza mais de cem países vinculados de todos os continentes. Kit McConnell, diretor esportivo do COI, declarou ao site britânico InsidetheGames ainda em 2019 que o cheerleading “[...] possui grande foco na juventude e reconhecemos isso [...]”². E de acordo com o presidente da ICU, Jeff Webb³, há a expectativa da modalidade estrear nos JO na edição de Los Angeles 2028, nos EUA, a principal referência do esporte no mundo.

No contexto brasileiro, o cheerleading ainda é recente. A pioneira na prática de liderar torcidas no ambiente universitário foi a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), iniciando a modalidade no ano de 2009. Desde então, o cheerleading se espalhou no Brasil através de diversas lideranças e é praticado por universidades públicas e privadas pelo país, incluindo renomados institutos como a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A modalidade cresceu a ponto de ser convidada para participar do Campeonato Paulista Universitário (CPU), tradicional competição do âmbito acadêmico paulista, organizado pela Federação Universitária Paulista de Esportes (FUPE) desde 1934 (HATZIDAKIS, 2006).

Entretanto, no Brasil, o cheerleading tem se desenvolvido na última década de modo desorganizado e sem uma estruturação clara acerca do planejamento e liderança. Este fato proporciona com que hoje, apesar da recém criação da Confederação Brasileira de Cheerleading e Dança (CBCD) em 2019, ainda exista um cenário em que o cheerleading repleto de informalidade em sua prática, com técnicos sem formação específica na área, treinamentos ministrados sem embasamento teórico adequado, regulamentos de competição desatualizados e carência de uma gestão clara e objetiva que promova um desenvolvimento consistente da modalidade pelo país. Também não se sabe com exatidão o número de atletas praticantes de cheerleading e clubes existentes no Brasil.

Todos os pontos mencionados vão em contrapartida para uma modalidade que almeja se tornar olímpica. Conforme apontaram Quinaud et. al (2019), a gestão do esporte ainda não ocorre de forma profissional no Brasil, existindo um déficit de profissionais com formação específica para trabalhar com a área. Este fato aponta a necessidade de capacitação dos

² [Cheerleading can apply to become an Olympic sport... but where does it all end?](#)

³ [What the IOC's recognition of cheerleading means for the sport and its athletes](#)

profissionais atuantes no cheerleading brasileiro visando majoritariamente o crescimento organizado da modalidade.

De acordo com Mazzei et. al. (2012), recomenda-se que o gestor esportivo seja um profundo conhecedor do ambiente no qual atua, o que permitirá à gestão do esporte obter sentido e ganhar credibilidade para assegurar maiores possibilidades de intervenção profissional. O cheerleading no Brasil experimentou um crescimento significativo a partir dos esforços de seus líderes e atletas, contudo devido à falta de estruturação e também à falta de recursos financeiros, nem todas as oportunidades foram devidamente aproveitadas.

O objetivo deste trabalho, portanto, foi o de, compreender como a modalidade se estruturou no país nos últimos anos e qual a perspectiva de desenvolvimento da modalidade no curto, médio e longo prazo, tendo em vista que é concreta a possibilidade de ingresso do cheerleading no programa olímpico de Los Angeles 2028. De forma a alcançar os objetivos elencados, foram realizadas entrevistas com um total de sete coaches de cheerleading atuantes na cidade de São Paulo e adjacências, cujos trabalhos possuem relevância nacional.

O coach de cheerleading é o treinador ou treinadora da modalidade, responsável pelo treinamento físico treinamento da modalidade, mas também pelo planejamento estratégico, a gestão financeira, a organização e até o marketing do local em que atua. Buscando, portanto, um melhor entendimento e explicação do objeto de estudo proposto nestetrabalho, após as entrevistas, o referencial apresentado foi subdividido em seis capítulos.

O primeiro capítulo abordou o processo de rejuvenescimento proposto pelo Comitê Olímpico Internacional e as razões que justificar este movimento. Para tanto, foi apresentada a história do Movimento Olímpico desde sua criação, ao passo que foi debatido com autores brasileiros conhecidos do Olimpismo como Rubio, Proni e Giglio e outros internacionais, que complementam com sua visão a respeito desse fenômeno, de forma a explicar por qual motivo o convite ao cheerleading é relevante para sua renovação.

No segundo capítulo, é apresentada a história do cheerleading desde sua origem até os dias atuais, com foco exclusivo no cenário internacional. É importante compreender o que a modalidade representa no mundo hoje e porque ela é relevante em termos de entretenimento, com seu apelo estrondoso na juventude atual e também na pesquisa acadêmica, em que os seus principais artigos científicos apontam para o elevado risco da prática de cheerleading para a saúde de seus atletas.

Foi abordada no terceiro capítulo a categoria do cheerleading na qual este trabalho se apoia: o cheerleading competitivo. Apesar da modalidade ter surgido como ponto de apoio à torcida de outras modalidades esportivas, principalmente o futebol americano, já há mais de quatro décadas o cheerleading se desenvolveu a ponto de se criar uma vertente com foco exclusivo no ambiente competitivo, que vem crescendo cada dia mais.

Posteriormente, no quarto capítulo é discutida a complexidade do cheerleading no cenário esportivo brasileiro. Foi realizada uma contextualização de sua história no país, que apesar de recente experimentou uma grande evolução, principalmente no contexto universitário, sendo este abordado principalmente através da visão de Starepravo.

Já no quinto capítulo, uma discussão entre o posicionamento do cheerleading foi apresentada com aporte teórico de Bourdieu, devido a modalidade ter características ambíguas entre esporte amador e profissional e que devido a seu rápido crescimento, quais os possíveis obstáculos para a gestão e desenvolvimento da modalidade, com aporte teórico de Chelladurai, Mazzei entre outros.

Por fim, é importante salientar que o cheerleading no país, apesar de tudo, é proporcionado através do empenho de seus envolvidos. E devido ao alto nível de comprometimento dos *cheerleaders* com a prática, o conceito de lazer sério, criado por Stebbins, foi inserido no capítulo de forma a possibilitar a interpretação da realidade vivenciada pelos atletas da modalidade no cenário nacional.

No âmbito acadêmico, os estudos que retratam o cheerleading são em grande maioria são relacionados à prevenção de lesões. Para além da área da saúde, os estudos ainda são escassos quando comparados às outras modalidades. Espera-se, portanto, que os dados obtidos através desta pesquisa embasem futuras produções acadêmicas no país e contribuam para a produção de conhecimento sobre o cheerleading na literatura científica, devido à escassez de artigos na área, o que justifica, sobremaneira, o interesse e a necessidade pelo aprofundamento dos estudos desta modalidade em expansão no Brasil.

1.1 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Na última década, o cheerleading cresceu exponencialmente em diversos países, chegando a receber em 2021 o mais alto reconhecimento conferido à uma modalidade esportiva pelo COI, se tornando esporte de nível olímpico. Este crescimento também foi observado no Brasil, que de acordo com uma matéria veiculada no Globo Esporte em março de 2022, a modalidade já possui aproximadamente 12 mil participantes⁴.

Todavia, o desenvolvimento organizacional do cheerleading não acompanhou o crescimento significativo, o que proporciona atualmente uma modalidade repleta de informalidade em sua prática: técnicos sem formação específica, treinamento sem embasamento teórico adequado, regulamentação da competição defasada, etc. De acordo com Paixão (2013), para uma modalidade esportiva que visa a profissionalização e a organização do campo, um cenário de falta de organização é contraproducente para a conclusão os objetivos esperados.

⁴ [Cheer brasileiro leva talento, companheirismo e leveza para o mundial](#)

Na área acadêmico-científica, o número de periódicos que retratam o cheerleading é restrito. Marinho (2001), ao discutir sobre o surfe e o skate, ambas modalidades que vieram a integrar o programa olímpico dez anos mais tarde nos Jogos de Tóquio (Falcão, 2019), ressaltou o problema de que na época, o número de pesquisadores acadêmicos para as modalidades em questão eram escassos, e que otimizar o conhecimento qualitativo era essencial para contribuir ao crescimento da área.

O cheerleading hoje, portanto, se situa em um momento semelhante ao vivenciado pelo surfe e pelo skate nos anos 2000: outrora estereotipados, hoje esportes olímpicos. Há a necessidade de profissionalizar a modalidade tanto no aspecto da gestão administrativa quanto de embasamento teórico promovido através de aprofundamento de pesquisas científicas. Ademais, levando em consideração que a modalidade possui grandes chances de adentrar o programa olímpico no futuro e se consolidar no cenário esportivo brasileiro, este projeto visa discutir quais são as perspectivas de desenvolvimento do cheerleading no curto, médio e longo prazo?

1.2 OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar o desenvolvimento do cheerleading no Brasil à luz da teoria em gestão do esporte, tendo em vista o reconhecimento obtido pelo Comitê Olímpico Internacional e a possibilidade de ingresso da modalidade nos Jogos Olímpicos nos próximos anos.

Objetivos Específicos

- Investigar o perfil dos coaches da modalidade e suas respectivas concepções sobre o cheerleading no cenário esportivo brasileiro;
- Conhecer historicamente o processo de crescimento do cheerleading no país nos últimos anos;
- Identificar os principais desafios para o desenvolvimento do cheerleading no curto, médio e longo prazo;
- Ampliar a discussão em gestão do esporte, comparando o cheerleading, comparando o cheerleading com modalidades já consolidadas no país;
- Compreender quais são as ações tomadas de forma a impactar positivamente a promoção da saúde e da segurança do cheerleader.

1.3 JUSTIFICATIVA

O cheerleading é uma modalidade fortemente vivenciada pelo pesquisador desde o ano de 2013. Tendo sido atleta de ginástica artística (GA) durante a adolescência, o cheerleading se mostrou uma continuidade de sua maior paixão até então: acrobacias, o que inclusive o motivou a cursar o bacharelado em Educação Física na Escola de Educação Física e Esporte (EEFE) da Universidade de São Paulo (USP).

Durante sua carreira de atleta de cheerleading, o pesquisador obteve mais de 10 medalhas em campeonatos brasileiros, sendo suas principais conquistas duas medalhas de ouro na Categoria *Best Cheer* em 2014 (UBC) e 2016 (Cheerfest), um ouro no *Group Stunt* em 2014 (UBC) e o ouro na categoria *Team Cheer*, altamente disputada em 2016 (Cheerfest), representando a equipe allstar Fierce Extreme.

Devido à massiva demanda de trabalho em clubes, escolas e universidades, houve um crescimento significativo do cheerleading no Brasil. O aumento no número de praticantes e criação de novos ginásios promoveu uma forte tendência de alta em universidades, sendo que o próprio pesquisador experienciou esta transformação tendo sua primeira experiência como treinador da modalidade ainda em 2014, com a equipe da EACH-USP, hoje conhecida como Taurus. Posteriormente, se especializou através de campings e cursos, atuando como coach em outras equipes universitárias, como a equipe *COED Goldens* da ECA-USP e a equipe *All Girls Tigers* da Medicina UNINOVE em Osasco.

A modalidade também experimenta um sucesso midiático estrondoso. Em janeiro de 2020 a Netflix lançou uma série documental de nome “*Cheer*” que acompanhou o time *Navarro College* em sua preparação para o campeonato nacional estadunidense. Foi considerada um megahit pelo jornal *The Guardian*⁵ e já teve sua segunda temporada lançada recentemente.

O ranking das Federações Esportivas Internacionais mais seguidas nas redes sociais, elaborado pela agência suíça *BCW-Sport*, para o ano de 2021 apontou a *International Cheer Union* com o 10º lugar com o total de 3 milhões de seguidores, ultrapassando federações já consolidadas como a Federação Internacional de Ginástica e a Federação Internacional de Natação. Não por acaso, em 2016 houve a primeira aproximação da entidade com o COI, em que receberam o reconhecimento provisório para o cheerleading. Cinco anos depois, em 2021, foi a vez de receber a mais alta distinção esportiva concedida pelo Comitê Olímpico Internacional.

⁵ [Leading the way: how Cheer became a Netflix megahit](#)

No âmbito acadêmico, contudo, os estudos sobre cheerleading são ainda escassos. Para além do campo da saúde, com pesquisas majoritariamente voltadas ao alto índice de lesões (BAGNULO, 2012; BODEN; TACCHETTI; MUELLER, 2003; HUTCHINSON, 1997; JACOBSON; MORAWA; BIR, 2012), há um número ínfimo de pesquisas que abordam a modalidade, principalmente na gestão do esporte. No Brasil, por exemplo, até o momento existem apenas trabalhos de conclusão de cursos realizados que abordam o cheerleading principalmente na área de Educação Física, mas também nas Engenharias e na Arquitetura. Dado o crescimento nas redes e principalmente do número de praticantes, justifica-se o aprofundamento científico no campo da modalidade através de uma dissertação de mestrado.

Por meio de entrevistas semiestruturadas de cunho qualitativo com os principais coaches de cheerleading que atuam na cidade de São Paulo e região, espera-se através desta pesquisa analisar a concepção dos coaches de cheerleading quanto ao crescimento da modalidade no país e ao seu desenvolvimento no curto, médio e longo prazo. A abrangência nacional, que inclusive é trazida no título deste trabalho, se justifica devido aos entrevistados e entrevistadas (treinadores de renome reconhecido pela comunidade a qual estão inseridos), possuírem influência e experiência em treinamento também outros estados do Brasil, sendo profissionais importantes nas regiões em questão.

Para Adler e Adler (1994), é necessário que o pesquisador seja parte do próprio fenômeno investigado para conseguir captar as realidades subjetivas deste grupo. Como o pesquisador está inserido na comunidade do cheerleading desde 2013, pretende-se com este projeto embasar de forma inovadora a produção de conhecimento na literatura científica sobre o cheerleading e oferecer um documento que sirva como legado informativo e que contribua para o desenvolvimento da modalidade no Brasil.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O REJUVENESCIMENTO ESPORTIVO PROPOSTO PELO COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL

O barão Pierre de Coubertin foi o principal responsável pelos Jogos Olímpicos (JO) como o conhecemos hoje. Inspirado pelos JO da Antiguidade realizados no período helenístico, Coubertin recriou o histórico campeonato reivindicando a continuidade e ampliação do impacto e importância dos JO e do Movimento Olímpico na Era Moderna (CHATZIEFSTATHIOU; HENRY, 2007). Não por acaso, os novos JO foram realizados no berço da civilização helenística, a capital grega Atenas, no ano de 1896.

Coubertin ao revivê-los afirmou que os JO eram mais do que um conglomerado de campeonatos que atraem atletas de todo o mundo. De acordo com a Carta Olímpica⁶, eles visam “contribuir para a construção de um mundo pacífico e melhor, educando os jovens por meio do esporte praticado de acordo com o Olimpismo e seus valores” (COI, 2020, p. 15). Hoje os Jogos Olímpicos são o maior evento esportivo do mundo, regidos pelo COI. Alternando a cada dois anos desde 1994, há uma edição de verão e uma de inverno. Na edição de verão em Tóquio 2020, prorrogada para 2021 devido à pandemia de COVID-19⁷, houve número recorde de atletas e de modalidades esportivas (COI, 2021).

Segundo a concepção de Coubertin, era fundamental que para competir o atleta fosse considerado amador, ou seja, competisse somente pelo seu intrínseco prazer pelo esporte. A palavra “amador”, inclusive, deriva etimologicamente do mesmo termo em latim para “amor” (GUTTMANN, 2002). Diferentemente do que já ocorria nas competições da época, estava vedado ao competidor se aproveitar do meio esportivo para ganhos materiais.

Ao decorrer das edições olímpicas, tornou-se árduo para o COI definir o conceito de amadorismo em escala global, delegando a tarefa às federações esportivas internacionais, vindo a causar ainda mais confusão. Também foi difícil escapar das interferências geopolíticas, onde um país utilizava de seu aparato esportivo para se promover enquanto

⁶ A Carta Olímpica (COI, 2020) é a codificação dos princípios fundamentais, das regras e das diretrizes adotadas pelo COI, direcionando a organização e funcionamento do Movimento Olímpico e estabelecendo as condições para a celebração dos Jogos Olímpicos. Em sua introdução, ela define seus princípios: “O Olimpismo é uma filosofia de vida que exalta e combina num conjunto harmônico as qualidades do corpo, a vontade e o espírito. Ao associar o esporte com a cultura e a educação, o Olimpismo se propõe a criar um estilo de vida baseado na alegria do esforço, no valor educativo do bom exemplo e no respeito pelos princípios éticos universais. O objetivo do Olimpismo é colocar sempre o esporte a serviço do desenvolvimento harmônico do homem com o fim de favorecer o estabelecimento de uma sociedade pacífica e comprometida com a manutenção da dignidade humana”.

⁷ [Tokyo 2020 Olympics officially postponed until 2021](#)

potência como um todo, o que como tentou fazer Hitler durante os Jogos Olímpicos de Berlim 1936 conforme aponta Schaap (2015), ao instigar a suposta superioridade da raça ariana. Seu esforço, contudo, não teve o efeito desejado, pois o grande nome desta edição foi o afro-americano Jesse Owens, que foi campeão olímpico de atletismo frente a um estádio com propaganda nazista, num dos mais memoráveis momentos da história do esporte mundial.

Décadas mais tarde, durante a Guerra Fria, os boicotes da delegação estadunidense em Moscou 1980 e o da delegação soviética em Los Angeles 1984 mostraram que os países cada vez mais tinham interesse em utilizar os Jogos Olímpicos para se promover política e comercialmente, e que por conseguinte, o COI tinha cada vez uma menor autonomia em conter o fluxo de dinheiro e influência governamental (LLEWELLYN; GLEAVES, 2016).

Como estratégia para mitigar possíveis prejuízos e assegurar a sua independência, o COI resolveu abraçar tal transformação de modo a investir cada vez mais em patrocinadores e obter lucro através do marketing, de acordo com Wenn (2015). Os próprios Jogos Olímpicos de Los Angeles 1984 foram responsáveis por um lucro de mais de US\$ 200 milhões de dólares, sendo grande parte deste valor proveniente dos direitos televisivos, não sendo utilizado nenhum recurso público para a sua realização.

Em 1991, em meio às preocupações dos dirigentes olímpicos em compatibilizar a crescente demanda do marketing com os ideais do Olimpismo, a Carta Olímpica foi revisada. A partir deste momento, de forma a garantir a produção de um grande espetáculo sem imputar custos diretos ao COI, a comercialização das edições olímpicas e a consequente profissionalização dos atletas foram legitimadas neste novo documento, e sua mudança efetivada através dos Jogos de Barcelona 1992, o que foi para Rubio (2010) um grande símbolo da profissionalização do esporte.

De acordo com Proni (2008), foi também em Barcelona 1992 que os Jogos Olímpicos se consolidaram como um grande espetáculo baseado nos interesses do mundo dos negócios e administrado pela lógica do mercado. Diferentemente do amadorismo defendido pelo COI ao longo do século XX, já não havia mais espaço para tal prática num mundo globalizado em que a dimensão econômica dos Jogos Olímpicos estava em consolidação, e que, conforme apresenta Rubio (2005), numa sociedade capitalista, não há dificuldades em identificar atletas amadores e profissionais.

Tal movimento do COI em virtude da obtenção de lucro foi previsto por Stone (2017) ainda em 1955, ao dizer que se o esporte se tornar comercializado, os espectadores serão em número muito maior do que os participantes, favorecendo a espetacularização. Tal argumento é corroborado por Bourdieu (1983), ao mencionar em seu texto “Como é possível ser

esportivo?” que o esporte-espetáculo figura mais claramente como uma mercadoria de massa e a organização de espetáculos esportivos como um ramo entre outros do *show business*.

A profissionalização dos atletas e a concepção dos Jogos Olímpicos enquanto marca, fortemente consolidadas na década de 1990, foram grandes estratégias pautadas no marketing esportivo que vieram a ser as opções mais rentáveis para o COI ao utilizarem o esporte como espetáculo. Ao também efetivar as parcerias público-privadas, asseguraram que os investimentos fossem realizados pelos governos das cidades-sede e empresas locais, o que para Boykoff (2013, p. 17), foi uma forma de concentrar o lucro para si e se eximir de gastos e impostos, já que é uma organização não governamental, sendo o novo *modus operandi* do COI para lidar com o seu sistema financeiro.

Pautado no ideal capitalista, tornou-se atrativo para o COI manter em seu cardápio olímpico modalidades que possuíssem um grande apelo da mídia, e que conseqüentemente, mobilizasse a sociedade e a economia, constituindo toda a sua movimentação a partir da lógica do mercado. O tênis, por exemplo, uma vez retirado dos Jogos Olímpicos de Amsterdam 1928 por não ser suficientemente amador, foi reintegrado ao conjunto de modalidades nos Jogos de Seul 1988 (GIGLIO, 2014), e hoje, não coincidentemente, é um dos esportes que mais movimentam dinheiro, tendo seus atletas no topo dos mais bem pagos do mundo⁸.

A transformação do mercado também impulsionou o COI a efetivar a criação da Agenda 2020 e posteriormente a Agenda 2020+5⁹ (no contexto pós pandemia de COVID-19), visando que as próximas edições sejam economicamente viáveis às cidades-sede. Com pilares relacionados à Jogos Olímpicos mais sustentáveis, igualdade de gênero e até mesmo a valorização dos esportes virtuais, o COI encontrou uma forma de atrair um público mais jovem e promover os valores olímpicos, assim como é objetivado, conforme Wong (2011), através da realização dos Jogos Olímpicos da Juventude (JOJ) desde sua primeira edição, em Singapura 2010.

O apelo do comitê ao público mais jovem nos últimos anos é uma alternativa que se justifica como tentativa de rejuvenescimento, porque a idade média da população dos EUA a consumir os Jogos do Rio em 2016, por exemplo, foi de 53 anos (LOMBARDO; BROUGHTON, 2017). E entre Londres 2012 e o Rio 2016 houve uma queda de 30% do

⁸ [Highest-Paid Female Athletes 2020: 50 Years After Creation Of Women's Tour, Tennis Dominates Earnings List](#)

⁹ [IOC Session approves Olympic Agenda 2020+5 as the strategic roadmap to 2025 - Olympic News](#)

número de espectadores dos Jogos Olímpicos entre 18 e 34 anos de idade (FLINT; VRANICA, 2016).

Segundo Bainer e Broughton (2009), as explicações para o declínio do engajamento do público jovem incluem a gama cada vez maior de opções de participação e consumo de lazer em atividades não necessariamente vinculadas ao esporte. Corroborando com o autor anterior, Chang (2016) constatou que o COI vem falhando substancialmente em tornar os Jogos Olímpicos interessantes aos jovens adultos, sendo que principalmente os adolescentes em sua grande maioria têm preferido atividades como internet, televisão, música e videogames.

O decréscimo da audiência juvenil com o passar dos anos mobilizou o COI a traçar estratégias para resgatar esta população e lidar com a chamada crise do Movimento Olímpico. Conforme apontam Thorpe e Wheaton (2011), foi deste esforço que surgiu a ideia de inserir esportes de ação com enfoque juvenil nas edições olímpicas de verão, como por exemplo o ciclismo mountain bike desde Atlanta 1996, e nos de inverno, com o *snowboarding* estreando em Nagano 1998.

Nos Jogos de Tóquio 2020, modalidades como o surfe, escalada, skate e ciclismo BMX estrearam oficialmente em uma edição olímpica (RENFREE; CUESON; WOOD, 2021). Para Paris 2024, será a vez do *breakdance*¹⁰. A renovação atrelada à inserção de novas modalidades esportivas vem dado resultado: no último ciclo olímpico, que correspondeu ao período entre 2017 e 2021, o COI teve receita de US\$ 7,6 bilhões¹¹, um aumento considerável, visto que no ciclo anterior (2013-2016), a receita foi de US\$ 5,7, uma diferença positiva de quase 2 bilhões de dólares.

O cheerleading, objeto de estudo desta pesquisa, recebeu do Comitê Olímpico Internacional reconhecimento provisório do COI em 2016 conforme apurou a ESPN¹². Em 2021, recebeu a mais alta distinção oferecida à uma modalidade esportiva¹³, sendo este o primeiro passo oficial para o ingresso oficial no programa olímpico.

Para integrar oficialmente o hall de modalidades olímpicas de acordo com o estatuto do COI, um esporte deve ser amplamente praticado por homens em pelo menos 75 países e quatro continentes e por mulheres em pelo menos 25 países e três continentes.

¹⁰ [COI oficializa estreia do breakdance na Olimpíada de Paris, em 2024](#)

¹¹ [COI divulga balanço com receitas de US\\$ 7,6 bilhões em ciclo olímpico alongado](#)

¹² [Cheerleading, Muay Thai get provisional IOC recognition](#)

¹³ [What the IOC's Recognition of Cheerleading Means for The Sport and its Athletes](#)

Kit McConnel, diretor esportivo do COI, via ESPN, afirmou sobre o cheerleading que há mais de 100 federações nacionais e aproximadamente 4.5 milhões de atletas registrados pelo mundo, cumprindo este requisito. De acordo com suas palavras, "[...] é um esporte com popularidade crescente, possui um forte apelo juvenil nas escolas e universidades e nós reconhecemos isso".

O cheerleading foi representado pela primeira vez nos Jogos Olímpicos de Inverno de 2018¹⁴ com apresentações da equipe dos EUA em Pyeongchang, na Coreia do Sul, e o que se debate agora é a possibilidade de estreia oficial da modalidade para a edição de verão em Los Angeles no ano de 2028¹⁵, visto que será uma competição realizada nos EUA, país onde a modalidade teve origem e possui grande apelo cultural.

O COI tem se mantido alinhado às expectativas das novas gerações, buscando agregar ao programa olímpico modalidades com forte apelo juvenil. Como forma de contornar a crise do Movimento Olímpico (MATARUNA-DOS-SANTOS; ZARDINI-FILHO; CAZORLA MILLA, 2019), esta estratégia que tem se mostrado assertiva. É plausível estimar que o movimento de renovação do programa olímpico irá perdurar, e que, portanto, modalidades como o cheerleading, que possuem amplo número de praticantes jovens e interações relevantes em redes sociais, recebam cada vez mais destaque pelo órgão e por ventura possam integrar o hall de modalidades olímpicas num futuro próximo.

2.2 A ORIGEM DO CHEERLEADING

O cheerleading teve seu início em uma das universidades mais conceituadas do mundo, a Princeton, no ano de 1869 em Nova Jersey nos Estados Unidos (EUA). Foi criado com o intuito de animar os espectadores durante as partidas universitárias de futebol americano através de gritos em coro e torcida de maneira organizada (MULLARKEY, 2010)

Thomas Peebles, graduado em Princeton, levou a prática de torcer organizadamente para a Universidade de Minnesota no ano de 1884. Foi lá que o então aluno Johnny Campbell oficial o grito de guerra da universidade e se tornou o primeiro líder de torcida reconhecido da história em 1898¹⁶. O termo *cheerleader*, pessoa que anima e lidera a torcida, tornou-se conhecido e utilizado desde então.

¹⁴ [Cheerleaders to create some noise at PyeongChang 2018](#)

¹⁵ [Three reasons why cheerleading should be at the LA Olympics in 2028](#)

Fortemente concebido como esporte feminino, o cheerleading era predominantemente masculino, assim como ocorria na grande maioria dos esportes olímpicos da época (NUNES, 2019; SANTANA; OLIVEIRA, 2022). Foi somente em 1923 durante uma partida também na Universidade de Minnesota que a participação de mulheres foi permitida, e o *boom* feminino foi experimentado anos mais tarde devido ao recrutamento do público masculino para a II Guerra Mundial (JARVIS, 2000). Atualmente, as mulheres constituem a sólida maioria dos atletas da modalidade (GOLDEN; KREFTING; PRINGLE, 2004).

De acordo com Mullarkey (2010), foi também na década de 1920 que as acrobacias emprestadas da ginástica artística foram incorporadas ao cheerleading. Devido à sua expansão, a primeira regulamentação surgiu em 1948 através da fundação da *National Cheerleading Association* (NCA), promovida Lawrence Herkimer em Dallas, Texas.

Posteriormente, Jeff Webb, ex-cheerleader da Universidade de Oklahoma e vice-presidente da NCA criou em 1974 a *Universal Cheerleaders Association* (UCA), com o intuito de aprimorar as técnicas de execução dos elementos e aumentar a segurança dos atletas de cheerleading. Foi através da UCA que implementaram o aprendizado progressivo com regras e técnicas de segurança e a inclusão de fundamentos básicos característicos.

Atualmente, as rotinas coreografadas contêm além dos elementos acrobáticos, canto (sessão torcida), dança, saltos, pirâmides, elevações e lançamentos de alta complexidade acompanhadas de um fundo musical, regras estabelecidas pela UCA na década de 1970. Em 2003 foi fundada a Federação *All Star* dos Estados Unidos (USASF) com o intuito de promover e dar consistência às regras do esporte e organizar o campeonato de equipes *All Star*, que ao ser intitulado de *The Cheerleading Worlds*, atraiu o interesse de outros países.

Em 2004, com a necessidade de uma gestão profissional para suprir a demanda global da modalidade, foi criada a ICU (*International Cheer Union*), que, com o apoio da IASF (*International All Star Federation*), organizou sua primeira reunião no dia 26 de abril deste ano em Orlando, contando a presença de 13 federações nacionais (ICU, 2015). Hoje, a ICU é o órgão oficial regulamentador da modalidade e possui um total de 116 países afiliados, dentre eles o Brasil, e tem como presidente Jeff Webb, o fundador da UCA, que ocupa o cargo há mais de 15 anos.

¹⁶ [The University of Minnesota Upholds Game Day Tradition!](#)

Somente nos EUA, existem aproximadamente 3,85 milhões de participantes da modalidade (LANGE, 2017). Em sua história, até mesmo ex-presidentes norte-americanos como Franklin D. Roosevelt e George W. Bush já foram *cheerleaders*¹⁷, sendo um esporte extremamente popular na cultura americana desde a educação infantil até o ambiente universitário (ADAMS; BETTIS, 2015).

O cheerleading tornou-se ainda mais popular após o lançamento da franquia *Bring It On*¹⁸ na década de 2000, obtendo somente com o primeiro filme mais de 90 milhões de dólares na época, superando em quase oito vezes o seu custo de produção. E devido à recente estreia da série documental *Cheer*, produzida pela Netflix¹⁹, que retrata a rotina pré-competição nacional da equipe *Navarro College*, no Texas, ainda está em alta nos dias de hoje, com a segunda temporada estrando em janeiro de 2022.

No campo acadêmico, por sua vez, são poucos os estudos sobre a modalidade, o que novamente justifica a importância desta pesquisa. O estado da arte do cheerleading está embasado em pesquisas relacionadas à área da saúde, principalmente sobre a prevenção de lesões. Tal temática é de fundamental importância no meio esportivo, principalmente com esta modalidade que já foi considerada a mais perigosa do mundo para atletas mulheres (LING; GHADISHAH, 2010).

Para além dos *baskets*, por possuir em sua composição elementos acrobáticos complexos e pirâmides de dois andares (quando uma pessoa se apoia no ombro da outra), o cheerleading se torna um esporte com um alto risco envolvido, incluindo um grande histórico de lesões catastróficas devido à complexidade elementos requeridos em uma rotina de competição (BODEN; TACCHETTI; MUELLER, 2003; HUTCHINSON, 1997; JONES; KHAZZAM, 2017; MUELLER, 2009; YAU et al., 2019).

Muito embora o cheerleading tenha surgido como entretenimento de torcidas durante partidas de futebol americano, a modalidade rapidamente se expandiu para torcer em esportes como vôlei, basquete e futebol e hoje é conhecido como cheerleading *sideline*, o clássico com pompons (ZDUNEK, 2020). No entanto, a modalidade também existe na vertente cheerleading competitivo, que é a abordada neste trabalho. Tal vertente foi popularizada por Jeff Webb em 1983, ao promover a primeira competição de cheerleading televisionada pela ESPN, fato marcante para a história da modalidade²⁰.

¹⁷ [10 Political Figures Who Started as Cheerleaders](#)

¹⁸ [Bring It On \(2000\)](#)

¹⁹ [Cheer - Netflix](#)

E não restam dúvidas de que o cheerleading é esporte, visto que de acordo com Barbanti (2006), “esporte é uma atividade competitiva institucionalizada que envolve esforço físico vigoroso ou o uso de habilidades motoras relativamente complexas, por indivíduos, cuja participação é motivada por uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos”, e o cheerleading cumpre todos os requisitos propostos pelo autor.

Os *cheerleaders* podem ser *flyers*, bases e/ou *tumblers* dentro de uma rotina, sendo os termo em inglês os mesmos utilizados pelo cheerleading no Brasil. De acordo com a USASF *Cheer Rules 2021-2022* (USASF, 2021), em tradução adaptada do autor:

Flyer: Atleta(s) sendo apoiado(s) acima da superfície de performance em um *stunt*, pirâmide ou arremesso.

Base: Uma pessoa que fornece suporte para a flyer. A(s) pessoa(s) que segura(m), levanta(m) ou lança(m) uma pessoa superior em um *stunt*. Deve estar em contato físico direto com a superfície de atuação. Se houver apenas uma pessoa sob o pé de uma pessoa superior, independentemente da colocação da mão, essa pessoa é considerada uma base.

Há também três tipos de base: laterais, composta geralmente por dois atletas que sustentam a flyer pelos pés; a base traseira, ou *backspot*, que auxilia na elevação da flyer e na sustentação e segurança; e a base frontal, ou *frontspot*, que auxilia a flyer a subir e a manter-se no alto. A presença de uma flyer e no mínimo uma base configuram a formação de uma elevação, ou *stunt*, conforme Figura 1 a seguir. Se houver uma base, é um *stunt* de base única, duas bases é um *stunt* de base dupla e etc. Quanto mais bases existirem para a sustentação da flyer, menor é a dificuldade do exercício.

²⁰ [Great Moments in Cheerleading: Could the Olympics Be Next?](#)

Figura 1. Configuração padrão de um *stunt* de cheerleading

Fonte: Acervo do pesquisador

Uma rotina de cheerleading competitivo é uma performance em grupo que envolve elementos de dança, acrobacias (*tumbling*), saltos (*jumps*), lançamentos (*baskets*), elevações (*stunts*) e pirâmides (junção de dois ou mais *stunts*) de modo coreografado com *motions* (movimentos característicos que representam figuras) e sincronizado com acompanhamento musical, o *cheer mix*. Requer do atleta flexibilidade, força e agilidade, além de expressões faciais, o *cheer face*, de modo a prender a atenção e animar aqueles que os assistem.

Conforme observou Borges (2019), o cheerleading se divide em duas vertentes: o *Cheer Acrobático*, vertente que engloba a dança e acrobacias, onde as acrobacias compõem a parte principal da rotina e o *Cheer Dance*: vertente em que a dança é a parte principal da rotina. Dentro do cheerleading acrobático temos as seguintes divisões:

Best Basket: apresentação em que ocorrem três arremessos da flyer pelas bases com posições no ar diferentes entre os arremessos.

Best Cheer: apresentação de 1 minuto composta por apenas um atleta realizando uma rotina composta por *tumblings*, *jumps*, *dance* e *motions*.

Best Jumper: apresentação composta por apenas um atleta realizando jumps individuais e em sequência.

Best Tumbler: apresentação composta por apenas um atleta realizando passagens de *running tumbling* e *standing tumbling*.

Elite Stunt: apresentação composta por três atletas, uma base lateral, uma base traseira e uma flyer.

Group Stunt: define uma apresentação de um grupo de quatro a cinco pessoas, sendo uma delas flyer e o restante bases.

Partner Stunt: define uma apresentação de base única e uma flyer. Há também um *spotter*, que não compõe a apresentação, porém está lá para garantir a segurança da flyer em caso de quedas.

Team Cheer: define uma apresentação de um time completo, a qual engloba todas as habilidades do cheerleading de acordo com o nível da equipe.

As equipes podem pertencer às categorias:

All Girl: equipe composta somente de atletas mulheres;

All Boy: equipe composta somente de atletas homens;

COED: equipe mista, com atletas de ambos os gêneros.

Dentro de uma competição as equipes são divididas por níveis de dificuldade baseados em critérios de segurança para a flyer estabelecidos pela USASF, sendo o nível 1 o mais básico e o nível 7 o mais avançado, nível este raramente visto fora dos EUA. Com relação as categorias, o cheerleading é dividido em escolar, para atletas vinculadas à uma escola de ensino fundamental ou médio; categoria universitária, com atletas vinculados à uma Instituição de Ensino Superior (IES) que representam a atlética da universidade; e categoria *All Star*, com times sem vínculos à uma escola ou universidade e com foco exclusivo para competição.

Cada rotina tem duração de 2 minutos e 30 segundos, e na categoria universitária há pelo menos mais 30 segundos anteriores dedicados à seção torcida em que cantam o grito de guerra da IES que representam. Há também categorias como o *pom dance*, jazz, hip hop e

high kick, com rotinas construídas a partir de elementos de dança²¹. Os atletas competem em tatames ou um tablado específico da modalidade, o *cheer floor*, com dimensão de 13x16 metros. Os regulamentos preveem equipes que variam entre 5 e 38 atletas. Existe a divisão *non tumbling* para rotinas sem a presença de acrobacias de solo.

Um desempenho satisfatório em uma rotina de cheerleading é avaliado principalmente pela sincronia da equipe, que quando performada com excelência, é o caracteriza uma rotina limpa. De modo a atingir a sincronia desejada, harmonia entre os atletas é fundamental para que todos estejam aptos a exercer sua função, sendo uma modalidade que requer trabalho em equipe, atenção e confiança entre todos, com destaque às flyers que são arremessadas no *basket* em alturas que podem ultrapassar os cinco metros de altura, fator inclusive certificado pelo Guinness World Records²², como exemplo na figura 2.

Figura 2. Exemplo de altura para um *basket* de cheerleading



Fonte: Página do Cheerfest no Facebook²³

O cheerleading possui competições altamente disputadas em campeonatos como o panamericano e mundiais²⁴, sendo que além dos EUA, países como o Chile, Colômbia, Austrália e Japão são as principais referências internacionais.

²¹ [Categorias - cheerleading](#)

²² [Highest cheerleading basket toss](#)

²³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/search/top/?q=cheerfest%20championship>>. Acesso em: 3 out. 2022.

²⁴ [The Recognized World Governing Body of Cheerleading: ICU World Cheerleading Championships](#)

2.3 HISTÓRIA DO CHEERLEADING BRASILEIRO

No cenário esportivo nacional, o cheerleading se oficializou entre 2005 e 2007 através da Comissão Paulista de Cheerleading. Em 2008, a União Brasileira de *Cheerleaders* (UBC) foi fundada por Wendel Oliveira e Rodrigo Gonçalves, dois profissionais de Educação Física que adquiriram conhecimento sobre o cheerleading no Chile com Tatiana Zapata e Benjamin Beltran. A UBC desde então por intermédio de Rodrigo se tornou primeiro órgão oficial no país vinculado à ICU. Antes disso, a prática era recorrente em escolas americanas no Brasil e apresentações em jogos de futebol americano, contudo sem maior representatividade.

No Rio de Janeiro, na mesma época, Cauê Souza retornando dos EUA, onde havia sido cheerleader escolar, iniciou um workshop de cheerleading em sua cidade natal, Volta Redonda. Posteriormente, iniciou o treinamento de uma equipe da faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que buscava construir uma equipe para torcida em jogos universitários (BORGES, 2019).

A primeira equipe de cheerleading oficial no país surgiu na UFSCar em 2009, sendo a pioneira na prática de liderar torcidas no ambiente universitário. Desde então, o Cheerleading vem figurado como um esporte amplamente praticado em diversas universidades do país, incluindo renomados institutos de ensino superior. O primeiro time allstar do país surgiu na mesma época no Rio de Janeiro, o Rio Twisters Allstar, tendo Cauê Souza como coach.

O primeiro campeonato brasileiro de cheerleading, o Campeonato Nacional de *Cheer & Dance* foi organizado pela UBC e ocorreu em 2011 no colégio CONSA em Moema, na cidade de São Paulo, e contou com apenas três equipes, UFSCar e UFABC representando São Paulo e a extinta Rio *All Stars*, na categoria *All Star*, do estado do Rio de Janeiro. Em 2015, Cauê Souza criou o Torneio Cheerfest na cidade do Rio de Janeiro; sendo hoje a maior competição de cheerleading do país²⁵, superando em 2016 o número de 500 atletas, conforme Figura 3, e em sua edição de 2019 em Uberlândia, Minas Gerais, contou com mais de 1000 atletas²⁶.

²⁵ [Contagem regressiva para o Cheerfest Supernational](#)

²⁶ [Campeonato de cheerleaders reúne mais de mil participantes em Volta Redonda](#)

Figura 3. Cheerfest *Supernational* em 2016 em Volta Redonda, Rio de Janeiro



Fonte: Página do Cheerfest no Facebook²⁷

O campeonato Cheerfest também já esteve presente como competição estadual nos estados do Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais desde 2017. Paralelamente, no mesmo ano foi criado por Felipe Leal no Rio de Janeiro o Campeonato Brasileiro de Cheerleading, competição realizada na Arena Olímpica da Barra da Tijuca.

A UBC, hoje acoplada em parte pela CBCD, o Campeonato Brasileiro de Cheerleading e o Cheerfest, são os três órgãos que representam as três lideranças de cheerleading no Brasil, que após anos de desalinhamento quanto ao desenvolvimento da modalidade no país, vieram a se alinhar em 2021, concebendo durante o Arena Cheer a primeira participação conjunta das três entidades em um único evento. Desde então, este alinhamento permanece visando principalmente unificar a gestão do cheerleading em território nacional, conforme observado na figura 4 via post em rede social a seguir.

²⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/search/top/?q=cheerfest%20championship>>. Acesso em: 3 out. 2022.

Figura 4. Alinhamento dos três principais órgãos de cheerleading no Brasil



Fonte: Página da CBCD no Instagram²⁸

Os campeonatos mundiais de cheerleading ocorrem no complexo da Disney em Orlando nos EUA, desde o ano de 2004. O Brasil enviou uma equipe pela primeira vez no ano de 2015, obtendo a décima terceira colocação na classificação final e em agosto do mesmo ano, o primeiro ginásio especializado em cheerleading foi inaugurado na cidade de Niterói, da equipe *Marvel All Stars*. Em 2017 foi criado o *Cheer One Channel (C1C)*, canal oficial das notícias de cheerleading no país e em 2018 a *Golden Cheer Company*, referência no país em cursos de capacitação em cheerleading.

Foi também em que 2018 tivemos o primeiro grande feito para a modalidade, em que o Brasil foi finalista nas categorias *COED* e *All Girl*, obtendo de acordo com o site oficial da ICU o décimo e o nono lugar, respectivamente. No ano seguinte, 2019, o Brasil conquistou o quarto lugar na categoria *COED Elite*, a melhor posição de sua história em um campeonato mundial²⁹. Em 2022, repetiu o feito na categoria *All Girl - Elite*³⁰ e ainda fez história para o país ao levar a primeira equipe *All Girl Júnior* para competir no evento.

Não obstante a prática da modalidade estar concentrada na região sudeste do país, existem hoje equipes em todas as regiões do Brasil, principalmente na categoria universitária,

²⁸ Disponível em: < <https://www.instagram.com/cbcdoficial/>>. Acesso em 03 out. 2022.

²⁹ [Mundial ICU | Brasil entre os cinco melhores do mundo](#)

³⁰ [2022 WC Results](#)

como a UFAM na região Norte, UFBA no Nordeste, UnB no Centro-oeste, UFRJ na região Sudeste e UTFPR na região Sul, por exemplo. No estado de São Paulo existem equipes em diversas universidades, incluindo as três universidades estaduais USP, UNESP, UNICAMP em diversos *campi*. Este crescimento em universidades corroborou para a inserção da modalidade no Campeonato Paulista Universitário (CPU) no ano de 2019. O CPU é um torneio tradicional organizado pela Federação Universitária Paulista de Esportes (FUPE) desde 1934 (HATZIDAKIS, 2006).

Em outubro de 2019 também ocorreu os Jogos Universitários Brasileiros (JUBs) em Salvador, organizado pela Confederação Brasileira de Desporto Universitário (CBDU) em parceria com o Comitê Olímpico do Brasil (COB). Nesta competição que o cheerleading estreou como modalidade oficial em um campeonato no Brasil vinculado a um órgão do governo federal³¹. Juca Battiste, coordenador-geral de eventos da CBDU, opinou sobre o cheerleading na época: “É uma modalidade que tem suas ações culturais, que também faz parte do espetáculo que a gente busca para a CBDU. Que tenha mais modalidades e mais pessoas envolvidas no contexto universitário”³². A CBDU inclusive, é vinculada ao maior órgão do esporte universitário mundial, a Federação Internacional de Esporte Universitário (FISU).

Em 6 de dezembro de 2019, a Confederação Brasileira de Cheerleading e Dança (CBCD) foi criada, coordenando as federações estaduais de cheerleading e dança nos estados de Minas Gerais, Paraná e São Paulo criadas no ano anterior. As federações possuem como principal objetivo promover e fomentar o cheerleading em seus estados dando suporte a CBCD no âmbito nacional e internacional. A CBCD funciona hoje como o principal órgão responsável pela modalidade no país, tendo como atual presidente Lara Magalhães.

No final de 2021 foi realizado por Cauê Souza o Arena Cheer, na cidade de Volta Redonda (RJ), o primeiro campeonato no país que contou com a parceria das principais lideranças do cheerleading no Brasil. E em 2022, a seleção brasileira de cheerleading obteve a prata na categoria COED Elite no Pan-Americano da modalidade, realizado em Santiago, no Chile. Este resultado conquistado foi o melhor até então, superando o do Pan de 2019, na Costa Rica, em que o Brasil havia ganhado o bronze na mesma categoria.

³¹ [Cheerleading: nova modalidade da fase final já é realidade no Brasil #roadtobahia](#)

³² [Cheerleading estreia nos JUBs com evolução da modalidade no Brasil](#)

2.4 GESTÃO DO CHEERLEADING E DESAFIOS

O cerne do cheerleading brasileiro se localiza na esfera universitária, sendo através de sua vivência o fator que motivou a criação das principais equipes de cheerleading *All Star* do país. Se faz necessário, portanto, compreender como o esporte universitário se configura no cenário do país, possibilitando uma possível ligação com o cheerleading atual e sua esfera de gestão esportiva dentro e fora do ambiente universitário.

Conforme apontam de Campo Borges e Buonicore (2007), desde a consolidação do esporte universitário brasileiro na década de 1940, constatou-se a falta de gestão que representasse o interesse comum de todas as organizações esportivas e a falta de uma estrutura financeira que possibilitasse o desenvolvimento almejado.

Starepravo et. al. (2010) ressaltou que se por um lado o esporte universitário era considerado uma prática de alto rendimento e deveria ser prioritariamente apoiado pela iniciativa privada por ser visto como uma mercadoria, por outro lado ainda havia um forte suporte financeiro do Estado, situação ainda observada no Brasil ainda presente nos dias atuais no esporte universitário do Brasil (CAMARGO; MEZZADRI, 2018).

De acordo com Starepravo et. al. (2010, p. 136):

O esporte universitário brasileiro tem sua lógica própria de funcionamento, mesmo seguindo algumas normas gerais de funcionamento dos campos. São as posições dos agentes, seus capitais, seu potencial de poder simbólico e suas redes de relações que determinam o funcionamento do subcampo. Tudo isso influenciado por lógicas do campo esportivo, mas também do campo político, do campo educacional e do campo da administração pública.

A lógica própria em que o esporte universitário está envolvido por décadas combinado ao caráter amador com o que o cheerleading foi historicamente administrado no Brasil caracteriza um desafio em termos de gestão e posicionamento da modalidade no meio esportivo. Apesar do trabalho de unificação realizado pela UBC na última década, a modalidade ainda se desenvolve por meio de diferentes lideranças espalhados pelo país, como pode ser observado por competições universitárias ao redor do Brasil como JOPRI, JUCA e Engenharíadas, que ocorrem sem qualquer respaldo do até então órgão máximo do país.

Bourdieu (1983) aponta que, dentro da lógica do campo da produção de bens e serviços do esporte profissional, é necessário alto nível de um pessoal técnico especializado e uma verdadeira gerência científica que seja capaz de organizar racionalmente o treinamento e a manutenção do capital físico dos profissionais. O usufruto da Lei nº 10.264, conhecida como Agnelo/Piva, que proporciona à diversas confederações olímpicas e paralímpicas uma renda perene para investir em projetos visando à preparação dos atletas e à participação nas

mais diversas competições nacionais e internacionais, além da aquisição de equipamentos e da contratação de pessoal especializado, como treinadores e profissionais de alto gabarito, entre outras ações pode ser uma alternativa para a recém-criada CBCD.

Uma gestão profissional possui competências administrativas como liderança, planejamento, coordenação e controle, de forma a cumprir os objetivos estabelecidos dentro de uma organização (BATEMAN; SNELL, 1996; CHIAVENATO, 2003). No que tange ao esporte, a chamada gestão esportiva é o processo de organização, direcionamento racional e sistemática de atividades físico-esportivas em geral, que ocorrem em ambientes de alto rendimento, lazer ou saúde (NOLASCO et al., 2005).

A formação em gestão do esporte teve origem nos programas acadêmicos em *sports management* nos Estados Unidos da década de 1960 de forma a suprir as demandas do esporte profissional e universitário da época (CHELLADURAI, 2013). No Brasil, por sua vez, o Conselho Nacional de Educação Física (CONFEF) atribui desde a Resolução 46 de 2002 a possibilidade de atuação dos profissionais formados em Educação Física "administração e/ou gerenciamento de instituições, entidades, órgãos e pessoas jurídicas cujas atividades fins sejam atividades físicas e/ou desportivas" (CONFEF, 2002, p. 1).

Apesar desta resolução, Mazzei et. al. (2013) demonstraram que não existe padronização curricular nos cursos de graduação em Educação Física no Brasil, sendo que os componentes oferecidos possuem formatos e objetivos diferentes, fator importante para quem busca se profissionalizar na área esportiva no país que ao buscarem conhecimento teórico, devem ir além da formação de graduação em Educação Física para desenvolverem competências no âmbito da gestão do esporte.

Uma gestão bem estruturada tem o potencial de impactar diretamente a saúde de seus envolvidos, conforme apontou Pedrosa (2011). Dentro do cheerleading, por sua vez, uma gestão estruturada pode se apresentar como alicerce à criação de uma prática mais segura da modalidade, beneficiando diretamente aos atletas de cheerleading que estão sujeitos à um elevado índice de lesões (BAGNULO, 2012; BODEN; TACCHETTI; MUELLER, 2003; MUELLER, 2009).

Somente uma organização satisfatoriamente estruturada se torna apta a aproveitar todos os tipos de oportunidades (JOHNSON; SCHOLLES; WHITTINGTON, 2009). A formação do gestor esportivo dentro do cheerleading, portanto, contribui assertivamente e profissionalmente ao esporte, o que coaduna com Chelladurai (2013), ao mencionar que o principal beneficiário de uma organização ainda é o grupo cujo benefício é a principal razão pela qual a organização existe, sendo que no caso do cheerleading, os principais beneficiários

diretos seriam as equipes de cheerleading e as federações e confederações na qual os gestores e atletas estão inseridos.

E como um dos principais beneficiários, o praticante de cheerleading no Brasil é qualquer pessoa que tenha vontade de se engajar. Diferentemente da ginástica artística, em que um tipo de corpo pode favorecer o seu desempenho (ACKLAND; ELLIOTT; RICHARDS, 2003), no cheerleading tem como premissa se tornar uma prática que se adequa todos os interessados, próximo do que é promovido pela ginástica para todos (ACACIO; JUNIOR, 2016).

Toda a sua logística de funcionamento está atrelada ao empreendimento dos próprios *cheerleaders*: os atletas utilizam seu capital financeiro pessoal para locação de espaço adequado, compra de equipamentos e uniformes, e custeio de viagens para competições nacionais e internacionais, sendo uma prática em que há forte comprometimento dos envolvidos, investido dinheiro e o seu tempo de lazer.

Segundo de Almeida e Gutierrez (2005), se apoiando na visão de Elias e Dunning, o lazer surgiu devido às necessidades dos indivíduos em buscarem compensações positivas após as tensões dia-a-dia relacionadas ao trabalho, refletindo atividades de livre escolha que promoviam e ainda promovem sociabilidade, mobilidade e imaginação.

O sociólogo Stebbins (2017) constatou em uma pesquisa sobre lazer na década de 1970 com atletas amadores e profissionais de beisebol, que para os atletas entrevistados haviam diferentes tipos de lazer: o lazer casual, que oferece relaxamento e entretenimento, e o lazer sério, observado em atividades que necessitavam de alto nível de comprometimento.

O lazer casual é relacionado a uma atividade imediata que gera sentimentos satisfatórios de curta duração, definido pelo sociólogo como a busca pelo bem-estar, não ocorrendo a necessidade de recompensa conforme observado no lazer sério. No lazer casual figuram oito principais tipos de atividade: jogo, relaxamento, trabalho voluntário casual, entretenimento passivo, entretenimento ativo, conversação social, estimulação sensorial e atividades físicas aeróbicas. Neste tipo de lazer não existem horários e nem planejamento pré-estabelecidos para a prática, destacando o hedonismo como principal característica, pois a produção significativa de prazer e contentamento durante essas atividades a partir do momento específico de fruição desse tempo (STEBBINS, 2017).

O lazer baseado em projetos tem como pré-requisito uma iniciativa de curto prazo que seja desenvolvida apenas uma única vez ou ocasionalmente e de modo criativo, podendo preceder o indivíduo ao desejo do lazer sério. De acordo com Stebbins (2017), no momento em que a atividade do lazer baseado em projetos ocorre, o lazer não há intenção dos

participantes em se desenvolver nisso. Eles podem possuir frequência semanal, mensal ou até anual e para que sejam realizados, se faz necessário planejamento e criação de uma rotina, podendo gerar sentimentos de satisfação e aprendizado. Os principais exemplos são as atividades religiosas e confraternizações.

O lazer sério foi diferenciado dos outros por estar nitidamente relacionado com uma prática sistemática, não necessariamente vinculada ao descanso e bem-estar e podendo estar fortemente atrelada a situações de estresse devido à busca constante por resultados e habilidades específicas.

Tal fator alterou até mesmo a pesquisa do sociólogo, visto que os atletas identificaram a prática de beisebol enquanto mais do que lazer casual, pois estavam determinados a alcançar altas performances e se empenhavam ao máximo para desenvolver suas habilidades, bem como investiam tempo e dinheiro, considerando a prática de beisebol como “algo sério” (OLIVEIRA; DOLL, 2014).

Em uma entrevista para o jornal O Tempo³³, Stebbins definiu o lazer sério da seguinte forma:

O lazer sério inclui amadores (pessoas que se recusavam a considerar suas práticas um lazer, quando havia alto comprometimento de sua parte: músicos, atores, jogadores de futebol, mágicos, comediantes, arqueólogos e astrônomos). Ele se refere também aos praticantes de hobby (fazem ou brincam com coisas, participam de esportes, por exemplo, tiro com arco, corrida de longa distância, tênis de mesa, artes marciais; e leitura para conhecimento especializado, por exemplo, história militar, culinária étnica, gêneros de pintura ou música).

Os atletas amadores não consideram suas atividades como propriamente um lazer casual, tampouco pretendem atuar profissionalmente. Também não configuram vantagens financeiras, mas podem, em determinado momento, ocupar-se do lazer sério com um trabalho secundário, diferenciando-se dos profissionais por não possuírem dedicação integral de seu tempo (STEBBINS, 2012).

A prática do cheerleading no Brasil se assemelha ao conceito de lazer sério observado pelo sociólogo, posto que há um alto comprometimento dos envolvidos para a modalidade, com dedicação de finais de semana inteiros e eventualmente também dias da semana, a participação de familiares e viagens para competições em outros estados, na grande maioria das vezes custeada pelo próprio atleta, por exemplo. Compreender esta particularidade é fundamental para traçarmos estratégias para o cheerleading no futuro, visando tanto o alto rendimento quanto também a prática pelo lazer.

³³ ['O lazer casual é muito fraco para afastar a ansiedade'](#)

No entanto, é importante ressaltar que tal característica evidencia que, caso a modalidade caminhe para a profissionalização, o alto rendimento necessitará de investimentos do primeiro setor visando o seu pleno desenvolvimento desde a base, assim como já ocorre com outras modalidades já consolidadas no Brasil, como a ginástica artística e o voleibol, presentes no programa olímpico. Neste contexto, especificamente, não haverá mais espaço para o cheerleading se desenvolver competitivamente no longo prazo somente a partir do dinheiro dos próprios atletas e familiares.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo se apoiou essencialmente na pesquisa qualitativa de caráter exploratório, cuja prática principal para a coleta de dados ocorre através da análise documental e a aplicação de entrevista semiestruturada (GODOY, 1995).

As principais características da pesquisa qualitativa são: 1. O ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave da mesma; 2. Os resultados surgem da interpretação de um fenômeno em seu contexto e da descrição do mesmo; 3. A preocupação é com o processo e não simplesmente com o produto; 4. A essência deste método: detectar os significados que um grupo de pessoas atribui a um fenômeno (TRIVINÕS, 1987).

Ressaltamos que este trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Artes, Ciências e Humanidades e obteve a aprovação através do registro n. 37114820.3.0000.5390.

3.1 COLETA DOS DADOS

O primeiro momento da pesquisa diz respeito à análise dos regulamentos oficiais das competições de cheerleading realizadas no ano de 2019, o último ano com competições antes da pandemia de COVID-19. São eles os regulamentos provenientes da União Brasileira de Cheerleading (UBC), da Federação Universitária Paulista de Esportes (FUPE) e do Torneio Cheerfest. O principal regulamento internacional, oriundo da *International Cheer Union* (ICU), também foi analisado para identificarmos convergências e divergências frente aos modelos nacionais. Posteriormente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os principais coaches de cheerleading na região metropolitana de São Paulo.

Triviños (1987, p. 138) salienta que “[...] talvez sejam a entrevista semiestruturada, a entrevista aberta ou livre, o questionário aberto, a observação livre, o método clínico e o método de análise de conteúdo os instrumentos mais decisivos para estudar os processos e produtos nos quais está interessado o investigador qualitativo” (grifo do autor).

Ao realizar uma entrevista, o pesquisador pode elaborar um questionário com perguntas preestabelecidas como guia de orientação para conduzir a entrevista. O questionário deve permitir que o participante descreva e reflita sobre uma experiência específica vivida anteriormente.

O entrevistador deve atentar-se para que suas perguntas e comentários suscitem ao sujeito participante articular as suas intenções e significados, o que é comumente conhecido como “não ser tendencioso”. O importante é permitir a “encenação livre daquilo que esta pessoa viveu, sentiu e pensou a propósito de alguma coisa” (BARDIN, 2010, p. 89).

Esclarecemos que uma questão pode ser suficiente para originar respostas completas e que atendam ao problema a ser pesquisado, porém, os roteiros podem ser bem vistos se, e somente se, servirem para explorar e não interrogar ou induzir o participante da pesquisa.

As questões exploraram o tópico e a experiência do participante. O pesquisador-entrevistador deve estar alerta para indicações interessantes que possam surgir e que merecem ser mais bem exploradas. Destaca-se que a intervenção do pesquisador deverá ocorrer somente para aprofundar a compreensão de conteúdos relativos ao fenômeno que está sob o foco.

Por esse motivo, optamos pela entrevista semiestruturada para adaptarmos, alterar ordem ou mesmo realizar novas perguntas e também oferecermos ao informante a liberdade e a espontaneidade necessárias, o que poderia enriquecer os depoimentos (TRIVIÑOS, 1987).

3.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Como critério de inclusão, optamos por entrevistar os principais treinadores de cheerleading da cidade de São Paulo e regiões adjacentes que possuem ampla experiência como treinadores, e vivência em competição, tendo participado enquanto equipe de cheerleading ao menos uma das três competições oficiais — UBC, FUPE ou Cheerfest — no ano de 2019 o último ano com competições regulares antes da pandemia de COVID-19.

A amostra inicial foi composta por oito coaches (termo usual para treinador ou treinadora de cheerleading) atuantes no cheerleading nas categorias universitária e/ou *All Star*. A seleção dos mesmos se deu pelo reconhecimento dos pares da comunidade esportiva na qual estão inseridos em função de sua contribuição para o desenvolvimento da modalidade tanto no estado de São Paulo quanto no Brasil, visto que todos realizaram campings em outrosestados do país. Foi também requerida experiência mínima de cinco anos na posição de treinador, pois é o período ideal para vivenciarem os principais desafios na área e decidir se estão motivados o suficiente para seguirem na profissão (KERSAINT et al., 2007; RONESS; SMITH, 2010). Um treinador ou treinadora que satisfazia os critérios se mostrou indisponível no período da coleta de dados, sendo a amostra final composta por sete coaches.

O coach de cheerleading é aquele que ministra para além do treinamento da modalidade em si, desde o preparo físico até mesmo a organização, o planejamento estratégico, a gestão financeira e frequentemente até o marketing do local em que atua, sendo, funções características de um gestor esportivo (MELLO; SILVA, 2013). No momento da entrevista, todas as entrevistadas e entrevistados ocupavam o cargo com as respectivas funções descritas acima para pelo menos uma equipe de cheerleading.

Os participantes da pesquisa foram contatados primeiramente por meio das redes sociais com Facebook Messenger, Whatsapp e Instagram, por meio dos quais foi esclarecida a procedência do projeto e realizado o convite à participação voluntária no mesmo. Em virtude da pandemia de COVID-19, a maioria foi entrevistada de maneira remota através de plataformas como Google Meet ou Zoom conforme quadro 1 abaixo, possibilitando assim a execução do distanciamento social necessário para evitar risco de contágio pelo novo coronavírus.

Quadro 1. Relação data/duração das entrevistas

Técnico	Data	Duração	Modalidade
C1	13/01/2022	45:25:00	Online / Google Meet
C2	19/01/2022	46:52:00	Online / Google Meet
C3	20/02/2022	46:15:00	Online / Google Meet
C4	25/02/2022	59:12:00	Online / Google Meet
C5	06/03/2022	53:32:00	Online / Zoom
C6	08/03/2022	44:55:00	Presencial
C7	17/03/2022	41:19:00	Presencial

Fonte: De autoria própria

Ao aceitarem a participação, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi devidamente assinado e a entrevista realizada de modo online ou presencial, com gravação. Lembramos que a qualquer momento o sujeito participante esteve livre para desistindo processo da pesquisa, caso sentisse necessidade.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi realizada com o apoio do software de análise qualitativa Atlas.ti versão 9 e a partir da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011) que compreende três distintas etapas: pré-análise (fase de transcrição das entrevistas realizadas com os coaches, com surgimento de possíveis hipóteses); exploração do material (fase de codificação dos dados, com inicial seleção de informações e dados mais relevantes); e categorização (organização das informações em Unidade de Registro, tratando-se dos temas recorrentes dentre os dados coletados, e Unidade de Contexto, que corresponde a uma seleção de discursos coletados, que confirmam as unidades de registro).

A duração da entrevista foi flexível e dependeu das circunstâncias e da disponibilidade do entrevistado, além do teor do desenvolvimento do assunto oferecido pelo sujeito participante e pesquisador.

Optamos pela gravação, na íntegra, da entrevista e posterior transcrição, pois acreditamos ser esta forma a mais fidedigna a todo material fornecido pelo informante. É possível, também, que o entrevistado tenha acesso a esse material para confirmar ou esclarecer algum ponto da entrevista.

Destacamos que os dois estudos - documental e entrevistas – serão complementares no sentido de realizar uma análise uníssona dos modelos de organização competitiva vigente e os protagonistas diretos daqueles eventos.

O roteiro da entrevista para os dirigentes abordou os seguintes temas: a. Quanto ao perfil dos gestores (sobre suas experiências na modalidade, formação e atuação profissional); b. Quanto as suas contribuições para o desenvolvimento da modalidade no Brasil c. Quanto as perspectivas de crescimento do cheerleading no cenário nacional; d. Sugestões com relação ao andamento atual da modalidade visando melhorias; e. Expectativas quanto a inserção oficial do cheerleading no programa olímpico nas próximas edições e quais caminhos percorrer.

No presente estudo, optamos pela amostra não-probabilística ou intencional, ou seja, estamos interessados na opinião de um grupo específico da população que poderá contribuir, efetivamente, com os objetivos deste estudo. Após a definição de roteiro de entrevista, elaboração do termo de consentimento e a devida aprovação do Comitê de Ética, deu-se início a realização das entrevistas.

3.4 A ANÁLISE DE CONTEÚDO

A análise de conteúdo é um método de pesquisa para fazer inferências replicáveis e válidas de dados para seu contexto, com o objetivo de fornecer conhecimento, novos insights, uma descrição condensada e ampla do fenômeno e um guia prático para a ação (KRIPPENDORFF, 2018). É definida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (DOWNE-WAMBOLDT, 1992).

Foi através da elaboração de seus conceitos fundamentais e da sistematização técnica de seu emprego pela obra de Laurence Bardin (2011) que esta metodologia se expandiu e foi ganhando adeptos, principalmente no Brasil, e por isso é a principal referência da análise de conteúdo no presente estudo.

Como procedimento metodológico, a análise de conteúdo predomina na abordagem voltada à atividade do indivíduo, criador de seu conhecimento com base em suas experiências pessoais, sociais e em seus valores. Esta proposta recupera o caráter histórico de cada realidade individual, além de assentar-se, também, nos pressupostos de uma concepção do dinamismo interacional que se estabelece entre linguagem, pensamento e ação.

No presente estudo, focalizamos na modalidade temática, cuja asserção sobre determinado assunto, pode ser representada por uma simples sentença, um conjunto delas ou um parágrafo através de unidades de contexto. Incorpora, também, com maior ou menor intensidade, o aspecto pessoal atribuído pelo respondente acerca do significado de uma palavra e/ou sobre as conotações atribuídas a um conceito, e envolve não apenas componentes racionais, mas também, ideológicos, afetivos e emocionais. Por meio dessa modalidade, podemos obter um grande número de respostas permeadas por diferentes significados (BARDIN, 2011).

A técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin compreende três etapas, a saber:

1) Pré-Análise: realiza-se a transcrição integral das entrevistas, ou seja, os dados são organizados fisicamente e “tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (BARDIN, 2011, p.121). É realizada a primeira leitura do material (leitura flutuante) e pode ser o momento em que surgem as primeiras impressões e hipóteses para as discussões seguintes.

2) Exploração do Material: realiza-se a codificação dos dados. Na análise de conteúdo, essa codificação “corresponde a uma transformação efetuada segundo regras precisas dos

dados em bruto do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão; susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir como índices” (BARDIN, 2011, p.129).

3) Sob um título genérico, um grupo de elementos comuns é agrupado e comporta as seguintes etapas: a) “o inventário, ou seja, isolar os elementos; e b) a classificação, ou seja, repartir os elementos, e, portanto, procurar ou impor uma certa categorização às mensagens” (BARDIN, 2011, p.146).

As categorias, por sua vez, são organizadas em unidades de registro e contexto:

a. Unidades de Registro (UR): segmento de conteúdo para a categorização e a contagem de frequência, se for o caso. No nosso estudo, a unidade de registro a ser adotada será o tema definido como “a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto” (BARDIN, 2011, p.14). Ressaltamos que a contagem de frequência não se caracterizará como condição essencial, pois os extremos serão considerados e poderão incitar discussão significativa com a literatura.

b. Unidades de Contexto (UC): segmentos do texto ou mensagem que confirmam as unidades de registro que, no caso, serão uma palavra, um conjunto de palavras, uma frase, algumas frases ou um parágrafo, exploradas nos quadros ao longo do trabalho.

3.5 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Este estudo apresenta limitações importantes quanto à sua amostra. O tamanho da mesma foi definido de forma a abranger os coaches responsáveis pela modalidade, sendo que alguns deles possuem impacto no âmbito nacional. Contudo, ao haver um crescimento exacerbado e descentralizado do cheerleading no país com o conseqüente aumento do número de equipes, o número reduzido de entrevistados permite considerar os possíveis resultados encontrados apenas para a população abordada neste trabalho.

Outro fator impactante no decorrer da pesquisa foi a pandemia de COVID-19. O isolamento social, necessário para evitar o contágio com o vírus, impossibilitou que a prática de cheerleading ocorresse como da maneira usual, visto que modalidade é coletiva e que, portanto, necessita de um grupo de pessoas para realizar os exercícios característicos como as pirâmides e elevações. A pandemia também interrompeu todas as competições, nacionais e mundiais por dois anos, 2020 e 2021, dificultando a coleta de dados presencial, como era o planejamento inicial para este estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da transcrição e análise das falas das entrevistadas e entrevistados, foi efetuada primeiramente a caracterização do perfil dos coaches de forma a compreender aqueles que trabalham com cheerleading na região metropolitana de São Paulo. No segundo momento, os temas recorrentes citados por eles foram separados em unidades de registro (temas), cada qual contendo as respectivas unidades de contexto (discurso), explorados abaixo à luz da literatura científica.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS COACHES

Para a análise dos dados foram utilizadas as respostas dos sete principais coaches que atuaram em equipes de cheerleading no município de São Paulo até a data da coleta de dados que satisfaziam os critérios pré-estabelecidos nos procedimentos metodológicos: ter atuado em ao menos uma das competições oficiais no ano de 2019, anterior à pandemia de COVID-19 e possuir no mínimo cinco anos de experiência na função de treinador da modalidade. Na tabela 1 a seguir, é possível observar o perfil sociodemográfico dos treinadores responsáveis pelas equipes de cheerleading que integraram esta amostra.

Tabela 1. Dados sociodemográficos dos entrevistados

Variáveis	Incidência
Gênero	
Masculino	3
Feminino	4
Faixa etária	
21-25	-
26-30	6
31-35	1
36-40	-
Possui ensino superior	
Educação Física	3
Outra área	2
Não possui	2
Realizou cursos específicos de cheerleading	
Sim	7
Não	-

Tempo de experiência enquanto coach		
	5 a 9 anos	2
	Mais de 10 anos	5
Quantidade de equipes que trabalha atualmente		
	Nenhuma	1
	1 equipe	1
	2 equipes	2
	3 equipes	2
	4 equipes	1
Carga horária semanal com o cheerleading		
	1 a 5 horas	2
	6 a 10 horas	3
	11 a 15 horas	1
	16 a 20 horas	-
	Mais de 20 horas semanais	1
Experiência internacional com o cheerleading		
	Sim	5
	Não	2
Já exerceu mais de uma função na equipe		
	Sim	7
	Não	-
Trabalha em outro local além do cheer		
	Sim	7
	Não	-

Fonte: De autoria própria

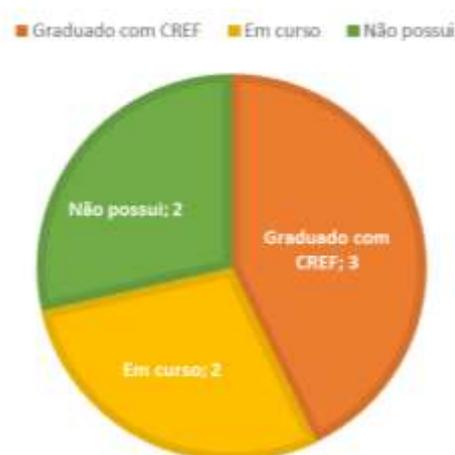
Constatou-se que a média de idade entre os entrevistados é de 29,2 anos, sendo o coach mais novo com 27 e a coach mais velha com 31 anos. O coach de cheerleading é mais jovem que a média dos gestores esportivos do Brasil em geral, que de acordo com revisão de literatura elaborada por Zanatta et. al. (2018), possuem em média 40 anos de idade. Com relação ao tempo de experiência com cheerleading, a média dos respondentes foi de 10,1 anos. Visto que a modalidade teve seu primeiro campeonato oficial em 2011, a experiência dos entrevistados coincide com o início da trajetória do cheerleading no Brasil.

Do total de entrevistados, quatro são do gênero feminino, o que corresponde a 51,7% da amostra e três são do gênero masculino, sendo 42,9% do total. Além da participação feminina ser a maioria, duas das coaches entrevistadas também representam a recém-criada Federação Paulista de Cheerleading nas posições de presidente (C3) e vice-presidente (C5), e uma delas também faz parte da CBCD na posição de Diretora Geral, observando-se uma

participação significativa de mulheres em cargo de liderança na modalidade e distinguindo-se da predominância masculina em posições de gestão esportiva (LOUGH; GEURIN, 2019). A presença feminina em cargos de liderança também é fundamental para destruir estereótipos de gênero e conseqüentemente contribuir para um aumento da participação de mulheres em posições de destaque dentro do meio esportivo (LAVOI; BAETH, 2018).

Conforme Figura 5, do total de 7 entrevistados, 2 deles (28,6%) ainda não possuem ensino superior e nem estão cursando, o que ainda não é um problema para exercer o cargo devido à modalidade estar em processo de regularização. No entanto, todos eles possuem ao menos um curso de introdução ao cheerleading realizado ao longo de sua carreira, o que corrobora com Paixão (2013) ao demonstrar que no universo dos esportes radicais, os profissionais da área recebem conhecimento somente através de cursos oferecidos por entidades específicas da modalidade tanto nacionais quanto internacionais e utilizam grande parte de sua experiência prévia como embasamento técnico. Nestes cursos, contudo, não foram abordados aspectos técnicos da gestão esportiva.

Figura 5. Formação em Educação Física dos coaches de cheerleading



Fonte: De autoria própria

De acordo com Bettanim et. al (2017), a experiência anterior pode ser definida como um modelo artesanal, que tem como característica principal o trabalho norteado pela experiência própria adquirida sobre determinado assunto ao longo do tempo, sendo que este conhecimento prévio foi herdado de pessoas que já possuíam essa experiência prévia consolidada e referendada pelo grupo aos quais pertenciam transmitindo-a posteriormente aos

novatos. Todas as entrevistadas e entrevistados já atuaram enquanto atletas de cheerleading ao longo da carreira esportiva, obtendo a experiência anterior da modalidade durante este período de atleta. Seis deles ainda são atletas e integravam ao menos uma equipe de cheerleading durante a coleta de dados desta pesquisa.

Cinco dos entrevistados possuem formação de ensino superior, sendo que 3 são formados em Educação Física e 2 são formados em áreas diferentes (Pedagogia e Engenharia de Produção), porém estão cursando a segunda graduação em Educação Física com o intuito de obterem o registro no CREF e se regularizarem como treinadores dentro da legislação atual. De acordo com a Lei nº 9696/98, esta regularização foi promovida com o intuito de garantir a qualidade da profissional que instrua atividade física (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2008), contudo, após o Projeto de Lei 7370/2002, modalidades como circo, dança e capoeira, semelhantes ao cheerleading em composição, não estão incluídas nesta regulamentação.

Sobre a experiência internacional, a vasta maioria dos entrevistados (71,4%) possui ao menos uma vivência com o cheerleading em território estrangeiro como atletas da modalidade em viagem de negócios ou lazer, sendo os Estados Unidos o principal destino, mas também Chile, Colômbia e México foram mencionados. No momento da entrevista, duas das coaches entrevistadas estavam em preparação para o mundial de cheerleading de 2022 em Orlando, nos EUA, uma enquanto integrante da comissão técnica e outra enquanto atleta da seleção brasileira de cheerleading no time *All Girl*. Além da internacionalização, todos os coaches entrevistados também possuem experiência como treinadores da modalidade em outros estados do Brasil.

Com relação à exercer mais de uma função dentro da equipe, todos os entrevistados relataram que sim, destacando que as principais outras tarefas executadas além da função de coach foi a de planejamento de marketing, finanças e comercial, por exemplo. Todos os entrevistados também apontaram que atuam em outros locais que não estão relacionados especificamente com o cheerleading, caracterizando a não exclusividade da atuação como gestor ou gestora, e evidenciando que o cheerleading faz parte da vida dos coaches em horários diferentes do período dedicado à principal fonte de renda dos mesmos.

4.2 CRESCIMENTO DO CHEERLEADING NO BRASIL

Assim como ocorreu nos Estados Unidos durante o século XIX, as universidades também foram a porta de entrada do cheerleading no Brasil. Entre os anos de 2008 e 2009 ocorreram os primeiros campings da modalidade tanto no estado de São Paulo, com destaque à UNESP no campus Bauru e UFSCar, quanto no estado do Rio de Janeiro na UFRJ, ambos os eventos comandados por pessoas que adquiriram experiência internacional com o cheerleading, sendo esta experiência adquirida no exterior primordial para o crescimento da modalidade no país. As respostas referentes ao crescimento do cheerleading no Brasil podem estão expostas no Quadro 2 abaixo.

Quadro 2. Respostas sobre o crescimento do cheerleading no Brasil

Unidade de Contexto
C1. “Antigamente não tinha regra né? Não tinha níveis no Brasil. O <i>cheer</i> era muito livre as pessoas podiam fazer elementos de nível um até nível cinco numa rotina e hoje já é tudo muito estruturado né? Hoje a gente segue realmente um código de pontuação que quando a competições são anunciadas, elas informam qual vai ser o código que vai ser usado.”
C1. “A quantidade de atletas mudou, é absurda a quantidade de equipes que a gente tem no país hoje. Você vê tanto de ginásio que cresceu, que abriram né? Quantidade de pessoas que estão estudando <i>cheer</i> , estão comentando o esporte.”
C1. “A gente tinha um esporte que antigamente os campeonatos eram sempre em São Paulo, depois passaram a ser no Rio... o maior campeonato de 2019 foi em Uberlândia, né? Então, assim, o esporte tem crescido muito.”
C2. “Eu acredito que a maior mudança mesmo é nessa parte de organização, assim, em geral. Antigamente não tinha muita gente, né? Era bem livre, não tinha níveis, aí depois implantaram níveis, aí cada vez que os ginásios vão crescendo, qual o nível vai competir no novo ano e aí com isso vai crescer no esporte, né? Mas é muito importante a comunicação que ainda não é tão clara.”
C2. “Então acho que a competitividade tem sim até um pouco de rivalidade, mas eu também acho que é essa parte aí dá é até bom se preferir de esporte que aí vai brigando e vai criando e aí foi assim que cresceu aqui em São Paulo.”
C3. “Eu lembro que em 2013 o meu primeiro campeonato a gente conseguia colocar os times enfileiradinhos assim um do lado do outro, e hoje esquece que a gente quer fazer isso só com universitário não dá, talvez com escolar.”
C3. “Se for pensar em questão de estruturação quando eu entrei não tinha nível. Todo mundo compete com todo mundo. Então isso também já mudou muito a especialização de níveis.”
C3. “Em nove anos foi absurdo o crescimento. Isso sem contar a quantidade de universitários, né. Que hoje ainda o que fomenta o são os universitários.”
C5. “Eu acho que a gestão atual fez muita diferença porque por um longo período de tempo tipo a gente tinha a UBC que ela exigia muito dos atletas, mas não dava retorno. Quando a gente começou a criar as federações o nosso principal objetivo foi dar instrução, dar possibilidades, dar fomento, dar e a gente nunca exigiu nada em troca.”

C6. “É questão de poder e interesse, e eu falo isso porque eu já participei de uma reunião quando falaram como ia ser a UBC e tudo mais e eu vi que meu aqui tem muita coisa que não faz sentido e é só politicagem... as pessoas que são dinossauros do *cheer* querem voto vitalício, mesmo não fazendo mais nada no esporte, porque assim cara se você não está vivendo você não sabe que esporte precisa, entendeu?”

C7. “Esses dias saiu uma reportagem no Globo Esporte que a gente tem aí aproximadamente 10 mil praticantes pelo Brasil todo, né? Ou seja, explodiu! No meu primeiro campeonato em 2013 tinham só três equipes, hoje já tem mais de 100 que competem, principalmente universitárias.”

Os times de cheerleading universitários dominavam o cenário da época, sendo que as primeiras equipes se formaram não coincidentemente de locais em que campings haviam sido ministrados, a exemplo a equipe Cheerleading UFScar e a Deliders, da Unesp de Bauru e a UFABC *Cheer*, grandes nomes do início das competições no país.

A criação do Campeonato Nacional de *Cheer & Dance* pela UBC em 2011 proporcionou que os estados de SP e RJ se mantivessem no centro do cheerleading competitivo do Brasil, sendo que as primeiras competições *All Star* ocorreram com times destes estados, através dos cariocas Avengers e Rio *All Stars* e em 2013 com a estreia do *Fierce Extreme*, primeira equipe *All Star* paulista.

Foi no ano de 2014 que estreou competitivamente na categoria *All Star* a primeira equipe fora do eixo Rio - São Paulo, a Brasília Xtreme, e desde então, o crescimento da modalidade no país foi estrondoso. Tal fato é corroborado por C1 ao mencionar a própria mudança dos locais de competição: “A gente tinha um esporte que antigamente os campeonatos eram sempre em São Paulo, depois passaram a ser no Rio... o maior campeonato de 2019 foi em Uberlândia, né? Então, assim, o esporte tem crescido muito.”

De acordo com um levantamento realizado pelo C1C³⁴, estimou-se ao menos 600 equipes universitárias por todo o país no ano de 2020. O que coaduna com as falas de C1: “A quantidade de atletas mudou, é absurda a quantidade de equipes que a gente tem no país hoje. Você vê tanto de ginásio que cresceu, que abriram né? Quantidade de pessoas que estão estudando cheer, estão comentando o esporte.”

Na fala de C3, ao relatar que: “Eu lembro que em 2013 o meu primeiro campeonato a gente conseguia colocar os times enfileiradinhos assim um do lado do outro, e hoje esquece que a gente quer fazer isso só com universitário não dá, talvez com escolar.” e ainda por C7 em: “Esses dias saiu uma reportagem no Globo Esporte que a gente tem aproximadamente 10 mil praticantes pelo Brasil todo, né? Ou seja, explodiu! No meu

³⁴ [Quanto cresceu o cheer até 2020?](#)

primeiro campeonato em 2013 tinham só três equipes All Star, hoje já tem mais de 100 que competem, principalmente universitárias."

Este crescimento também pode ser observado via ferramenta Google *Trends*, conforme Figura 6 abaixo, que contabiliza a evolução do número de buscas por uma determinada palavra na plataforma, em que nos últimos 5 anos, entre 2017-2022, o termo “cheerleading” representou uma tendência para além dos estados precursores da modalidade, como no Paraná, Distrito Federal, Minas Gerais, Goiás, Bahia e Rio Grande do Sul. A modalidade tem gerado interesse também em locais em que o cheerleading ainda não é tão reconhecido.

Figura 6. Popularidade do termo “cheerleading” no Google *Trends* de 2017-2022



Fonte: Google *Trends*³⁵

A gestão atual de cheerleading no Brasil também teve impacto no crescimento da modalidade através da criação da CBCD e demais federações. Conforme expõe C5: *“Eu acho que a gestão atual fez muita diferença porque por um longo período de tempo tipo a gente tinha a UBC que ela exigia muito dos atletas, mas não dava retorno. Quando a gente começou a criar as federações o nosso principal objetivo foi dar instrução, dar possibilidades, dar fomento, dar e a gente nunca exigiu nada em troca.”*

O voleibol, modalidade já consolidada no cenário esportivo brasileiro e com diversos títulos olímpicos e mundiais, se desenvolveu no país através de ciclos, tanto na sua forma de praticar e assistir quanto na administração e consumo do esporte, conforme apontou Marchi Júnior (2001). Para o autor, a primeira virada foi caracterizada pelo estágio embrionário ou pré-requisito para a mercantilização da prática esportiva, objetivando a profissionalização da modalidade e a segunda, com a profissionalização dos indivíduos que compõem o campo

³⁵ Disponível em: < <https://trends.google.com/trends/explore?date=2017-01-01%202022-10-03&geo=BR&q=cheerleading>>. Acesso em 03 out. 2022

esportivo, inclusive do âmbito da gestão, corroborando com o processo de espetacularização da prática esportiva.

No Brasil, o cheerleading atual vive nuances do que o voleibol viveu na década de 1980. Marchi Júnior (2001) aponta que a primeira virada do voleibol brasileiro só veio através da superação da condição amadora do esporte e a obtenção da medalha de prata pela seleção masculina nos jogos de Los Angeles 1984. A implementação de uma gestão que almeja profissionalizar e regulamentar os níveis de competição de cheerleading no país demonstra que este esporte está seguindo o caminho que outras modalidades seguiram anteriormente: o de se desvincular do viés amador e se adequar às demandas do esporte moderno, de se alinhar aos ideais capitalistas, que requerem o esporte espetáculo e a profissionalização de seus envolvidos.

Este movimento de superação do amadorismo pode ser constatado nas falas de C1 em: *“Antigamente não tinha regra né? Não tinha níveis no Brasil. O cheer era muito livre as pessoas podiam fazer elementos de nível um até nível cinco numa rotina e hoje já é tudo muito estruturado né?...”*, C2 em *“...Antigamente não tinha muita gente, né? Era bem livre, não tinha níveis, aí depois implantaram níveis, aí cada vez que os ginásios vão crescendo, qual o nível vai competir no novo ano e aí com isso vai crescer no esporte, né?...”* e por C3 em: *“Se for pensar em questão de estruturação quando eu entrei não tinha nível. Todo mundo compete com todo mundo. Então isso também já mudou muito a especialização de níveis.”*

O cheerleading também apresenta características da segunda virada do voleibol, visto que há um movimento de profissionalização das práticas que envolvem a modalidade. A inserção do cheerleading em 2019 no CPU da FUPE e no JUBs da CBDU, órgãos com fomento do governo estadual paulista e federal, respectivamente, e a indicação de membros para o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) da CBCD através da portaria 001/2021, por exemplo, são acontecimentos que estão alinhados com o crescimento e profissionalização da modalidade no país, a consolidando como modalidade em ascendência.

O alinhamento entre todas as frentes que coordenavam o cheerleading no Brasil no ano de 2021, conforme apresentado na Figura 7 em que contém todas as frentes de cheerleading no país de forma unida e estruturada, é também uma estratégia assertiva em prol da profissionalização e crescimento da modalidade. Mazzei (2012) demonstrou ao realizar um estudo de caso sobre a Confederação Brasileira de Judô, que uma gestão profissional é vista como uma expectativa fundamental dentro das organizações esportivas brasileiras responsáveis pelo desenvolvimento e gestão do esporte alto rendimento.

Figura 7. Organograma das instituições de cheerleading no Brasil



Fonte: Página da CBCD no Instagram³⁶

Conforme relatam C2 em: “... mas é muito importante a comunicação que ainda não é tão clara.” e C6 em: “...aqui tem muita coisa que não faz sentido e é só politicagem...”, apesar de a modalidade ter crescido, os coaches ainda sentem falta de comunicação assertiva e de mais transparência na tomada de decisão. Pizzolato (2004), em sua pesquisa sobre o voleibol brasileiro, constatou que para os entrevistados, a adoção da profissionalização na gestão das organizações esportivas envolve, entre outros pontos, responsabilidade, transparência, competência, dedicação integral, remuneração, capital humano especializado e estrutura organizacional definida e que esse processo estava se desenvolvendo no país, mesmo que de forma lenta e heterogênea.

Em função de que o crescimento do cheerleading no Brasil também ocorre de forma gradativa e heterogênea, estes pontos são fundamentais para o crescimento da modalidade no país e eventualmente consolidá-lo como modalidade tradicional e amplamente praticada conforme o voleibol e o judô vivenciaram décadas atrás. É importante ressaltar que apesar de ser um case de sucesso, a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) também esteve sob investigação de casos de corrupção envolvendo lavagem de dinheiro e organização criminosa, ressaltando que com o crescimento do cheerleading no Brasil, a CBCD deve criar mecanismos para se precaver de situações semelhantes.

³⁶ Disponível em: < <https://www.instagram.com/cbcdoficial/>>. Acesso em 03 out. 2022.

4.3 DESAFIOS DE GESTÃO NO CURTO E MÉDIO PRAZO

O crescimento exponencial do cheerleading nos últimos anos contribuiu no país também para a exposição de problemas oriundos da lógica na qual a modalidade se estabeleceu no Brasil, na qual serão explorados neste capítulo a partir das considerações pontuadas pelos entrevistados. Dois temas se destacaram referentes aos principais desafios de curto prazo (até dois anos) e médio prazo (entre dois a cinco anos) elencados pelos entrevistados: o primeiro deles é a dificuldade de obtenção de patrocínio esportivo; o segundo diz respeito à necessidade de regularização do cheerleading no país. As respostas dos coaches obtidas através da coleta de dados estão expostas no Quadro 3 a seguir.

Quadro 3. Respostas referentes aos desafios de gestão no curto e médio prazo

Unidade de Contexto
C1. “Apesar de a gente ter um pouco mais de dez anos de esporte aqui no país a gente ainda está engatinhando, né? A gente está crescendo ainda. Então a gente ainda não tem patrocínio, a gente não anda com as próprias pernas.”
C2. “Foram surgindo muitos atletas bons, mas o principal não mudou né, não tem apoio nenhum, não tem patrocínio, não tem nada. Tem que ser atletas bons e ricos também, né? Fica difícil a gente evoluir se não tem essa base nesse investimento pra trazer todo mundo.”
C2. “Tem sempre lá o grupo de no WhatsApp aí eu vejo que não são todos os coaches que participam assim dessas conversas eu só acho meio ruim né? Normalmente fica só lá os do Rio de Janeiro.”
C3. “E agora eu acho que está entrando aí a organização que é justamente a criação das federações. Elas criam realmente essa situação de toda organização que o esporte demanda para conseguir mais verba, um bolsa-atleta... então a gente está conseguindo estruturar realmente pensando lá na frente.”
C3. “No curto prazo eu acho que vai ser mais a conscientização das pessoas. Por que eu tenho que aderir a federação? Por que que eu tenho que aderir a Confederação? Por que que esses são os órgãos que hoje estão regulamentando? Então eu acho que hoje as pessoas tem que começar a entender a estruturação de todas as modalidades mesmo.”
C5. “O amadorismo às vezes nem é tão ruim, mas o cheerleading. Aconteceu comigo eu não posso julgar, de tipo, ah, eu treinei, eu sou um bom atleta, quero uma equipe, vou criar uma equipe, só que tá, como que eu vou lidar com essa equipe? Não sei, eu não tenho educação física, eu nunca fiz nenhum curso, eu não tenho nenhuma experiência prévia, tô aqui na faculdade de engenharia, gostei do esporte e vou dar treino. E como que a gente vai profissionalizar o esporte no Brasil com pessoas assim, sabe? No começo foi necessário porque ninguém conhecia o <i>cheer</i> , nada. Mas agora isso não é mais necessário.”
C6. “Daqui até o final do ano, eu acredito que seja consolidação dos ginásios que sobreviveram à pandemia. Então, acho que a gente vai voltar a correr no mesmo na época que a gente corria antes.”
C6. “No meio da pandemia ainda a gente não tinha vacina e tinha gente treinando. E assim, cara, é um esporte de contato. Todo mundo sabe que covid é uma doença que, putz, meu, é fácil, muito fácil. Então, pra mim, antes da pandemia, a gente era responsável. A pandemia mostrou que nem todo mundo pensa desse jeito, entendeu? Então, pra mim foi um grande divisor de águas e agora eu enxergo o <i>cheer</i> brasileiro voltando a engatinhar. Tipo, a gente tá engatinhando pra começar a pensar como um esporte grande que é nos Estados Unidos, Chile.”

C6. “Se você não está vivendo você não sabe que esporte precisa, entendeu? Então, assim, você pode votar numa ideia, como os campeonatos serem em julho. Mas se você não é atleta ou se você não é coach de um de um ginásio, você não vai saber se aquilo é bom ou ruim, entendeu? É muita politicagem. E também os preços de filiação... não está condizente com o cenário pós-pandêmico brasileiro.”

C7. “Eu já ouvi falar de equipe de em várias universidades espalhadas pelo Brasil, incluindo a Universidade Federal do Amazonas, por exemplo. E quem está dando treino no Amazonas, sabe? Eu não sei. Há falta de informação e alinhamento.”

C7. “Em 2019 teve uma equipe da UFBA que ganhou o Campeonato Brasileiro Universitário e ninguém nem conhecia. Cresceu muito mas ainda é uma zona, muito descentralizado. Precisamos de união, todo mundo na mesma página.”

C7. “Tem muita coisa bastante informal. Eu fui organizar uma competição e tive bastante dificuldade de encontrar árbitros de *cheer* com experiência ou sequer que tenham feito um curso. Até também para as pessoas acharem a gente que trabalha com a modalidade, geralmente é pela mensagem de Instagram ou algum conhecido que indicou. Temos que melhorar isso.”

4.3.1 A DIFICULDADE PARA OBTER PATROCÍNIO ESPORTIVO

Um dos problemas apresentados pelos coaches foi a falta de patrocínio dos atletas, conforme o depoimento de C1 em: *“Apesar de a gente ter um pouco mais de dez anos de esporte aqui no país a gente ainda está engatinhando, né? A gente está crescendo ainda. Então a gente ainda não tem patrocínio, a gente não anda com as próprias pernas.”* e de C2 em: *“Foram surgindo muitos atletas bons mas o principal não mudou né, não tem apoio nenhum, não tem patrocínio, não tem nada. Tem que ser atletas bons e ricos também, né? Fica difícil a gente evoluir se não tem essa base nesse investimento pra trazer todo mundo.”*

A dificuldade de obtenção de patrocínio esportivo também já foi apontada como fator fundamental para a permanência de talentos em modalidades olímpicas como o atletismo (DA ROCHA; DOS SANTOS, 2010), o remo (SOUSA, 2010) e na recém incluída escalada esportiva (PEREIRA et al., 2019).

Se o cenário para as modalidades olímpicas já não está favorável, a CBCD possivelmente terá um processo ainda mais trabalhoso com relação à obtenção de patrocínio aos atletas de cheerleading. Através da fala de C3 é possível constatar que a recém criação das federações esportivas de cheerleading são passo importante para a consolidação da modalidade. De acordo com ela, as federações *“...criam realmente essa situação de toda organização que o esporte demanda para conseguir mais verba, um bolsa-atleta... então a gente está conseguindo estruturar realmente pensando lá na frente.”*

A presença de patrocínio, portanto, além de ser fator fundamental para o desenvolvimento de modalidades, é também uma importante ferramenta de oportunidade

mercadológica para as empresas (MACHADO; ZEM, 2003). De Sousa, de Mattos e de Sousa (2005) demonstram que “esta característica é um dos pontos positivos do marketing esportivo, pois o produto está para o consumidor de uma forma não tão explícita de venda e, mesmo não sendo o foco principal do evento, será lembrado pelo público, funcionando como uma mensagem de qualidade.”

Um legado de sucesso que envolveu patrocínio esportivo no país diz respeito à criação da Liga de Voleibol na década de 1990. Para Almeida et. al. (2012), apesar de na época o Brasil estar em um cenário econômico desfavorável, com alto índice de desemprego, crescimento da economia informal, descontrole inflacionário e múltiplas falências de empresas entre outros, ele explicita que:

[...] a proposta de criação da Liga de Voleibol proporcionou a existência de um campeonato com equipes competitivas, sustentado pela mídia e por patrocinadores. Com as negociações sendo realizadas pelos especialistas de marketing das empresas, os sistemas foram aperfeiçoados de acordo com as necessidades dos clubes, empresas, federações e televisões, resultando em mais uma estratégia bem sucedida pelo retorno publicitário, financeiro e pela presença do público espectador nos ginásios. (ALMEIDA et al., 2012, p. 152)

A gestão atual do cheerleading, via esforços da CBCD, sistematizou as ligas esportivas de cheerleading que integram o Campeonato Brasileiro de Cheerleading, o Campeonato Nacional, o Cheerfest e a *Arena Cheer*. Deste modo, eles acoplaram as competições que aconteciam de forma isolada uma das outras com o intuito de centralizar a tomada de decisão e organizar a modalidade no país.

Decisão esta que se assemelha aos ideais da criação da Liga de Voleibol na década de 1990, deve ser compreendida como início de uma estratégia para angariar patrocínios de empresas para equipes de cheerleading, universitárias e *All Star* espalhadas pelo país, visando incentivar o crescimento da modalidade e sanar um dos principais gargalos que é a falta de patrocínio para os atletas da modalidade. Este fato impede o Brasil de desempenhar ainda melhor em campeonatos panamericanos e mundiais, pois no sistema atual muitos talentos não são possuem condições financeiras para arcar com os gastos de competições, que ultrapassam os R\$ 10 mil por campeonato mundial, por exemplo. Obter patrocinadores é decerto uma das formas de democratizar o acesso para atletas de cheerleading que estejam aptos a competir e, no entanto, não possuem condições financeiras para bancar custos elevados para estes eventos.

Dentro da lógica da obtenção de patrocínio no Brasil, e também como foi relatado por Almeida et. al. (2012) no caso do voleibol, bons resultados em competições impactam diretamente na visibilidade da modalidade e conseqüentemente nas possibilidades de obter

patrocínio. Portanto, traçar estratégias para obter cada vez melhores resultados e melhores patrocínios é pré-requisito, e neste primeiro momento, como o cheerleading é um esporte com apelo juvenil e popularidade significativa, planejar a presença dele em pontos estratégicos como a representação da CBCD via participação da presidente Lara Magalhães no Congresso Olímpico Brasileiro é uma atitude assertiva em termos de networking.

Integrar grandes eventos esportivos e programas televisivos também é uma excelente estratégia para visibilidade, o que devido à característica de espetáculo que o cheerleading envolve é uma demanda relativamente fácil. Nos últimos anos, por exemplo, a modalidade esteve presente no Brasil em programas televisivos como o do Fábio Porchat na Record TV³⁷, no Se Vira nos 30 do Faustão na Globo (em que a UFSCar levou o grande prêmio de R\$ 30 mil)³⁸ e em grandes eventos como na abertura do World Skills 2015 sediado em São Paulo contendo *cheerleaders* paulistas e cariocas e a FIVB World League 2015 em São Bernardo do Campo, com apresentação da UFABC.

4.3.2 A REGULARIZAÇÃO DO CHEERLEADING NO PAÍS

Para aproveitar 100% das oportunidades de forma a criar parcerias com grandes empresas e organizações é indispensável que toda a gestão esteja estruturada e organizada (JOHNSON; SCHOLE; WHITTINGTON, 2009). No caso do cheerleading, os ganhos financeiros e a visibilidade obtidas em emissoras de televisão e grandes eventos esportivos de alguns times não retornaram com grande impacto para a modalidade em geral, devido ao sequer conhecimento da gestão responsável da época sobre o que cada time planejava, o que impossibilitou a criação de parcerias e relações frutíferas com os meios de comunicação em prol da divulgação da modalidade, demonstrando um problema profundo que remete à falta de alinhamento e gestão da UBC na época, o que de certa forma coaduna com o cenário nacional de gestão esportiva brasileira como um todo ainda se comporta de forma amadora, o que restringe o desenvolvimento do esporte nacional (MATTAR 2013; TEIXEIRA, 2021).

A falta de profissionalização atrelada à falta de recursos financeiros fez com que por exemplo, todos os resultados de campeonatos oficiais entre 2011 e 2020 estejam incompletos, de acordo com o Portal *Cheer*, plataforma independente criada em 2022 para divulgar resultados via Instagram, o que é uma grande perda para a história da modalidade no Brasil.

³⁷ [Fábio Porchat, Paulo Vieira e Fabiano Cambota são cheerleader por um dia](#)

³⁸ [Equipe de cheerleaders da UFSCar fatura R\\$ 30 mil no 'Se Vira nos 30'](#)

Uma plataforma que ofereça os resultados oficiais é imprescindível para a modalidade se tornar mais transparente e organizada. Nela, deve constar qual o código utilizado e quem compôs a banca de arbitragem de todas as competições de cheerleading existentes no país, a regularização, portanto, é extremamente importante.

Como primeira ação de forma a organizar a modalidade, a CBCD já adotou como estratégia que os clubes e equipes espalhadas pelo Brasil mantenham um CNPJ e se filiem à entidade, estratégia esta que pode promover o alinhamento outrora negligenciado e evitar que oportunidades futuras em meios de comunicação sejam desperdiçadas, visto que quanto mais uma modalidade aparece nos meios de comunicação de massa, maior será o retorno publicitário dos patrocinadores e, como resultado, maior será a possibilidade de mercantilizá-la (DE GIOVANNI; GEBARA; PRONI, 1995).

A CBCD oferece como benefícios oriundos da filiação, por exemplo, participação em clube de descontos em empresas, acesso exclusivo à eventos, descontos em campings e workshops, voto na Comissão de Atletas e acesso ao Sistema Brasileiro de Cheerleading, porém não há informação da quantidade oficial de equipes no país e destas, quantas estão filiadas à entidade, o que torna este mais um dos desafios atuais, pois de acordo com C3: *“No curto prazo eu acho que vai ser mais a conscientização das pessoas. Por que eu tenho que aderir a federação? Por que eu tenho que aderir a Confederação? Por que que esses são os órgãos que hoje estão regulamentando? Então eu acho que hoje as pessoas tem que começar a entender a estruturação de todas as modalidades mesmo.*

Outros episódios relatados por C7 em: *“Eu já ouvi falar de equipe de em várias universidades espalhadas pelo Brasil, incluindo a Universidade Federal do Amazonas, por exemplo. E quem está dando treino no Amazonas, sabe? Eu não sei. Há falta de informação e alinhamento.”* e em *“Tem muita coisa bastante informal. Eu fui organizar uma competição e tive bastante dificuldade de encontrar árbitros de cheer com experiência ou sequer que tenham feito um curso...”* exemplificam a necessidade de formalização e a carência nos últimos anos dentro do cheerleading brasileiro de pessoas especializadas em gestão e planejamento.

Por conseguinte, no cenário de curto prazo um dos principais desafios da CBCD e dos responsáveis pela gestão da modalidade é o de trabalharem em conjunto para a centralização de ideias e de estratégias para o crescimento do cheerleading de forma estruturada. Neste escopo, são ações assertivas a capacitação de coaches, o oferecimento de cursos de arbitragem e a organização de todas as competições que ocorrem nas esferas escolares, universitárias e

All Star, de modo que tudo o que ocorra dentro da modalidade a nível nacional tenha sido promovido através de estratégia e planejamento de uma gestão centralizada.

As estratégias apontadas devem incorporar o plano de ação da gestão do cheerleading através da CBCD e da UBC no curto e médio prazo, o que certamente irão gerar benefícios importantes para o crescimento da modalidade, conforme ações observadas no voleibol na década de 1990. É necessário que os órgãos de fomento do cheerleading trabalhem em consonância para aumentar a taxa de adesão dos times e regularizar o que por ora ainda evolui com pouquíssimo respaldo técnico adequado, o que C5 cunhou de “cheerleading”, ao mencionar que as equipes muitas vezes são comandadas por pessoas sem formação técnica adequada, o que impede que a modalidade evolua de modo profissional e seguro.

Por via destas ações de regularização propostas para a CBCD, o cheerleading deve observar maior formalização no médio prazo, visando aumentar a obtenção de patrocínio, e até mesmo contemplar atletas no programa Bolsa-Atleta do Governo Federal. Todas estas medidas possuem como beneficiários destas os próprios *cheerleaders*, o que coaduna com Chelladurai (2013), ao mencionar que o principal beneficiário de uma organização ainda é o grupo cujo benefício é a principal razão pela qual a organização existe.

4.4 GESTÃO DA MODALIDADE NO LONGO PRAZO

Após ações de regularização da modalidade discutidas no capítulo anterior e que devem ser consideradas no curto prazo para que o cheerleading seja dispute o seu lugar no segmento esportivo do país, surge um novo desafio pensando em sua gestão no longo prazo: a sua gestão considerando o alto rendimento e a sua manutenção enquanto modalidade de espetáculo com foco em apresentações.

A partir da partir da análise das respostas pertinentes ao tema, três principais temáticas se sobressaíram: a profissionalização da gestão do cheerleading, com o capítulo seguinte traçando um paralelo com o voleibol brasileiro e o início de sua trajetória no Brasil; a exigência de formação específica para a atuação na área; e a implementação de programas escolares de cheerleading visando o crescimento da modalidade. As respostas dos coaches pertinentes ao tema podem ser observadas no Quadro 4 a seguir.

Quadro 4. Respostas referentes à gestão da modalidade no longo prazo

Unidade de Contexto
C1. “Eu acredito que com a nova gestão e cada vez mais estruturada, daqui alguns anos com essa com esse crescimento do esporte a gente já vai ter ainda mais atletas, mais visibilidade e mais oportunidades.”
C2. “Esse ano está tendo até o Team Brazil Júnior. O pessoal menor nossa que legal. Está crescendo também essa parte e aí pra mostrar o que tem no Brasil lá fora cada vez mais.”
C3. “Mas em nove anos foi absurdo o crescimento. Isso sem contar a quantidade de universitários, né. Que hoje ainda o que fomenta o são os universitários. Muito eu acho que a agora o pensamento é conseguir entrar num escolar. Então, conseguindo fazer esse crescimento de escolar ser tão grande quanto foi o universitário a gente ter aí a base de crianças mesmo. E aí sim a gente vai conseguir ver esse nível de cheerleading de crescer ainda mais, né? Tem total potencial.”
C3. “Então a gente está primeiro estruturando a casa porque estava tudo uma bagunça e aos pouquinhos a gente está conseguindo fazer como qualquer outra modalidade esportiva. Aí se você quer participar, você tem que ser federado. Então, vamos lá, vamos começar a federar a galera, vamos começar a estruturar igual em qualquer outra modalidade. Mesmo porque a gente tá conseguindo também pela confederação o apoio junto ao que é o COB. Então, tudo tá começando aí entrar pra ser realmente reconhecido.”
C3. “Então o eu acho que quem está à frente está muito mais estudado, está muito mais vivido. Está pegando o cheerleading em uma outra época também, é muito diferente comparar um com o outro... as pessoas estão começando a entender, estão mais abertas então tem tudo de grauzinho por de grauzinho, mas eu acho assim que está sendo uma boa gestão. E o fato de conseguir o apoio do COB eu acho uma coisa muito importante e a confederação já está em alinhamento com isso. O estatuto da confederação da UBC, das federações já são todas de acordo com a lei Pelé. As federações, confederação tudo já tem um a parte de direito esportivo muito bem embasada então tudo está sendo estruturado pra ser da melhor forma.”

C3. “A gente vai conseguir começar realmente a padronização do *cheer* em questão de formação, até porque se a gente vai vincular com o COB realmente vai ser reconhecido como esporte aqui, e aí tem que ser um preparador físico por cada equipe. E vai entrar a questão acadêmica da educação física... de tudo isso então e vai ser muito mais fácil de trabalhar porque esse passo a passo já foi e é só crescimento mesmo de visibilidade, até investimento em propaganda, esse tipo de coisa pra conseguir trazer maior atenção e trazer mais retorno financeiro do tipo patrocínio... que você pode ter uma empresa e tem o abatimento nos impostos e consegue financiar aí um ginásio, uma associação. E aí também entra a questão de todo ginásio ter CNPJ. Que é uma coisa que também tem que começar a ser. Então toda essa estrutura eu acho que é no longo prazo.”

C4. “Eu vejo que uma coisa que seria bem importante que acontecesse nos próximos anos é que diminuísse um pouco a faixa etária, né? Porque nós temos muitos praticantes da grande maioria das pessoas a partir da faculdade.”

C4. “A gente precisa ir para a esfera escolar também. E todo mundo que vê de fora fala isso pra gente. Porque eu escuto as pessoas que vêm de fora do país conversar e conhecer o nosso país e nosso esporte. Então vamos falar isso. precisam descer a faixa etária, por quê? Porque quando as pessoas estiverem na faculdade elas vão ficar muito mais preparadas né? Por que os Estados Unidos é o que é? Por que o Chile é o que é? Porque as pessoas começam muito cedo.”

C5. “Esse ano atleta que está indo pro mundial que conseguiu patrocínio do governo estadual pra competir no mundial por causa que a gente tem toda a papelada, toda burocracia limpa, né? Que é uma coisa que não tinha antes. Então os atletas do Brasil não conseguiam pedir patrocínio antes, agora eles conseguem. E a meta é expandir”.

C5. “Inserindo crianças no esporte é também foi uma chavinha que ligou assim para o crescimento forte no Brasil. Porque como eu acho que todo esporte começa é a base.”

C5. “A FPCD e a CBCD já vai dar cursos, a gente tem um monte de coisa. Então, por que uma equipe não pode abrir um CNPJ? Por que que um professor de *cheer* não pode fazer Educação Física? A gente vai dar um prazo para a exigência do CREF, para exigir curso, filiação e todo time tem que ter sempre CNPJ.”

C6. “Eu acredito que a gente siga um naipe de esporte de elite, sabe? Esgrima, hipismo, aqueles esportes que tem uma visibilidade boa mais restrita. Infelizmente não é uma visão boa, né? Tipo a nossa mensalidade já é uma das mais baixas e mesmo assim tem gente que reclama.”

C7. “Eu acredito que a gente vai ter mais ginásios espalhados pelo Brasil. A gente tem já tem bastante, né? Já alguns em São Paulo, no Rio de Janeiro. Também no Paraná, em Brasília, no Espírito Santo e Minas Gerais.”

C7. “Eu quero cada vez mais, acho que um cara que a modalidade cresça, que as pessoas consigam praticar cada vez mais cedo, enquanto criança, porque você consegue se desenvolver melhor na modalidade que você tem mais tempo. Logicamente falando isso vai impactar diretamente aí no seu auge, né? E na sua dedicação para a modalidade no futuro. Eu acho que é um caminho que o Brasil vai tender a seguir daqui pra frente, igual ocorre nos Estados Unidos que tem pessoas que vivem da modalidade. O *cheer* deve deixar de ser amador para ser cada vez mais profissional.”

4.4.1 PROFISSIONALIZAÇÃO DA GESTÃO DO CHEERLEADING

A lógica em que a modalidade se estruturou no Brasil voltado à prática pelo lazer, e posteriormente, após a criação de times universitários e equipes *All Star* por estes mesmos praticantes, fez com que todas as pessoas envolvidas na modalidade estivessem aptas para contribuir com o seu crescimento, porém devido a quantidade limitadas de horas que

dispunham e ao acúmulo de funções, a gestão da modalidade fica prejudicada, pois o acúmulo de funções pode impactar negativamente na qualidade de gerenciamento das mesmas (CRENSHAW, 2021). Todos os entrevistados desta pesquisa, por exemplo, eram atletas, treinadores e gestores de ao menos uma equipe, e este acúmulo de funções é profundamente comum no cheerleading brasileiro.

A principal guinada da modalidade no longo prazo é abandonar o caráter amador com qual foi criada e profissionalizar a gestão, tanto para o alto rendimento quanto para o estabelecimento e planejamento de práticas de cheerleading de apresentação visando a sua divulgação e evolução. De acordo com Mattar (2013), os “gestores não podem ter mais o perfil de voluntários entusiastas com o esporte, e que devem ter o conhecimento técnico para que a gestão da instituição esportiva alcance um nível de profissionalismo que contribua para a evolução do esporte.”

Ainda para Mattar (2013), em gestões com falta de conhecimento específico da área, os dirigentes são eleitos por conselhos, trabalham como voluntários e suas ações são voltadas para a manutenção do corpo dirigente no poder, além da não cobrança por resultados organizacionais. Por outro lado, em gestões profissionais de instituições esportivas, os dirigentes são contratados, remunerados, têm formação técnica para exercer o cargo, sua administração é voltada para aproveitar oportunidades de mercado e são cobrados por resultados.

O caminho já de profissionalização já está sendo traçado, conforme fala de C3, que também está à frente da presidência da FPCD: *“Então o eu acho que quem está à frente está muito mais estudado, está muito mais vivido. Está pegando o cheerleading em uma outra época também, é muito diferente comparar um com o outro... as pessoas estão começando a entender, estão mais abertas então tem tudo de grauzinho por de grauzinho, mas eu acho assim que está sendo uma boa gestão. E o fato de conseguir o apoio do COB eu acho uma coisa muito importante e a confederação já está em alinhamento com isso. O estatuto da confederação da UBC, das federações já são todas de acordo com a Lei Pelé. As federações, confederação tudo já tem um a parte de direito esportivo muito bem embasada então tudo está sendo estruturado pra ser da melhor forma.”*

Um progresso referente à esta guinada na profissionalização pode ser observado na fala de C5 em: *“Esse ano atleta que está indo pro mundial que conseguiu patrocínio do governo estadual pra competir no mundial por causa que a gente tem toda a papelada, toda burocracia limpa, né? Que é uma coisa que não tinha antes. Então os atletas do Brasil não conseguiam pedir patrocínio antes, agora eles conseguem. E a meta é expandir”*. A

dificuldade na obtenção de patrocínio foi amplamente abordada pelos entrevistados e discutida no capítulo anterior, sendo que muitos deles desconheciam que alguns atletas já conseguiram patrocínio devido à uma melhor estruturação da gestão da CBCD, conforme abordou C5, o que deve ainda ser expandido no longo prazo.

Dentro do escopo de atuação do profissional em gestão esportiva, são definidas inúmeras competências como definir visão estratégica, planejar, buscar objetivos, construir relações, etc (MILISTETD et al., 2017). No cenário brasileiro, ainda não se conseguiu um impacto/legado no sistema esportivo sendo constatado de forma concreta a ausência de uma gestão profissional, ética e responsável, assim como a falta de visão estratégica e a ineficiência na utilização dos recursos disponíveis (QUINAUD et al., 2019).

Neste raciocínio, é importante compreendermos para além da realidade que permeia a grande maioria das gestões e discutir, portanto, um modelo de sucesso visando inspiração para a gestão e o desenvolvimento do cheerleading no longo prazo. O voleibol, por exemplo, também enfrentou dificuldades frente à gestão da modalidade no início da década de 1970, contudo hoje, a modalidade está consolidada no cenário esportivo brasileiro, com resultados significativos em campeonatos mundiais, títulos olímpicos e diversos centros esportivos públicos e clubes privados espalhados pelo país.

Dada a sua trajetória de sucesso ao longo das últimas cinco décadas e por possuir uma variedade de artigos científicos discutindo os desafios da modalidade, o voleibol foi escolhido para compreendermos o seu processo de crescimento no Brasil e identificar possíveis lacunas de gestão no cheerleading que possam ser trabalhadas a partir do que foi feito anteriormente em uma outra modalidade coletiva e que hoje representa um case de sucesso na esfera esportiva do país.

Marchi Júnior (2001) aponta que foi no ano de 1975 que teve início a "idade de ouro" do voleibol nacional, graças ao trabalho de Carlos Arthur Nuzman que conseguiu antecipar procedimentos, enxergando o que outros administradores esportivos ou adversários não vislumbraram. Foi aí que o voleibol começou a ser tratado como negócio (KASZNAR; GRAÇA FILHO, 2006).

Dentre estes procedimentos, Miranda et. al (2016) explorou que a contratação de pessoas capacitadas para a gestão, com ações de forma a valorizar a captação de patrocínios de empresas para custear todos os investimentos necessários em troca de visibilidade da marca desses parceiros no cenário nacional foram estratégias fundamentais para o desenvolvimento da modalidade, além claro da busca de melhorar as condições de trabalho dos principais

agentes envolvidos com a modalidade, de forma uma estrutura mínima para o crescimento deste esporte.

Estas ações permitiram o envio, na época, de profissionais ligados à CBV, para países que possuíam uma gestão organizada e resultados expressivos no voleibol mundial como o Japão, EUA e URSS, visando à conquista de resultados que chamassem a atenção de patrocinadores e da mídia e aplicar possíveis mudanças na estrutura do Brasil (ALMEIDA et al., 2012).

Todos estes esforços resultaram no crescimento do voleibol no país e na consolidação de parcerias com patrocinadores como o Banco do Brasil e a Olympikus desde a década de 1990, sendo caracterizada como uma contribuição significativa para a modalidade na época, pois:

possibilitou a introdução de um planejamento em longo prazo, intercâmbios internacionais, encontro de gerações em um mesmo ambiente e criação do Centro de Desenvolvimento do Voleibol em 2003, com o objetivo de concentrar, em um único local, as instalações e os equipamentos necessários para o desenvolvimento dos Recursos Humanos ligados à modalidade (NETTO & SILVA 2013, p.20).

Segundo Almeida et al. (2012), ambas as empresas "estabeleceram uma relação hegemônica de marketing de patrocínio com o voleibol brasileiro na medida da proporção de alcance de suas imagens corporativas e rentabilidade em território nacional". O patrocínio, por sua vez, passa a ser compreendido como uma forte possibilidade de desenvolvimento do esporte, pois quando bem gerido, proporciona tanto o desenvolvimento da modalidade quanto o crescimento dos patrocinadores (MIRANDA et al., 2016).

O intuito de aprofundar o conhecimento sobre o perfil de consumidores do voleibol no Brasil fez com que a CBV realizasse pesquisas de mercado visando suprir as necessidades sentidas pelos mesmos, o que levou a fundação do Projeto Sócio Torcedor, que conforme apontou Souza (2007), foi uma maneira de “cativar novos torcedores, institucionalizar os atuais e torná-los compradores, consumidores do produto voleibol e suas variantes”.

O voleibol apresenta um histórico de sucesso, sendo considerado um esporte que conseguiu aproveitar de forma satisfatória todas as suas potencialidades por possuir em sua gestão pessoas altamente qualificadas. Vlastuina et. al. (2008) destacou o voleibol como “grande ícone de gestão no esporte brasileiro cujo modus operandi vem sendo investigado na tentativa de transferência de seu sucesso para a gestão de outras modalidades esportivas”.

Dado este fato, a CBCD pode se inspirar na trajetória de sucesso observada pelo voleibol e pela CBV desde a década de 1970 e reproduzir o modelo de gestão estruturada considerando a modalidade como um negócio, aplicando estratégias empresariais para o seu

desenvolvimento e obtendo resultados (RUIZ; ROCCO JR, 2013), o que coaduna com a visão de C1 em: *“Eu acredito que com a nova gestão e cada vez mais estruturada, daqui alguns anos com essa com esse crescimento do esporte a gente já vai ter ainda mais atletas, mais visibilidade e mais oportunidades”* e com C3 em: *“...é só crescimento mesmo de visibilidade, até investimento em propaganda, esse tipo de coisa pra conseguir trazer maior atenção e trazer mais retorno financeiro do tipo patrocínio”*, de modo a consolidar o cheerleading no cenário esportivo brasileiro nos próximos anos.

4.4.2 EXIGÊNCIA DA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Conforme trouxeram C3 em: *“E vai entrar a questão acadêmica da educação física”* e C5 em: *“Por que que um professor de cheer não pode fazer Educação Física? A gente vai dar um prazo para a exigência do CREF, para exigir curso, filiação...”*, exigir a formação em Educação Física pode ser um passo importante neste sentido de regularização, no entanto, o caminho da regularização proposto pelo CREF/CONFED e de praxe na grande maioria das modalidades talvez não deva ser o único.

De acordo com Silva & Frizzo (2011, p. 163–164), este processo deve ser questionado, pois:

O Confed elaborou o Programa de Instrução para Provisionados (PIP) como uma justificativa de que a instrução do provisionado seria ética, competente e eficaz. Ou seja, o “leigo”, assim, está apto a exercer a profissão após realizar um curso de instrução de 200 horas, chancelado pelo Confed/Crefs. Cai por terra, portanto, o argumento de que o “leigo” deve ser impedido de trabalhar no campo das atividades físicas. Ainda que o Confed/Crefs argumente que foi “obrigado” a registrar os trabalhadores que fizessem as devidas comprovações, percebe-se que, na prática, o registro de provisionados se mantém como uma política de arrecadação (tendo em vista o custo do PIP) e também de tentar não manter uma imagem antipática junto à sociedade, ainda que isso seja realizado por cima da legislação vigente: o ex-treinador de futebol da seleção brasileira de futebol, por exemplo, não tem graduação em EF. Portanto, ele não poderia exercer a função de treinador de futebol, ainda mais pelo fato de que, antes da 9696/98, Dunga não era treinador, mas, sim, atleta. Porquê, então, o Confed não o impediu de ser o treinador na última copa do mundo? Exatamente pelo fato de que seguem registrando “leigos” para trabalhar na EF, através de seus cursos de provisionados realizados ilegalmente.

Paixão (2013) também aponta que não há no Brasil formação de curso superior para profissionais especializados em modalidades diferenciadas, como é o caso do cheerleading. No caso do treinador de futebol, uma modalidade já consolidada, Bettanim et. al. (2017) demonstra que a influência do conhecimento acadêmico proveniente da formação superior não é determinante para exercer a atividade e que apesar da exigência de registro do CREF

para a profissão, ainda há a prevalência da formação artesanal em grande parte dos treinadores investigados.

Tal fator motiva uma investigação assertiva sobre qual é o trajeto ideal que poderá suprir as necessidades de mercado no longo prazo para a formação profissional do coach de cheerleading. O desenvolvimento científico vem se mostrando primordial para gerar conhecimento que possa embasar a formação profissional (BETTANIM et al., 2017; MARINHO, 2001), entretanto, os cursos de bacharelado em EF, apesar de terem sido criados de forma a atender uma demanda no âmbito esportivo seja para o treinamento, gestão, lazer, saúde, etc., ainda mantém uma formação generalista (BRASIL et al., 2015), oferecendo descontentamento para quem busca o aprofundamento em uma modalidade específica (NASCIMENTO, 2002).

Uma possível solução, portanto, pode ser a inclusão de disciplinas alternativas que promovam a primeira vivência às modalidades não comuns, dentre elas o cheerleading. Brasil et al. (2015) apresenta que em geral, os conteúdos que compõem os programas de disciplinas buscam atender uma demanda de formação vinculada à oferta destas práticas na região, no estado, cidade ou até do município em que a IES está inserida. Visto que o cheerleading está inserido na grande maioria das IES em todas as regiões do país, esta pode ser uma medida extremamente eficaz para a formação de profissionais capacitados Brasil afora.

Segundo Paixão (2012), embora existam inúmeros aspectos que condicionam o processo de aprendizagem dos futuros treinadores, que vão desde a estruturação curricular até a prática pedagógica dentro do ambiente de formação, os cursos de bacharelado em EF devem trazer em suas matrizes curriculares ao menos uma disciplina voltada para os esportes de aventura na natureza. Dentro do hall de esportes de aventura está a escalada, que entrou no programa olímpico através dos Jogos Olímpicos da Juventude em Buenos Aires³⁹ e estreará para os atletas adultos em Paris 2024 como escalada esportiva⁴⁰. Visando ingressar nos JO, figurar para além de praticada, como uma modalidade abordada na grade curricular dos bacharelados em EF pode ser uma estratégia fundamental para o crescimento do cheerleading a longo prazo.

Não obstante, Milistetd et al. (2014) ao pesquisar sobre a estrutura curricular para a formação de treinadores em 20 cursos de bacharelado em Educação Física em universidades federais de todo o Brasil, não se encontrou em nenhuma delas as disciplinas de esporte de

³⁹ [Climbing in the YOG 2018](#)

⁴⁰ [Sport Climbing - Paris 2024](#)

aventura. Para a estratégia funcionar, portanto, deve-se buscar atender a crescente demanda social pela prática esportiva de cheerleading em que agreguem tanto os já atuantes no cheerleading, assim como é feito no curso para treinadores de futebol da CBF *Academy*⁴¹, quanto aqueles com pouco conhecimento da modalidade e que desejam se profissionalizar.

Além destas iniciativas promovidas que podem ser promovidas pelas federações e pela CBCD, é possível também realizar parceira com associações, clubes privados e contar com o apoio do COB para a implementação desta formação específica para coaches em gestão esportiva, o que já está em processo de implantação, de acordo com C5 em: *“A FPCD e a CBCD já vai dar cursos, a gente tem um monte de coisa”*, sendo ferramenta essencial para o início de um sistema de organização esportiva de qualidade para o cheerleading no país.

4.4.3 AMPLIAÇÃO DO CHEERLEADING PARA A CATEGORIA ESCOLAR

Um dos pontos amplamente discutidos pelos entrevistados visando a manutenção do cheerleading no longo prazo do país é através da inserção do cheerleading em faixas etárias cada vez mais juvenis, as categorias de base, como pode ser observado, por exemplo, nas falas de C3 em: *“Então, conseguindo fazer esse crescimento de escolar ser tão grande quanto foi o universitário a gente ter aí a base de crianças mesmo”*, C4 em *“Eu vejo que uma coisa que seria bem importante que acontecesse nos próximos anos é que diminuísse um pouco a faixa etária, né”*, por C5 em: *“Inserindo crianças no esporte é também foi uma chavinha que ligou assim para o crescimento forte no Brasil. Porque como eu acho que todo esporte começa é a base.”* e ainda por C7 em: *“...que as pessoas consigam praticar cada vez mais cedo, enquanto criança, porque você consegue se desenvolver melhor na modalidade que você tem mais tempo. Logicamente falando isso vai impactar diretamente aí no seu auge, né?”*.

Estas falas em consonância apontam um problema do cheerleading brasileiro: ainda não existe a formação esportiva para o atleta de cheerleading que inicia a modalidade durante sua infância. O cheerleading teve seu crescimento e ainda é incrivelmente forte na categoria universitária, contudo, assim que os atletas se formam, os mesmos costumam abandonar a modalidade visto que para a grande maioria foi uma prática de lazer sério algo vivida somente durante o período na graduação. No caso da categoria *All Star*, a grande maioria dos atletas são oriundos de outras modalidades similares ao cheerleading, principalmente a ginástica

⁴¹ [Kaká conclui curso de treinador na CBF: "Só falta o time"](#)

artística, ou seja, nenhum deles pratica a modalidade desde a infância ou adolescência, o que é comum em outras práticas esportivas para o alto rendimento no Brasil (PERES; LOVISOLO, 2008).

O próprio cheerleading nos EUA tem sua prática iniciada por crianças a partir dos cinco anos de idade (SHIELDS; SMITH, 2006), o que C4 considerou como fator de sucesso através de sua fala em: “*Por que os Estados Unidos é o que é? Por que o Chile é o que é? Porque as pessoas começam muito cedo.*” A formação esportiva é amplamente discutida na literatura científica, em que é comum crianças praticarem diversas modalidades entre os 7 e 12 anos de idade, e após a iniciação esportiva em que desenvolveram capacidades físicas e psicológicas, transacionam para a especialização e o aperfeiçoamento de uma única modalidade esportiva visando a construção de uma carreira esportiva (JAYANTHI et al., 2013; PERES; LOVISOLO, 2008).

Embora a maioria dos especialistas concorde que algum grau de especialização esportiva é necessário para atingir níveis de elite, ainda não há consenso sobre a exclusão de outras modalidades em idade tenra de modo a maximizar o potencial de sucesso da criança ou adolescente. Além disso, existe a preocupação de que a especialização esportiva precoce possa ser prejudicial para atletas jovens, principalmente no que diz respeito ao alto risco de lesões (JAYANTHI et al., 2013), ao aumento do estresse psicológico (DE ROSE JR, 2009) e ainda um possível abandono do esporte em idade jovem (NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010).

Este processo de especialização esportiva, portanto, deve ser visto com muita cautela. A inserção da modalidade em categorias escolares é uma estratégia assertiva. Contudo, deve se planejar a formação do atleta de cheerleading de maneira cuidadosa, de modo que o mesmo enquanto criança consiga desenvolver habilidades específicas da modalidade e ainda assim não tenha foco em competições, o que é perfeitamente possível no cheerleading conforme constatou Santana (2022). É necessário, contudo, que existam pessoas com conhecimento técnico adequado para realizar a vivência esportiva de cheerleading para crianças de maneira segura.

Outra estratégia plausível para ampliar o *cheer* em idade escolar é a de se espelhar em esportes similares como a ginástica artística. Nesta modalidade, por exemplo, existem competições no caráter festival nas categorias infantil e juvenil, em que competem crianças e adolescentes a partir dos 10 anos de idade, sendo que os regulamentos possuem regras adaptadas e flexíveis para cada categoria (NUNOMURA; TSUKAMOTO, 2006). Festivais e competições são considerados importantes no processo de formação esportiva do atletas, não

devendo ser o foco exclusivo (BOMPA, 2000), e sim funcionar como um agente motivacional do grupo no qual a criança e o adolescente estão inseridos (NUNOMURA; CARRARA; CARBINATTO, 2010).

A participação da GA nos Jogos Regionais (JR) e Jogos Abertos (JA), por exemplo, é benéfica para a modalidade, pois neles a GA conta com atletas iniciantes até atletas de nível olímpico, e também por meio destas competições é possível auxiliar no desenvolvimento de treinadores, atletas e árbitros, tornando-se um ambiente propício para troca de informações e ainda para o aprendizado informal (LIMA et al., 2017).

Todas estas características presentes nos JR e JA podem contribuir para o desenvolvimento do cheerleading quando se considera um programa de formação esportiva no longo prazo. Visto que no momento este esporte está ganhando espaço no cenário esportivo nacional, torna-se interessante para a FPCD e para a CBCD negociarem a entrada do cheerleading também nestas tradicionais competições do estado de São Paulo. E a possibilidade é real, pois no programa esportivo dos JR e JA já existem modalidades não tradicionais, e dentre elas está a capoeira, que semelhante ao cheerleading em acrobacias e fundo musical, foi introduzida nos JA em meados de 2003⁴².

Uma possível inserção do cheerleading do cheerleading nos JR e JA também poderia incentivar a elaboração de um programa de formação esportiva para a modalidade, nos moldes de modalidades tradicionais já presentes, como futebol, voleibol, natação e GA, entre outras (JARDEL TERI; TEGANI, 2008). Seria a primeira competição oficial respaldada por um governo estadual que não figura em uma categoria universitária, como é o caso do CPU (vinculado ao Governo do Estado de São Paulo) e dos JUBs (vinculado ao Governo Federal), em que em ambas o cheerleading estreou em 2019.

Este ingresso tem o potencial de proporcionar aos futuros *cheerleaders* da categoria infantil e juvenil um ambiente adequado para a formação esportiva dos mesmos e também impactar no crescimento da modalidade no longo prazo. E neste cenário, os anos de experiência adquiridos pelos atletas que iniciaram na modalidade enquanto crianças poderão impactar positivamente nos resultados em competições de alto rendimento, visto que é necessário aproximadamente 10 anos de prática deliberada para atingirem o desempenho excepcional (WILLIAMS; ERICSSON, 2008).

⁴² [Jogos abertos: conheça a história da capoeira no torneio](#)

4.5 A PROMOÇÃO DA SAÚDE DO ATLETA DE CHEERLEADING

Tendo em vista que a modalidade está em ascensão no país⁴³ e possui chances de adentrar o programa olímpico em breve, explorar qual é a realidade do cheerleading no contexto nacional no que tange à promoção da saúde de seus praticantes é primordial, principalmente devido à modalidade já ter sido considerada um esporte com altíssimo índice de lesões catastróficas (BODEN; TACCHETTI; MUELLER, 2003).

Ainda discutir, à luz da literatura científica e das respostas dos entrevistados de acordo com o Quadro 5 a seguir, como é possível tornar o *cheer* uma prática com menor risco à integridade física dos amantes do esporte, tanto no curto prazo com ações importantes a serem tomadas, quanto no longo prazo visando estabelecer uma cultura de boas práticas para a promoção da saúde de todos os envolvidos no universo do cheerleading.

Quadro 5. Respostas referentes à promoção da saúde do atleta de cheerleading

Unidade de Contexto
C1. “Então, assim, a gente nunca fazia nada sem tem <i>spotter</i> a gente nunca fazia nada sem por exemplo ia treinar um elemento novo sempre tinha um grupinho ali pra ficar segurança”
C1. “O <i>cheer</i> é um esporte que cobra muito do corpo. A gente teve lesão de cotovelo, ombro e tem canelite também. Qualquer lesão dentro do <i>cheer</i> é muito séria. Então a gente tem que fazer um trabalho de prevenção.
C2: “Ir pra chegar perto de competição e de temporada parece que dá uma esquecida nessa parte de prevenção”.
C2: “Na pandemia, treinar online eu pensei que ajudou bastante porque ajudava bastante na prevenção e na mobilidade, principalmente para o tornozelo que é o que mais machuca.”
C2. “Passa os preparos lá pra gente fazer durante a semana pra não ficar só uma vez por semana, porque uma vez por semana é pouco, tem gente nunca faz e aí chega na hora tá todo mundo meio morto pra fazer a rotina aí não aguenta”.
C3: “Em primeiro lugar, a estrutura básica é ter um tatame, né? Eu me sinto muito insegura de treinar na grama, já treinei como base, já treinei como flyer, então falando como atleta mesmo eu me sinto insegura de treinar em grama, em treinar em chão concreto, eu me senti insegura o que eu não quero pra mim eu não quero dos outros também. Então eu preciso da base que é ter um tatame que caiba todo mundo.”
C3: “Sim, a gente treina o básico bem feito e aí vai ficar fácil de fazer os elementos que são mais difíceis. Então, não pular etapa. porque as lesões acontecem geralmente por conta de fadiga ou por conta de tentar alguma coisa que seu corpo ainda não está preparando pra fazer.”
C3: “Torção de tornozelo é mais comum. O pessoal sente bastante punho por conta de parada de mão, ponte, esse tipo de coisa. Mas o que eu vejo é que a questão das lesões está muito relacionada ao condicionamento físico. Então a gente treina uma vez por semana. E passar o condicionamento físico uma vez por semana no ginásio não vai ser suficiente se ele aguentar uma rotina de dois minutos e meio. Então a gente trabalha com a conscientização também de que as pessoas precisam ter condicionamento físico para aguentar tudo. Uma coisa que é muito simples, você pode fazer o que você quiser, desde que você tenha condicionamento físico pra isso.”

⁴³ [Cheerleading: um esporte em ascensão no Brasil](#)

C3. “A gente fez um planner do time pra que as pessoas preencham diariamente pra conscientização de alimentação de horas de sono, hidratação, e rotina de treino.”

C4. “Primeiro de tudo sempre nossa rainha maravilhosa progressão, né? Significa tanto e é tão negligenciada sabe? O povo adora pintar o como se o *cheer* fosse a coisa mais perigosa da face da terra e não, ele só não é bem ensinado.”

C5. “Quer um elemento novo, tem que ter segurança com uma pessoa nova, tem que ter segurança. Por mais que tipo, duas pessoas sejam boas, não necessariamente elas vão ser boas juntas.”

C6: “A gente treinava no Ibirapuera e eu via gente com insolação, saindo lesionado. O estopim pra mim foi quando uma atleta lesionou e tirou a patela do lugar... a ambulância demorou muito... o mínimo que você tem que dar para os seus atletas é segurança psicológica e segurança física.”

C6: “A pré-temporada serve para preparar o corpo do atleta pra enfrentar a temporada. E o que que tem na pré-temporada? Os exercícios preventivos, os preparos físicos, condicionamento e também os treinos das skills da rotina.”

C7. “A primeira coisa que a gente tem que levar em consideração é você saber que as pessoas precisam saber o básico com técnicas de segurança então você vai subir um *stunt* e você ensina como você subir como você tem que descer você ensina as pessoas ao entorno fazer segurança também nos *Spotters* que importantíssimos pra todo momento da prática tanto quanto iniciante também durante a competição.”

C7. “Durante minha vida de atleta a gente treinava ali no Ibirapuera, na grama embaixo de sol, com trinta, trinta e cinco graus, muitas vezes. Então essa falta de infraestrutura afeta bastante o rendimento dos atletas. Então ter um ginásio aí pelo menos com um lugar coberto e tatame também é super bem-vindo, né?”

C7. “Com embasamento também teórico e com certeza uma infraestrutura com ginásio coberto, tatame e colchões já é o ideal para evitar lesões. No *tumbling* vai muito o punho e tornozelo. Academia é sempre bem-vinda, algum esporte também para resistência, né? Porque a rotina dela só dura dois minutos e trinta, mas ela é extremamente cansativa, né? Até porque a gente treina uma, duas vezes na semana no máximo com carga horária de quatro horas semanais e isso não é suficiente para você construir aí um atleta forte e preparado pra manter uma rotina e seguindo os treinamentos também de maneira saudável, que é uma das coisas mais importantes.

Devido às suas elevações e arremessos característicos, o cheerleading é um esporte que oferece alto risco aos seus praticantes. A própria literatura científica possui um conglomerado de estudos que atestam o alto índice de lesões em *cheerleaders* pelo mundo, principalmente nos Estados Unidos, em que apesar de o cheerleading ser uma modalidade já consolidada no país, com ginásios e infraestrutura adequada, o índice de lesões é exorbitante, incluindo *cheerleader* a partir dos cinco anos de idade (JAYANTHI et al., 2013).

Jacobson, Morawa e Bir (2012), ao analisarem todas as lesões de cheerleading no sistema de emergência dos EUA durante o período entre 2002 e 2007, constataram um total de 4.245 incidências, sendo que 2.610 (61,5%) dos casos afetou as extremidades corporais, sendo 1.339 (31,5%) para membros superiores e 1.271 (29,9%) para membros inferiores; cabeça e pescoço corresponderam a 1.085 (25,6%) da amostra, tronco 491 (11,6%) e outros 48 (1,1%). As lesões mais frequentes foram entorses/distensões com 1.871 (44,1%), fraturas 709 (16,7%) e contusões 684 (16,1%). O mecanismo mais comum de lesão foi uma colisão

entre dois ou mais *cheerleaders* (1.242; 29,3% no geral), seguido por *stunts* (841; 19,8% no geral), *tumbling* (478, 11,3% no geral) e arremessos (105, 2,5% no geral). 96,4% das lesões foram em atletas mulheres, o que faz sentido ao considerarmos que a maioria das flyers que são arremessadas são do gênero feminino. A média de idade observada foi de 14,6 anos, ou seja, atletas adolescentes.

Em outro estudo, que desta vez avaliou o período entre 2010 e 2019, foi observada uma redução de 15% no número anual de lesões (XU; SURESH; LEE, 2021). Contudo, o índice de concussões e demais lesões na cabeça cresceram 44% no período no mesmoperíodo. Os autores ainda relatam que a grande maioria dos estudos relataram um crescimento no índice de lesões, o que pode ser devido ao aumento da prática e um atraso da implementação de regras de segurança.

No Brasil, existem algumas pesquisas científicas que relatam lesões durante a prática de cheerleading. Melo et. al. (2019) ao entrevistar 63 atletas durante o Campeonato Brasileiro de Cheerleading e Dança da UBC em 2018, observaram 29 lesões musculares (39,2%), 21 luxações e/ou subluxações (28,4%), 11 entorses (14,9%), 11 fraturas (14,9 %) e duas outras lesões (2,7 %), bem como as áreas de maior acometimento foram em tornozelo/pé 24,3% (n=18), seguido de punho/mão 22,9% (n=17), sendo que 40,5% delas haviam ocorrido há seis meses. O principal mecanismo de lesão foi em movimentos específicos da modalidade 24,3% (n=18) e posteriormente quedas com 18,9% (n=14).

Num outro estudo, Marolde, Carvalho e Serrão (2019) entrevistaram 113 atletas e constataram que foram reportadas 230 lesões, das quais 97% ocorreram durante treinos e 3% durante competições, havendo também uma associação diretamente proporcional entre a experiência do atleta e a porcentagem de atletas lesionados ($p=0,001$), sendo que quanto maior o tempo de prática maior o número de lesões. O local anatômico mais afetado foi o punho com 14,8% das lesões, seguido pelo tornozelo (11,3%) e pela mão/dedos (9,1%).

Os estudos demonstram que o cheerleading é um esporte que as articulações nas extremidades distais são constantemente impactadas, com destaque ao punho e tornozelo. Fato este corroborado nas falas de C3 em *“Torção de tornozelo é mais comum. O pessoal sente bastante punho por conta de parada de mão, ponte, esse tipo de coisa”* e com C7 ao mencionar que *“No tumbling vai muito o punho e tornozelo”*. Apesar dos riscos indiscutíveis que o cheerleading oferece, o esporte ainda recebe menos atenção na literatura médica em comparação com outros esportes de nível de risco semelhante ou menor (BAGNULO, 2012; JONES; KHAZZAM, 2017; KILIC et al., 2017). A falta de consciência das demandas físicas

do cheerleading pode contribuir para uma limitação e falta de acurácia das pesquisas da área (XU; SURESH; LEE, 2021).

No que tange à epidemiologia das lesões de cheerleading no Brasil, há a necessidade de mais estudos científicos na área. E levando em consideração que o cheerleading também é cada vez mais praticado por crianças e adolescentes em território nacional, é necessária a criação de um programa de incentivo à prática segura de cheerleading específico para a faixa etária. Tais estratégias, alinhadas à regulação e adaptação constante da modalidade ao seu crescimento nos EUA, vem se mostrando primordial como ferramenta na prevenção de lesões entre atletas crianças e adolescentes por lá (NAIYER; CHOUNTHIRATH; SMITH, 2017; SHIELDS; SMITH, 2006; XU; SURESH; LEE, 2021).

A periodização do treinamento é também estratégia fundamental para a prevenção de lesão (SOUZA et al., 2016). Entretanto, C2 aponta em: *“...perto de competição e de temporada parece que dá uma esquecida nessa parte de prevenção”* e C4 em: *“Primeiro de tudo sempre nossa rainha maravilhosa progressão, né? Significa tanto e é tão negligenciada sabe?...”* que por vezes a periodização do treinamento é menosprezada.

Dentro da lógica de funcionamento do cheerleading no Brasil, os atletas hoje ainda não estão aptos a viver exclusivamente da modalidade, treinando principalmente aos finais de semana, com carga horária semanal baixa e esforço grandioso em em cada sessão de treinamento, faz com que o risco de lesão seja aumentado, segundo expôs C7 em: *“Até porque a gente treina uma, duas vezes na semana no máximo com carga horária de quatro horas semanais e isso não é suficiente para você construir aí um atleta forte e preparado pra manter uma rotina e seguindo os treinamentos também de maneira saudável, que é uma das coisas mais importantes.”*

Como forma de mitigar este problema, é comum que treinadores incentivem o fortalecimento também durante a semana, conforme relatado por C2 em *“Passa os preparos lá pra gente fazer durante a semana pra não ficar só uma vez por semana, porque uma vez por semana é pouco, tem gente nunca faz e aí chega na hora tá todo mundo meio morto pra fazer a rotina aí não aguenta”* e por C3 em *“...E passar o condicionamento físico uma vez por semana no ginásio não vai ser suficiente se ele aguentar uma rotina de dois minutos e meio. Então a gente trabalha com a conscientização também de que as pessoas precisam ter condicionamento físico para aguentar tudo...”*.

O condicionamento físico é primordial para a prática, e ter treinadores que estejam aptos a periodizar o treinamento de forma adequada e corrigir alterações no treinamento quando necessário é também uma estratégia positiva na prevenção de lesão (KURATA;

JUNIOR; NOWOTNY, 2007). C2 relatou que “*Na pandemia, treinar online eu pensei que ajudou bastante porque ajudava bastante na prevenção e na mobilidade, principalmente para o tornozelo que é o que mais machuca.*”, mostrando que apesar do decréscimo no índice de atividade física da população durante a pandemia de COVID-19 (SANTANA et al., 2022), os treinos online deram mais foco ao aprimoramento físico ao invés de habilidades específicas, e isto impactou positivamente no condicionamento físico dos atletas.

A presença de *spotters*, os seguranças das flyers, também foi mencionada por como aliada na prevenção de lesão durante os treinamentos. C3 ainda relatou uma boa prática neste sentido que pode ser adotada por ginásios e incentivada pelas federações, descrita em: “*A gente fez um planner do time pra que as pessoas preencham diariamente pra conscientização de alimentação de horas de sono, hidratação, e rotina de treino.*”

A CBCD, as federações e outros órgãos de fomento ao esporte no país, devem dispor de investimentos financeiros e promover estratégias de crescimento e desenvolvimento seguros aos seus atletas. Oferecer diretrizes devidamente traduzidas para a língua portuguesa para facilitar o acesso e aplicação pelos treinadores espalhados pelo Brasil é também uma ação que deve integrar este movimento. A criação da CBCD Academy, conforme a figura 8, mostra que o órgão já está caminhando para um alinhamento nacional em diretrizes de prática e segurança. Na plataforma serão oferecidos cursos de capacitação em cheerleading para quem deseja atuar na área.

Figura 8. Capacitação para profissionais de cheerleading através da CBCD Academy



Fonte: Página da CBCD no Instagram⁴⁴

O modelo é baseado no CBF Academy, da Confederação Brasileira de Futebol, que promove especializações para profissionais de Educação Física, ex-jogadores e até mesmo treinadores que já estão inseridos no mercado. A entidade oferece cursos de formação e

⁴⁴ Disponível em: < <https://www.instagram.com/cbcdoficial/>>. Acesso em 03 out. 2022.

especialização nas áreas de fisiologia do exercício, direito e gestão esportiva (CBF, 2022). A reprodutibilidade deste modelo para o cheerleading, portanto, tem o potencial de ser uma peça chave no desenvolvimento da modalidade pelo país.

A falta de infraestrutura adequada atrelada ao cheerleading apontado por C5 anteriormente, que pode ser interpretado como o ensino de cheerleading por pessoas sem conhecimento básico de primeiros socorros e periodização de treinamento, é a combinação ideal para a explosão do número de lesões.

O oferecimento de local adequado para a prática esportiva, conforme mencionado por C3 em *“Em primeiro lugar, a estrutura básica é ter um tatame...”* visto que conforme apontou C7: *“...essa falta de infraestrutura afeta bastante o rendimento dos atletas”* e de uma equipe multiprofissional de saúde como fisioterapeutas, médicos, nutricionistas e psicólogos do esporte (PEDUZZI, 2001; RUBIO, 2007), o que foi ressaltado por C6 em *“o mínimo que você tem que dar para os seus atletas é segurança psicológica e segurança física”*, são também ações importantes nesta perspectiva de impactar positivamente na manutenção da saúde dos *cheerleaders*, amadores e profissionais.

Incentivar no longo prazo que a modalidade seja praticada de forma segura tem o potencial de alterar este cenário amador com que a modalidade é enxergada por pessoas de fora. Cabe ao próprio ecossistema do cheerleading impor respeito à sua prática, e isto se consolida com profissionais devidamente preparados para ministrar aulas da modalidade.

Diferentemente do início do cheerleading no Brasil, em que era comum pessoas sem formação adequada ministrarem treinamentos, hoje a modalidade caminha para a profissionalização de uma parcela de seus praticantes e também para a massificação da prática como lazer em diversos estados do país. Em ambos os cenários, a presença de profissionais formados que periodizem o treinamento de forma adequada é pré-requisito para a consolidação do cheerleading no país e também estratégia assertiva de prevenção de lesão na promoção da saúde de seus praticantes.

4.6 O INGRESSO DO CHEERLEADING NOS JOGOS OLÍMPICOS

Nas últimas edições dos Jogos Olímpicos uma queda na audiência vinha sendo observada, o que motivou o COI a adotar medidas visando a renovação do programa esportivo, o que acarretou na entrada de novas modalidades com forte apelo juvenil, como o surfe, o skate a e escalada, todas na última edição dos JO, Tóquio 2020 (WHEATON; THORPE, 2021).

Apesar deste esforço, de acordo com o Relatório de Marketing Oficial de Tóquio 2020, a audiência total foi de 3,05 bilhões, a menor desde a edição de Atenas 2004 (IOC, 2021). Este mesmo relatório apontou um crescimento da esfera digital de 74% em relação ao Rio 2016, mostrando que apesar da queda de audiência em televisão, houve um aumento significativo nas plataformas digitais, além do aumento de receita considerável neste último ciclo (IOC, 2021).

É plausível estimar que devido ao sucesso de sua estratégia até então, o COI continue com este plano nos próximos anos, e que insira novas modalidades em programa olímpico, dentre elas o cheerleading. A aproximação do COI e da ICU, observada na figura 9 e o recente reconhecimento do cheerleading como modalidade esportiva, são ações tomadas que certificam que este processo já está em andamento.

Figura 9. Transmissão do mundial de cheerleading via *Olympic Channel*



Fonte: Site oficial do COI⁴⁵

⁴⁵ Disponível em: < <https://olympics.com/en/sport-events/2022-icu-cheerleading-junior-world-championships-orlando/> >. Acesso em: 03 out. 2022.

A previsão é de que a modalidade estreie na edição dos JO de Los Angeles 2028, que é quando os EUA, berço do cheerleading, sediarão o evento. Dado este fato, foram coletadas respostas dos treinadores sobre a possibilidade de ingresso do cheerleading dentro dos Jogos Olímpicos, conforme o Quadro 5, e suas opiniões foram debatidas a partir da literatura sobre a estreia recente de modalidades como o surfe e o skate e as implicações geradas a partir desta inclusão.

Quadro 6. Respostas referentes ao ingresso do cheerleading nos Jogos Olímpicos

Unidade de Contexto
<p>C1. “A gente também espera que o que <i>cheer</i> consiga entrar nas Olimpíadas nos próximos anos para que a gente também consiga ganhar esse fôlego dentro do país e com isso a gente também consiga ter mais academias, consiga ter mais visibilidade, né? Eu acho bem positivo sermos vistos, igual a série <i>Cheer</i> no Netflix também que ajudou a bombar a modalidade.”</p>
<p>C1. “Ganhando essa visibilidade um pouco maior no mundo inteiro a gente consegue também um espaço maior dentro das olimpíadas. Até porque assim hoje em dia o <i>cheer</i> ainda é um esporte muito elitista né? Hoje ocorre o mundial sempre nos Estados Unidos, então seria bacana pro mundial também ocorresse em outros países e que é uma coisa que eu espero bastante e eu acho que com essa aproximação do COI e da ICU, pode ser bom também nesse aspecto.”</p>
<p>C2. “...As pessoas que não são do esporte vão começar a reconhecer como esporte né porque a gente falava que era líder de torcida e não tinha muita credibilidade, e aí se for um esporte nas Olimpíadas vai ser diferente. A gente vê pela ginástica né? Que a gente sempre acompanhou. Pessoal gosta de ver ginástica nas Olimpíadas mesmo sem saber os atletas que tem no Brasil e aí só vai descobrir quem é Rebeca quando eles já ganharam medalha olímpica. Isso daí pode ser que aconteça com o <i>cheer</i> também. Ninguém vai reconhecer a gente e aí chega nas Olimpíadas, ah ganhou medalha. Isso vai ser muito bom pro nosso esporte.”</p>
<p>C3. “Eu não vejo o cheerleading como um esporte só, para mim é muito maior. É óbvio que eu fiquei muito feliz em pensar que o <i>cheer</i> pode estar nas Olimpíadas, mas eu acho que vai acabar descaracterizando algumas coisas. Essa é minha opinião, tá? Minha. Descaracterizar do tipo tirar o <i>dance</i>, que é uma coisa que é muito forte nossa. Acho que vai ficar uma coisa um pouco mais engessada, sabe? Então pra não pegar alguém da ginástica fazendo <i>tumbling</i> então isso pra mim acaba sendo um pouco de descaracterização do nosso cheerleading competitivo porque a gente treina aí tudo junto pra fazer aquele espetáculo em dois minutos e meio e se a gente for colocar só elevação, um <i>back</i> de pirâmide. Falta. Não que vai ser feio, mas sabe quando vai faltar?”</p>
<p>C3. “E pra mim também tem as outras questões, né? Porque o cheerleading também tem performance. E quando a gente pensa nos Estados Unidos por exemplo, as pessoas ganham para ser <i>cheerleader</i> de apresentação mesmo. Então jogos de basquete, futebol americano eu acho que isso também vai começar a não só vir pro Brasil mas como quando a gente fala de olímpico a gente acaba tirando essa parte, perdendo essa parte. E é uma parte muito forte sim. Uma parte que gira muito dinheiro, que é importante.”</p>
<p>C4. “Realmente pra gente seria um sonho realizado ver isso acontecer. Olha, eu vou me emocionar aqui. Porque a gente chegou aqui quando a gente era mato, sabe? E é fácil para as pessoas passarem agora, porque a gente abriu esse caminho, sabe? E tá tudo bem. Nós não vamos ter a oportunidade de viver isso na nossa pele. Mas precisou que a nossa geração fizesse seu papel para que as gerações futuras, as crianças tenham oportunidade de representar o Brasil nas olimpíadas e isso é muito legal.”</p>

C4. “Eu vejo com muito bons olhos porque a gente sabe que infelizmente ainda é uma modalidade extremamente pouco conhecida no país, extremamente desvalorizada, estereotipada e eu tenho certeza que com essa modalidade entrando nas olimpíadas será diferente, igual com a escalada, com o surfe e com o skate principalmente, né? Então assim eu acho muito bacana esse movimento olímpico e de trazer modalidades mais jovens né? ...A gente viu o skate ganhando um boom imenso entre todas as modalidades novas, e cresceram no país, sabe? Então vai ser muito legal ver isso acontecer com o cheerleading, muito mesmo.”

C5. “É um sonho que vai se tornar realidade. Assim uma coisa tem um mundial, mas só quem é do *cheer* sabe que existe. Olimpíada é uma coisa que sim, todo mundo vê, todo mundo sabe o que tá acontecendo, todo mundo tem notícia. Então, a partir do momento que aparecer nas Olimpíadas, muita gente vai conhecer o esporte e talvez querer entrar pra ele, né? E aí vai, eu também acho vai ser outra chavinha que vai mudar assim radicalmente o *cheer* no Brasil. Em Tóquio aí no ano passado o quanto bombou a ginástica que até já é um esporte mais velho, mas a Rebeca por ter tido um bom resultado em Guarulhos onde ela treinava bombou de matrícula. Dá uma visibilidade muito legal né e muitas vezes necessária... talvez eu perca um pouco da identidade porque tenha quem tá num formato ali diferente, uma coisa assim. Eu acho que é dos próprios atletas não deixarem. A não ser que sejam mudanças pra melhor.”

C6. “Eu curto bastante a ideia porque vai dar uma enorme visibilidade pra gente, entendeu? É uma grande oportunidade e esse é o lado bom. Eu acredito que por as Olimpíadas serem de quatro em quatro anos vai pesar um pouquinho na formação do Team Brasil. Tipo como formado essa configuração de atletas. Vai ser no ano pós Olimpíadas? Quatro anos de preparo. É justo com quem está treinando desde antes? Ou vai ser ou vai ser só os atletas do ano antecessor das Olimpíadas. Vai ser justo com quem competiu três anos antes? E ganhou ouro ou não? Ou subiu no pódio?”

C7. “Eu vejo com muito bons olhos, né? Porque como exemplo mesmo o próprio skate né? Que entrou aí nas Olimpíadas de Tóquio, né? A explosão que não foi pro skate né, toda hora sai mídia, Rayssa sempre aparecer também, atleta brasileira referência, todo mundo falava de skate, várias atletas e várias pessoas ficaram interessadas em praticar skate também no Brasil e é isso, as Olimpíadas vão trazer visibilidade, quanto mais visibilidade, mais pessoas interessadas querendo praticar e, conseqüentemente, a modalidade vai crescer. Até modalidades aí mais consolidadas, igual a ginástica artística, a Rebeca Andrade aí foi, ganhou medalha, né? Teve um bom desempenho nas Olimpíadas e muita gente aí ficou interessada em praticar, que até o ginásio que ela treinou aí inicialmente em Guarulhos, estava cheio de novas meninas, ou seja, né? Tipo, uma participação de sucesso da modalidade também impacta diretamente em como a mídia representa a modalidade aqui e, conseqüentemente, como as pessoas vão ver e vão se interessar também em praticar cada vez mais. O crescimento já é orgânico, já tem essa procura aí pelas pessoas né? Só que também com essa ajuda aí das Olimpíadas com o evento mundial todo mundo vai assistir eu acho que vai ser muito benéfico aí pensando na modalidade no futuro.”

Todos os entrevistados mencionaram que uma possível entrada do cheerleading nos Jogos Olímpicos acarretaria em uma maior visibilidade para a modalidade, proporcionando uma gama de benefícios para o *cheer* no Brasil, principalmente com base no que ocorreu em esportes recém estreantes nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020.

Destacando-se três falas, de acordo com C1, esta estreia nos ajudaria a ganhar um “*fôlego dentro do país e com isso a gente também consiga ter mais academias...*”; C5 apontou que “*a partir do momento que aparecer nas Olimpíadas, muita gente vai conhecer o esporte e talvez querer entrar pra ele*”; e nesta mesma linha de pensamento, C7 mencionando exemplo do skate trouxe que: “*a explosão que não foi pro skate né, toda hora sai mídia,*

Rayssa sempre aparecer também, atleta brasileira referência, todo mundo falava de skate, várias atletas e várias pessoas ficaram interessadas em praticar skate também no Brasil e é isso, as Olimpíadas vão trazer visibilidade, quanto mais visibilidade, mais pessoas interessadas querendo praticar e, conseqüentemente, a modalidade vai crescer.”

Todas estas falas têm um ponto quando se considera o sucesso que o recém estreante skate fez no país após a participação nos Jogos Olímpicos de Tóquio. O Brasil obteve um total de três medalhas de prata, de Kelvin Hoefler e Rayssa Leal, na categoria *street*; e Pedro Barros, no *park*, sendo o país segundo colocado no geral⁴⁶, e experienciou um grande crescimento desde os Jogos. Em uma reportagem publicada pelo Jornal Bola Vip⁴⁷, a menos de 20 dias após o fim das olimpíadas, escolas de skate tiveram filas de espera, as prefeituras pelo Brasil discutiram projetos de construção de novas pistas e as fábricas chegaram a dobrar sua produção.

Este crescimento também foi observado na ginástica artística, modalidade já conhecida pelo público brasileiro, mas que nunca havia ganhado uma medalha em edições olímpicas na categoria feminina. Após o sucesso de performance da ginasta Rebeca Andrade, com um ouro no salto e uma prata no individual geral, o esporte também experienciou um crescimento fantástico, que após estas conquistas, de acordo com reportagem do G1⁴⁸, o número de praticantes da modalidade bateu recorde, impactando todas as gerações de atletas.

No entanto, fica claro que estes impulsionamento das modalidades mencionadas estão condicionados há resultados incríveis obtidos por atletas talentosos. Para tal, investimentos e planejamento se fazem necessários, incluindo de órgãos públicos. A Confederação Brasileira de Skate (CBSK), por exemplo, foi criada em Curitiba no ano de 1999, mas só foi reconhecida pelo COB como entidade legítima para representar a modalidade em âmbito olímpico no ano de 2017 (CBSK, 2021), justamente no início do ciclo olímpico de Tóquio, o que demonstra que no caso do cheerleading, contar com investimentos do COB parece ser possível somente após a sua oficialização no programa olímpico, por isso no Brasil, empenhar-se pela sua entrada é razoável neste aspecto.

C2 explorou um outro aspecto do cheerleading nos JO em que pessoas externas à modalidade o reconheceriam como esporte, pois de acordo com sua fala: *“a gente falava que era líder de torcida e não tinha muita credibilidade, e aí se for um esporte nas olimpíadas vai*

⁴⁶ [Brasil é o segundo país com mais medalhas no skate nas Olimpíadas de Tóquio](#)

⁴⁷ [Após Olimpíadas, skate cresce a ponto de escolas terem filas e fábricas dobrarem vendas](#)

⁴⁸ [Número de praticantes de ginástica artística no país bate recorde após medalhas de Rebeca Andrade](#)

ser diferente.”. Na mesma linha de raciocínio, C4 enxerga de maneira positiva o ingresso do cheerleading nos jogos, pois para ela o cheer *“ainda é uma modalidade extremamente pouco conhecida no país, extremamente desvalorizada, estereotipada e eu tenho certeza que com essa modalidade entrando nas olimpíadas será diferente, igual com a escalada, com o surfe e com o skate principalmente, né?”*.

A fala de C4 realça uma questão importante com relação à transformação da concepção popular para com relação as modalidades como o skate, que anteriormente ao respectivo ingresso nos JO, era extremamente marginalizado (BRANDÃO, 2008). A modalidade chegou a ser proibida na cidade de São Paulo em 1988 pelo então prefeito Jânio Quadros, o que mobilizou manifestações de skatistas da época conforme figura 10 abaixo.

Figura 10. Jovens protestam contra proibição da modalidade de skate em 1988



Fonte: Alexandre Tokitaka/Folhapress

Não obstante, hoje a modalidade tem presença garantida na mídia e encontra-se inserida até mesmo no discurso em torno da qualidade de vida da população (UVINHA, 2009), o que demonstra que a fala de C4 foi assertiva neste aspecto de esperar que o cheerleading se transforme, ou ainda conforme trouxe C2, que ganhe mais credibilidade.

É importante ressaltar também que uma maior visibilidade pode acarretar em maiores episódios de estereotipagem e preconceito, conforme observado em comentários realizados em transmissões de competições de skate no Youtube desde 2017, em que o público observado aclamou a superioridade masculina, e com frases de cunho machista como “quem abriu a porta da cozinha?”, sexualizaram e/ou marginalizaram mulheres e skatistas lésbicas e demais atletas da comunidade LGBTQIA+ (MCCARTHY, 2022). Visto que o cheerleading

possui presença massiva de atletas mulheres e homens gays, criar estratégias de mitigar situações semelhantes é imprescindível para a proteção da saúde mental dos atletas e para o esporte em si.

Como um outro ponto a considerar, C3 demonstrou certa preocupação com um possível ingresso do cheerleading nos JO, pois afirma que *“pra mim acaba sendo um poucode descaracterização do nosso cheerleading competitivo porque a gente treina aí tudo junto pra fazer aquele espetáculo em dois minutos e meio e se a gente for colocar só elevação, um back de pirâmide. Falta. Não que vai ser feio, mas sabe quando vai faltar”*, mencionando também que acredita *“que vai ficar uma coisa um pouco mais engessada”*.

Neste aspecto, a fala de C3 possui embasamento. Em sua primeira participação nos JUBs em 2019 na cidade de Salvador, cada equipe de cheerleading classificada só poderia contar com somente 5 atletas, descaracterizando totalmente o aspecto de espetáculo sincronizado entre as várias pessoas da equipe, e ignorando que o número médio de integrantes de equipes é de 18 atletas. Para o JUBs 2022, o número aumentou para 12 atletas, ainda assim abaixo do ideal. As equipes necessitam, portanto, de cortar atletas e se reestruturar para conseguirem participar destes campeonatos específicos e angariar visibilidade e mais espaço.

Outro aspecto importante ressaltado é que o cheerleading é incrivelmente forte no quesito apresentações e performance em outras modalidades, o *sideline*, e que de acordo com C3: *“quando a gente fala de olímpico a gente acaba tirando essa parte, perdendo essa parte. E é uma parte muito forte sim. Uma parte que gira muito dinheiro, que é importante”*. Conforme explorado no subcapítulo 4.3.1, equipes de cheerleading no Brasil obtiveram dinheiro através de participações televisivas e em eventos esportivos, e que devido ao espetáculo radical que a modalidade é concebida pela população em geral, esta é uma característica que deve certamente ser mantida e desenvolvida.

O cheerleading competitivo necessita de investimentos públicos de modo a crescer e representar o país com seus melhores atletas, contudo se para isso seja necessária uma descaracterização grandiosa que ocasione uma perda de identidade para a modalidade, não deve valer a pena. Devido ao seu crescimento e popularidade, contudo, o cheerleading possui elevado poder de barganha nas negociações, o que deve favorecê-lo de forma a manter sua originalidade e conquistar cada vez mais espaço no cenário esportivo brasileiro e mundial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou analisar o desenvolvimento do cheerleading no Brasil, considerando o seu crescimento no cenário esportivo do país e o recente reconhecimento concedido pelo COI. Para isso, usufruiu de entrevistas com coaches reconhecidos nacionalmente pela ampla experiência em treinamento e gestão, de modo a compreender intrinsecamente a história da modalidade no Brasil e identificar os principais desafios enfrentados pelo cheerleading visando a consolidação da modalidade no país.

Primeiramente, fez-se fundamental traçar o perfil dos entrevistados com o intuito de compreender quem são os responsáveis pelo desenvolvimento do cheerleading na região metropolitana de São Paulo, o que foi concluído com sucesso. A partir das entrevistas realizadas, observa-se que o perfil do coach e gestor de cheerleading é jovem, tendo média de 29,2 anos, um número significativamente abaixo da média observada para o perfil de gestores do esporte no Brasil.

Todos eles estão em busca de aperfeiçoamento profissional, seja através de graduação em Educação Física e/ou cursos especializados em cheerleading, um dado positivo, visto que a formação específica impacta diretamente para o desenvolvimento da modalidade. Contudo, também foi observado que todos eles exercem mais de uma função específica dentro de uma equipe, e que também possuem como principal fonte de renda um trabalho não relacionado com o cheerleading, o que evidencia um empecilho no comprometimento total à frente da gestão.

Acreditamos que o objetivo de conhecer historicamente o processo de crescimento o cheerleading no país foi cumprido de maneira assertiva. Por meio de um referencial teórico rico em detalhes, pioneiro no Brasil, e os respectivos depoimentos de cada entrevistado torna-se possível compreender sobre a jornada de expansão do cheerleading competitivo no país, e de sua explosão, principalmente no contexto universitário. Destaca-se aqui a estreia do cheerleading no ano de 2019 no CPU, o mais tradicional campeonato universitário do estado de São Paulo, e nos JUBs, promovido pela CBDU, o maior campeonato universitário do país. Tal feito representa um grande passo para o seu reconhecimento para com relação à outras modalidades já conhecidas pelo público.

No que tange à discussão em gestão esportiva dentro do mundo do cheerleading, o que foi uma proposta inovadora deste estudo para o âmbito acadêmico, foi possível diagnosticar os principais desafios vivenciados pelos coaches no curto, médio e longo prazo,

sendo quando possível, sempre discutidos com exemplos do que foi vivido por outras modalidades já integrantes dos JO no país, como o surfe, o skate, o voleibol e ginástica artística, mencionadas ao longo do texto.

O primeiro apontamento realizado foi a dificuldade em obter patrocínios para atletas e equipes, pois a modalidade ainda tem encontra obstáculos em reconhecimentos e investimentos no país, muito em virtude de seu desalinhamento entre as lideranças. Este desacordo entre as frentes que apontou uma carência de uma liderança única, com foco em estratégia e planejamento por meio de uma gestão centralizada.

Foi a partir desta necessidade que surgiu a CBCD, uma tentativa de união e organização da modalidade. Sua criação é um acerto, pois ela nasceu com o intuito de suprir as principais demandas para o cheerleading se oficializar enquanto modalidade no Brasil, conseguindo inclusive já resolver questões burocráticas relacionadas à legislação esportiva e possibilitando que alguns atletas obtivessem patrocínio de suas respectivas prefeituras para competir o campeonato mundial de 2021.

Visando o longo prazo, o cheerleading necessitará de cada vez uma maior profissionalização das pessoas envolvidas em sua gestão. Neste aspecto, observa-se que a CBCD já tomou iniciativas voltadas à solução deste problema, como a criação da CBCD *Academy*, uma plataforma criada para oferecer cursos de capacitação aos profissionais da área. Também foi debatida a questão da exigência de formação em Educação Física, que deverá figurar para os coaches de cheerleading nos próximos anos pretendendo se alinhar como que é exigido hoje por outras modalidades em território nacional.

A urgência em implementar projetos de cheerleading voltados para as crianças é outro fator imprescindível para a consolidação deste esporte no longo prazo no Brasil. É através da ampliação desta modalidade para o público infantil que será possível proporcionar a evolução natural na formação do atleta em qualquer modalidade: início de sua carreira esportiva em categorias de base e, eventual evolução para se tornar atleta de alto rendimento. Este é o caminho a ser percorrido pela gestão, uma vez que o cheerleading brasileiro almeja figurar entre os principais países da modalidade.

E considerando que a prática de cheerleading envolve riscos elevados, incentivar a prática segura é essencial também quando pensamos no desenvolvimento de longo prazo. A modalidade apresenta alto riscos de lesões já fortemente explorados na literatura científica, fomentar, portanto, a promoção da saúde entre cheerleaders é uma questão muito importante. Como estratégias assertivas, a realização de aquecimento articular, a presença de *spotters*, o

treinamento em tatame e conhecimento de primeiros socorros se mostraram consenso para tornar uma prática segura e conseqüentemente diminuir o alto índice de lesões.

É válido, porém, retomar que este estudo enfrentou limitações quanto ao tamanho da amostra. Primeiramente devido ao crescimento exacerbado do cheerleading sem uma gestão centralizada, e em segundo lugar, devido à pandemia de COVID-19, que transformou a dinâmica de competições e treinamentos, também impossibilitando que a amostra ainda um número maior de gestores da modalidade espalhados pelo Brasil. Dado este cenário, o número reduzido de entrevistados permite considerar os possíveis resultados encontrados apenas para a população abordada neste trabalho.

Esta pesquisa surgiu como possibilidade de discutir o cheerleading enquanto modalidade recente no país, e abordar questões urgentes no âmbito da gestão do esporte visando o seu desenvolvimento e consolidação no cenário esportivo brasileiro nos próximos anos. Ao considerarmos o aspecto inovador que representa o cheerleading no âmbito acadêmico e explorando perspectivas ainda não debatidas na área, com o principal embasamento a literatura acadêmica em gestão do esporte.

Por fim, salientamos que todos os objetivos pré-determinados para este estudo foram concluídos. Se outrora o cheerleading não era considerado esporte, hoje a situação é diferente. A modalidade cresceu, mesmo que de forma improvisada, e já dominou o cenário universitário no Brasil. O número de equipes que aderiram a sua prática pelo Brasil recentemente também é impressionante. Ao acrescentarmos o reconhecimento do COI e a possibilidade de o ingresso do cheerleading nos JO de Los Angeles em 2028, urge a necessidade de aprofundamento em todas as vertentes acadêmico-científicas que o cheerleading atravessar.

REFERÊNCIAS

- ACACIO, M. G. S.; JUNIOR, R. V. Atividades expressivas inclusivas: um relato de experiência sobre o ensino da ginástica para todos no âmbito escolar. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 7, n. 1, 2 set. 2016.
- ACKLAND, T.; ELLIOTT, B.; RICHARDS, J. Gymnastics: Growth in body size affects rotational performance in women's gymnastics. **Sports Biomechanics**, v. 2, n. 2, p. 163–176, 1 jul. 2003.
- ADAMS, N. G.; BETTIS, P. J. **Cheerleader!: An American Icon**. [s.l.] St. Martin's Publishing Group, 2015.
- ADLER, P. A.; ADLER, P. Observational techniques. Em: **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks, CA, US: Sage Publications, Inc, 1994. p. 377–392.
- ALMEIDA, B. S. et al. O " PAÍS DO FUTEBOL " QUE JOGA COM AS MÃOS: A GESTÃO ESPORTIVA DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**, v. 2, n. 2, 2012.
- ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. A busca da excitação em Elias e Dunning: uma contribuição para o estudo do lazer, ócio e tempo livre. **Lecturas: Educación física y deportes**, n. 80, p. 6, 2005.
- ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. A regulamentação da profissão de Educação Física no Brasil: aspectos legais. 2008.
- BAGNULO, A. Cheerleading injuries: A narrative review of the literature. **The Journal of the Canadian Chiropractic Association**, v. 56, n. 4, p. 292–298, dez. 2012.
- BAIRNER, A.; BROUGHTON, D. Helen Jefferson Lenskyj, Olympic Industry Resistance: Challenging Olympic Power and Propaganda. **Canadian Journal of Sociology**, v. 34, n. 3, p. 969–972, 13 set. 2009.
- BARBANTI, V. O que é esporte? **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 11, n. 1, p. 54–58, 2006.
- BARDIN, L. Content analysis. **São Paulo: Edições**, v. 70, n. 279, p. 978–8562938047, 2011.
- BATEMAN, T. S.; SNELL, S. A. **Management: Building Competitive Advantage**. Chicago: Irwin. 1996.
- BETTANIM, M. et al. ATIVIDADE DE TREINADOR DE FUTEBOL NO BRASIL: OFÍCIO OU PROFISSÃO? **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 25, p. 212, 20 mar. 2017.
- BODEN, B. P.; TACCHETTI, R.; MUELLER, F. O. Catastrophic Cheerleading Injuries. **The American Journal of Sports Medicine**, v. 31, n. 6, p. 881–888, 1 nov. 2003.
- BOMPA, T. O. **Total Training for Young Champions**. [s.l.] Human Kinetics, 2000.

BORGES, L. M. Cheerleading **na Universidade Federal de Uberlândia: ascensão e fatores motivacionais dos atletas.** Disponível em: <<http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/26439>>. Acesso em: 26 maio. 2022.

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo. **Questões de Sociologia**, p. 19, 1983.

BOYKOFF, J. **Celebration Capitalism and the Olympic Games.** [s.l.] Routledge, 2013.

BRANDÃO, L. ENTRE A MARGINALIZAÇÃO E A ESPORTIVIZAÇÃO: ELEMENTOS PARA UMA HISTÓRIA DA JUVENTUDE SKATISTA NO BRASIL. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 1, n. 2, 20 dez. 2008.

BRASIL. **Lei Nº 9.696, de 1 de Setembro de 1998.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19696.htm>. Acesso em: 23 mar. 2022.

BRASIL, V. et al. **A formação profissional para treinadores de surf no Brasil.** In. NASCIMENTO, Juarez Vieira; SOUZA, Edison Roberto.; RAMOS, Valmor; ROCHA, Júlio César Schimitt. (Orgs.). Educação Física e Esporte: convergindo para novos caminhos. Florianópolis: Editora da UDESC, 2015.

CAMARGO, P. R. DE; MEZZADRI, F. M. A organização e configuração do esporte universitário no Brasil (1940-1980). **Motrivivência**, v. 30, n. 53, p. 52–68, 19 abr. 2018.

CARNEIRO, L. **Prata de Rayssa Leal na Globo supera audiência da Copa América no SBT.** Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/colunas/leandro-carneiro/2021/07/26/prata-de-rayssa-leal-supera-audiencia-do-futebol-na-globo.htm>>. Acesso em: 11 jul. 2022.

CBF. **CBF Academy - Cursos.** Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/cbfAcademy/cbfAcademy/pt-br/cursos>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CBSK. **#SomosTodosCBSK - A história da Confederação Brasileira de Skate registra em livro os principais fatos da primeira Confederação de Skateboarding do mundo - notícias** | **CBSK.** Disponível em: <<http://www.cbsk.com.br/noticias/noticias/somostodoscbsk-a-historia-da-confederacao-brasileira-de-skate-registra-em-livro-os-principais-fatos-da-primeira-confederacao-de-skateboarding-do-mundo/1956>>. Acesso em: 7 jul. 2022.

CHANG, C. How the Olympics Lost Millennials. **The New Republic**, 17 ago. 2016.

CHATZIEFSTATHIOU, D.; HENRY, I. Hellenism and Olympism: Pierre de Coubertin and the Greek Challenge to the Early Olympic Movement. **Sport in History**, v. 27, n. 1, p. 24–43, mar. 2007.

CHEERFEST CHAMPIONSHIP. **Cheerfest Supernational em 2016 em Volta Redonda, Rio de Janeiro.** Álbum da competição. Volta Redonda, 2016. Facebook: Cheerfest Championship.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/search/top/?q=cheerfest%20championship>>. Acesso em: 3 out. 2022.

CHEERFEST CHAMPIONSHIP. **Exemplo de altura para um *basket* de cheerleading.** Álbum da competição. Jundiaí, 2017. Facebook: Cheerfest Championship. Disponível em: <<https://www.facebook.com/search/top/?q=cheerfest%20championship>>. Acesso em: 3 out. 2022.

CHELLADURAI, P. A personal journey in theorizing in sport management. **Sport Management Review**, v. 16, n. 1, p. 22–28, 1 jan. 2013.

CHIAVENATO, I. **Introdução a Teoria Geral Da Administração.** [s.l.] Elsevier Brasil, 2003.

COI. **Olympic Charter.** Disponível em: <<https://olympics.com/ioc/olympic-charter>>. Acesso em: 4 maio. 2021.

COI. **Tokyo 2020 Summer Olympics - Athletes, Medals & Results.** Disponível em: <<https://olympics.com/en/olympic-games/tokyo-2020>>. Acesso em: 7 mar. 2022.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CHEERLEADING E DANÇA. **Alinhamento dos três principais órgãos de cheerleading no Brasil.** Belo Horizonte, 2022. Instagram @cbcdoficial. Disponível em: < <https://www.instagram.com/cbcdoficial/>>. Acesso em 03 out. 2022.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CHEERLEADING E DANÇA. **Organograma das Instituições de Cheerleading.** Belo Horizonte, 2022. Instagram @cbcdoficial. Disponível em: < <https://www.instagram.com/cbcdoficial/>>. Acesso em 03 out. 2022.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CHEERLEADING E DANÇA. **Capacitação para profissionais de cheerleading através da CBCD Academy.** Belo Horizonte, 2022. Instagram @cbcdoficial. Disponível em: < <https://www.instagram.com/cbcdoficial/>>. Acesso em 03 out. 2022.

CONFED. **Documento de intervenção do Profissional de Educação Física.** Brasília, , 2002.

CRENSHAW, D. **The Myth of Multitasking, Second Edition: How “Doing It All” Gets Nothing Done.** [s.l.] Mango Media Inc., 2021.

DA ROCHA, P. G. M.; DOS SANTOS, E. S. O abandono da modalidade esportiva na transição da categoria juvenil para adulto: estudo com talentos do atletismo. **Journal of Physical Education**, v. 21, n. 1, p. 69–77, 2010.

DE CAMPO BORGES, E. DE C.; BUONICORE, A. C. **Memória do esporte educacional brasileiro: breve história dos Jogos Universitários e Escolares.** [s.l.] Centro de Estudos e Memória da Juventude, 2007.

DE GIOVANNI, G.; GEBARA, A.; PRONI, M. Dimensões econômicas do esporte no Brasil. **Ministério da Educação e do Esporte. Campinas, São Paulo: Unicamp**, 1995.

DE ROSE JR, D. D. R. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: Uma abordagem multidisciplinar**. [s.l.] Artmed Editora, 2009.

DE SOUSA, P. D. B.; DE MATTOS, L. L.; DE SOUSA, M. A. B. **MARKETING ESPORTIVO E SUA RELAÇÃO COM CLUBES E INSTITUIÇÕES LIGADAS AO ESPORTE**. 2005.

DOWNE-WAMBOLDT, B. Content analysis: Method, applications, and issues. **Health Care for Women International**, v. 13, n. 3, p. 313–321, 1 jan. 1992.

FALCÃO, T. B. C. **Jogos Olímpicos e Esportes de Aventura: a inclusão do Surfe na edição Tóquio 2020**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2019.

FLINT, J.; VRANICA, S. **NBC's Ratings for Rio Olympics Fall Behind London - WSJ**. Disponível em: <<https://www.wsj.com/articles/nbcs-ratings-for-rio-olympics-fall-behind-london-1471185907>>. Acesso em: 6 maio. 2021.

GIGLIO, S. S. “Muito mais do que um jogo”: os embates entre o COI e a Fifa pelo controle do futebol olímpico. **Ciência e Cultura**, v. 66, n. 2, p. 47–50, jun. 2014.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, n. 3, p. 20–29, 1995.

GOLDEN, S. J.; KREFTING, S.; PRINGLE, B. H. **101 best cheers: how to be the best cheerleader ever!** Mahwah, N.J.: Troll, 2004.

GRINDSTAFF, L.; WEST, E. “Hands on Hips, Smiles on Lips!” Gender, Race, and the Performance of Spirit in Cheerleading. **Text and Performance Quarterly**, v. 30, n. 2, p. 143–162, 1 abr. 2010.

GUTTMANN, A. **The Olympics: A History of the Modern Games**. [s.l.] University of Illinois Press, 2002.

HANSON, M. E. **Go! Fight! Win!:** Cheerleading in American Culture. [s.l.] Popular Press, 1995.

HATZIDAKIS, G. Esporte universitário. **Atlas do Esporte no Brasil. CONFED, Rio de Janeiro/RJ**, p. 1019–1021, 2006.

HAZARI, S. Investigating social media consumption, sports enthusiasm, and gender on sponsorship outcomes in the context of Rio Olympics. **International Journal of Sports Marketing and Sponsorship**, v. 19, n. 4, p. 396–414, 12 out. 2018.

HUTCHINSON, M. R. Cheerleading Injuries. **The Physician and Sportsmedicine**, v. 25, n. 9, p. 83–96, 1 set. 1997.

ICU. History of The Sport of Cheer. p. 5, 2015.

IOC. **IOC Marketing Report Tokyo 2020**. Disponível em: <<https://bestswimming.swimchannel.net/wp-content/uploads/2022/04/IOC-Marketing-Report-Tokyo-2020.pdf>>. Acesso em: 5 jul. 2022.

IOC. **Transmissão do Mundial de Cheerleading via *Olympic Channel***. Disponível em: <<https://olympics.com/en/sport-events/2022-icu-cheerleading-junior-world-championships-orlando/>>. Acesso em: 03 out. 2022.

JACOBSON, N. A.; MORAWA, L. G.; BIR, C. A. Epidemiology of cheerleading injuries presenting to NEISS hospitals from 2002 to 2007. **Journal of Trauma and Acute Care Surgery**, v. 72, n. 2, p. 521–526, fev. 2012.

JARDEL TERI; TEGANI, B. ARAÚJO G. Gestão de marketing em empreendimentos esportivos: estudo de caso da 71^a edição dos jogos abertos do interior. 2008.

JARVIE, G. **Sport, culture and society: an introduction**. [s.l.] Routledge, 2013.

JARVIS, C. S. **The male body at war: American masculinity and embodiment during World War II**. [s.l.] The Pennsylvania State University, 2000.

JAYANTHI, N. et al. Sports Specialization in Young Athletes: Evidence-Based Recommendations. **Sports Health**, v. 5, n. 3, p. 251–257, 1 maio 2013.

JOHNSON, G.; SCHOLE, K.; WHITTINGTON, R. **Exploring corporate strategy: text & cases**. [s.l.] Pearson education, 2009.

JONES, G.; KHAZZAM, M. **Cheerleading injuries**. p. 5, 2017.

KASZNAR, I. K.; GRAÇA FILHO, A. Estratégia empresarial: modelo de gestão vitorioso e inovador da Confederação Brasileira de Voleibol. **São Paulo: M. Books**, 2006.

KERSAINT, G. et al. Why teachers leave: Factors that influence retention and resignation. **Teaching and teacher education**, v. 23, n. 6, p. 775–794, 2007.

KILIC, O. et al. Incidence, aetiology and prevention of musculoskeletal injuries in volleyball: A systematic review of the literature. **European journal of sport science**, v. 17, n. 6, p. 765–793, 2017.

KRIPPENDORFF, K. **Content analysis: An introduction to its methodology**. [s.l.] Sage publications, 2018.

KURATA, D. M.; JUNIOR, J. M.; NOWOTNY, J. P. Incidência de lesões em atletas praticantes de futsal. **Iniciação Científica Cesumar**, v. 9, n. 1, p. 45–51, 20 ago. 2007.

LANGE, D. **Cheerleading: number of participants U.S. 2017**. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/191651/participants-in-cheerleading-in-the-us-since-2006/>>. Acesso em: 10 maio. 2021.

LAVOI, N. M.; BAETH, A. Women and Sports Coaching. Em: MANSFIELD, L. et al. (Eds.). **The Palgrave Handbook of Feminism and Sport, Leisure and Physical Education**. London: Palgrave Macmillan UK, 2018. p. 149–162.

LIMA, L. Q. B. et al. **Jogos regionais e jogos abertos do estado de São Paulo: influências políticas no desenvolvimento da ginástica artística.** Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/360110486_Jogos_regionais_e_jogos_abertos_do_estado_de_Sao_Paulo_influencias_politicas_no_desenvolvimento_da_ginastica_artistica>. Acesso em: 29 jun. 2022.

LING, L.; GHADISHAH, A. **Most Dangerous “Sport” of All May Be Cheerleading.** Disponível em: <<https://abcnews.go.com/Nightline/cheerleading-dangerous-sport-young-girls/story?id=9473938>>. Acesso em: 13 maio. 2021.

LLEWELLYN, M. P.; GLEAVES, J. **The Rise and Fall of Olympic Amateurism.** [s.l.] University of Illinois Press, 2016.

LOMBARDO, J.; BROUGHTON. **Going gray: Sports TV viewers skew older.** Disponível em: <https://www.sportsbusinessjournal.com:443/Journal/Issues/2017/06/05/Research_and_Ratings/Viewership_trends.aspx>. Acesso em: 6 maio. 2021.

LOUGH, N.; GEURIN, A. N. **Routledge Handbook of the Business of Women’s Sport.** [s.l.] Routledge, 2019.

MACHADO, J. R.; ZEM, C. A. Marketing esportivo: um estudo sobre o crescimento das instituições de ensino na prática do patrocínio esportivo. **Piracicaba: Unimep**, 2003.

MARCHI JÚNIOR, W. M. “**Sacando” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000).** PhD Thesis—[s.l.] Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas., 2001.

MARINHO, A. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 22, n. 2, 2001.

MAROLDE, I. B.; CARVALHO, C.; SERRÃO, P. R. M. S. Lesões em cheerleaders no Brasil: um estudo transversal. **Anais do Congresso Brasileiro da Associação Brasileira de Fisioterapia Traumatológica - ABRAFITO**, v. 3, n. 1, 25 maio 2019.

MATARUNA-DOS-SANTOS, L. J.; ZARDINI-FILHO, C. E.; CAZORLA MILLA, A. **Youth Olympic Games: Using marketing tools to analyse the reality of GCC countries beyond Agenda 2020.** Journal of Human Sport and Exercise - 2019 - Rio 2016 Olympic Games Second Anniversary Special Edition. **Anais...** Em: JOURNAL OF HUMAN SPORT AND EXERCISE - 2019 - RIO 2016 OLYMPIC GAMES SECOND ANNIVERSARY SPECIAL EDITION. Universidad de Alicante, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10045/93434>>. Acesso em: 6 maio. 2021

MATTAR, M. F.; MATTAR, F. N. **Gestão de Negócios Esportivos.** 1ª edição ed. [s.l.] GEN LTC, 2021.

MAZZEI, L. Gestão da Confederação Brasileira de Judô: Um Estudo de Caso. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**, v. 2, p. 30–42, 27 abr. 2012.

MAZZEI, L. C.; AMAYA, K.; DA CUNHA BASTOS, F. Programas acadêmicos de graduação em gestão do esporte no Brasil. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 12, n. 1, 2013.

- MCCARTHY, B. ‘Who unlocked the kitchen?’: Online misogyny, YouTube comments and women’s professional street skateboarding. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 57, n. 3, p. 362–380, 2022.
- MELLO, J. A. C. DE; SILVA, S. A. P. DOS S. Competências do gestor de academias esportivas. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 19, p. 74–83, mar. 2013.
- MELO, A. M. et al. Perfil e prevalência de lesão em cheerleaders no ano de 2018. **Anais do Congresso Brasileiro da Associação Brasileira de Fisioterapia Traumatológica - ABRAFITO**, v. 3, n. 1, 25 maio 2019.
- MILISTETD, M. et al. Coaching and Coach Education in Brazil. **International Sport Coaching Journal**, v. 1, n. 3, p. 165–172, set. 2014.
- MILISTETD, M. et al. Formação de treinadores esportivos: orientações para a organização das práticas pedagógicas nos cursos de bacharelado em educação física. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 28, 15 ago. 2017.
- MIRANDA, Y. H. B. et al. A importância da gestão esportiva no desenvolvimento do voleibol brasileiro: estratégias da Confederação Brasileira de Voleibol. **Revista de Gestão e Negócios do Esporte**, v. 1, n. 1, p. 13–23, 2016.
- MUELLER, F. O. Cheerleading Injuries and Safety. **Journal of Athletic Training**, v. 44, n. 6, p. 565–566, 1 nov. 2009.
- MULLARKEY, L. Cheerleading Basics. [s.l.] **Enslow Publishers, Inc.**, 2010.
- NAIYER, N.; CHOUNTHIRATH, T.; SMITH, G. A. Pediatric cheerleading injuries treated in emergency departments in the United States. **Clinical pediatrics**, v. 56, n. 11, p. 985–992, 2017.
- NASCIMENTO, J. V. **Formação profissional em Educação Física: contexto de desenvolvimento curricular**. [s.l.] Unimontes, 2002.
- NOLASCO, V. P. et al. Administração/gestão esportiva. **Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Shape**, 2005.
- NUNES, R. A. Women athletes in the Olympic Games. 2019.
- NUNOMURA, M.; CARRARA, P. D. S.; CARBINATTO, M. V. Análise dos objetivos dos técnicos na Ginástica Artística. doi: <http://dx.doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n1p95>. **Motriz. Journal of Physical Education. UNESP**, p. 95–102, 2010.
- NUNOMURA, M.; CARRARA, P. D. S.; TSUKAMOTO, M. H. C. Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão! **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 24, p. 305–314, set. 2010.
- NUNOMURA, M.; TSUKAMOTO, M. H. C. Análise e ensino da Ginástica Olímpica. **Pedagogia do desporto**, 2006.

OLIVEIRA, D. D.; PIMENTA, C. C. C. **A Espetacularização Midiática Na Cobertura Do Futebol**. XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. **Anais...**2018.

OLIVEIRA, S. N.; DOLL, J. O Lazer Sério de Robert A. Stebbins. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 17, n. 1, 2014.

PAIXÃO, J. A. O instrutor de esporte de aventura no Brasil e os saberes necessários a sua atuação profissional. **Curitiba, Paraná: CRV**, 2012.

PAIXÃO, J. A. Training and professional performance of radical sport instructors. **International Journal of Sports Science**, v. 3, n. 6, p. 198–203, 2013.

PEDROSO, M. C. **Um modelo de gestão estratégica para serviços de saúde**. Doutorado em Medicina Preventiva—São Paulo: Universidade de São Paulo, 22 fev. 2011.

PEDUZZI, M. Equipe multiprofissional de saúde: conceito e tipologia. **Revista de saúde pública**, v. 35, p. 103–109, 2001.

PEREIRA, D. W. et al. Escalada esportiva no Brasil: O retrato dos atletas profissionais e amadores. **Arquivos em Movimento**, v. 15, n. 1, p. 241–255, 2019.

PERES, L.; LOVISOLO, H. Sporting formation: theory and views of the elite athlete in Brazil. **Journal of Physical Education**. 15 maio 2008.

PIZZOLATO, E. D. A. **Profissionalização de Organizações Esportivas: Estudo de Caso do Voleibol Brasileiro**. MESTRE EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS - OPÇÃO PROFISSIONAL—Rio de Janeiro, Brazil: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, 16 dez. 2004.

Popularidade do termo “cheerleading” no Google Trends de 2017-2022. **Google Trends**. em: < <https://trends.google.com/trends/explore?date=2017-01-01%202022-10-03&geo=BR&q=cheerleading>>. Acesso em 03 out. 2022

PRONI, M. W. A reinvenção dos Jogos Olímpicos: um projeto de marketing. **Esporte e Sociedade**, v. 3, n. 9, p. 1–35, 2008.

QUINAUD, R. T. et al. Gestores do esporte: reflexões sobre sua formação e desenvolvimento profissional. **Pensar a Prática**, v. 22, 25 abr. 2019.

RENFREE, G.; CUESON, D.; WOOD, C. Skateboard, BMX freestyle, and sport climbing communities’ responses to their sports’ inclusion in the Olympic Games. **Managing Sport and Leisure**, v. 0, n. 0, p. 1–15, 24 nov. 2021.

RONESS, D.; SMITH, K. Stability in motivation during teacher education. **Journal of Education for Teaching**, v. 36, n. 2, p. 169–185, maio 2010.

RUBIO, K. Da Europa para a América: a trajetória do Movimento Olímpico brasileiro. **Scripta Nova: Revista electrónica de geografía y ciencias sociales, ISSN 1138-9788, Nº. 9,181-204, 2005**, 1 jan. 2005.

RUBIO, K. Ética e compromisso social na psicologia do esporte. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 27, n. 2, p. 304–315, 2007.

RUBIO, K. Jogos olímpicos da era moderna: uma proposta de periodização. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 24, n. 1, p. 55–68, mar. 2010.

RUIZ, A. G. H.; ROCCO JR, A. J. A CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL (CBV) E SEUS STAKEHOLDERS: AVALIAÇÃO QUALITATIVA DO MODELO DE GESTÃO BASEADO EM UNIDADES ESTRATÉGICAS DE NEGÓCIOS. **Revista Intercontinental de Gestão desportiva**, v. 3, 2013.

SANTANA, W. et al. The decrease in the physical activity levels during the COVID-19 social distancing period. **Motriz. Revista de Educação Física**, v. 28, 22 abr. 2022.

SANTANA, W. Experiência inovadora na educação física escolar: relato da prática de cheerleading entre crianças e adolescentes. **Revista Temas em Educação Física Escolar**. v. 7, 2022.

SANTANA, W. OLIVEIRA, M. Are the Olympics up-to-date? Measures taken by the IOC to enhance gender equality in the Games. **Olimpianos – Journal of Olympic Studies**. v. 6, 2022.

SCHAAP, J. **Triumph: The Untold Story of Jesse Owens and Hitler's Olympics**. [s.l.] HMH, 2015.

SHIELDS, B. J.; SMITH, G. A. Cheerleading-related injuries to children 5 to 18 years of age: United States, 1990–2002. **Pediatrics**, v. 117, n. 1, p. 122–129, 2006.

SHULTZ, C. J. et al. The Global Marketing and Consumption of Sport. Em: DEETER-SCHMELZ, D. R. (Ed.). **Proceedings of the 2010 Academy of Marketing Science (AMS) Annual Conference**. Cham: Springer International Publishing, 2015. p. 223–224.

SILVA, G. G. DA; FRIZZO, G. F. E. Crítica à regulamentação da profissão e à produção científica defensora do sistema CONFEF/CREFs. **Motrivivência**, n. 36, p. 149–168, 1 jan. 2011.

SOUSA, L. L. DE. Fatores de abandono dos atletas na prática do remo competitivo. 2010.

SOUZA, K. N. DE P. et al. Periodização de treinamento para estudantes de ballet clássico na prevenção de lesões. **Cinergis**, v. 17, n. 1, 1 jul. 2016.

SOUZA, S. L. A importância da estratégia organizacional para a Confederação Brasileira de Voleibol. **Revista pensamento contemporâneo em administração**, v. 1, n. 1, p. 116–125, 2007.

STAREPRAVO, F. A. et al. Esporte universitário brasileiro: uma leitura a partir de suas relações com o Estado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 31, n. 3, p. 131–148, 2010.

STEBBINS, R. A. **The Idea of Leisure: First Principles**. [s.l.] Routledge, 2012.

- STEBBINS, R. A. **Serious Leisure - A Perspective for Our Time**. Disponível em: <<https://www.taylorfrancis.com/books/mono/10.4324/9781315129167/serious-leisure-robert-stebbins>>. Acesso em: 13 maio. 2021.
- STONE, G. P. American sports: Play and display. Em: **Sport**. [s.l.] University of Toronto Press, 2017. p. 47–65.
- TEIXEIRA, F. DE O. A percepção de equipes de elite sobre o patrocínio esportivo e a busca por patrocinadores. 21 out. 2021.
- THORPE, H.; WHEATON, B. ‘Generation X Games’, Action Sports and the Olympic Movement: Understanding the Cultural Politics of Incorporation. **Sociology**, v. 45, n. 5, p. 830–847, out. 2011.
- TRIVINÕS, A. N. Introdução à pesquisa em ciências sociais. **A pesquisa**, p. 133, 1987.
- TUBINO, M. **O que é esporte**. [s.l.] Brasiliense, 2017.
- USASF. USASF *Cheer* Rules 2021-2022. p. 45, 2021.
- UVINHA, R. R. Juventude e esportes radicais. **Juventude.br**, n. 8, p. 43–44, 2009.
- VLASTUINA, J.; DE ALMEIDA, B. S.; JÚNIOR, W. M. O marketing esportivo na gestão do voleibol brasileiro: fragmentos teóricos referentes ao processo de espetacularização da modalidade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 29, n. 3, p. 9–24, 2008.
- WENN, S. R. Peter Ueberroth’s Legacy: How the 1984 Los Angeles Olympics Changed the Trajectory of the Olympic Movement. **The International Journal of the History of Sport**, v. 32, n. 1, p. 157–171, 2 jan. 2015.
- WHEATON, B.; THORPE, H. **Action Sports and the Olympic Games: Past, Present, Future**. London: Routledge, 2021.
- WILLIAMS, A. M.; ERICSSON, K. A. From the guest editors: how do experts learn? **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 30, n. 6, p. 653–662, 2008.
- WONG, D. The Youth Olympic Games: Past, Present and Future. **The International Journal of the History of Sport**, v. 28, n. 13, p. 1831–1851, 1 set. 2011.
- XU, A. L.; SURESH, K. V.; LEE, R. J. Progress in Cheerleading Safety: Update on the Epidemiology of Cheerleading Injuries Presenting to US Emergency Departments, 2010- 2019: **Orthopaedic Journal of Sports Medicine**, 13 out. 2021.
- YAU, R. K. et al. Catastrophic High School and Collegiate Cheerleading Injuries in the United States: An Examination of the 2006-2007 *Basket* Toss Rule Change. **Sports Health**, v.11, n. 1, p. 32–39, 1 jan. 2019.
- ZANATTA, T. C. et al. O PERFIL DO GESTOR ESPORTIVO BRASILEIRO: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA. **Movimento - Revista de Educação Física da UFRGS**, v. 24, n. 1, p. 291–304, 15 dez. 2018.

ZDUNEK, A. Who Knows the Difference between Competitive Cheerleading, Sideline Cheerleading, Acrobatics and *Tumbling*? Why This Distinction Is So Important for Title IX. **Marquette Sports Law Review**, v. 31, p. 175, 2021 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A. ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO

Informações gerais:

Nome:

Gênero:

RG:

Data de nascimento:

Cidade e Estado:

Time/ginásio atual:

Carga horária semanal:

Trabalha em outro local?

Formação acadêmica:

Possui graduação? Qual?

Possui pós? Lato ou Stricto? Em quê?

Histórico esportivo:

1. Quais modalidades já praticou?
2. Quando iniciou o cheerleading? Em quantos times você já participou?
3. Exerce outras funções? Há quanto tempo?
4. Por que escolheu esta modalidade? Me conte sobre sua experiência.
5. Possui cursos específicos voltados para o *cheer*? Se sim, quais?

SEGUNDO MOMENTO

PRÁTICA ESPORTIVA

1. Existe periodização dos treinos? Se sim, quem é a pessoa responsável? Como ocorre?
2. Como você avalia a segurança dos atletas durante a prática de cheerleading?
3. Ocorrem lesões? Qual a frequência? E quais as mais comuns?
4. Para você, o que é necessário para configurar uma prática como segura?
5. Quais ações foram e são tomadas em prol da manutenção da saúde dos atletas durante o treinamento? E durante a competição?
6. Como foi lidar com a pandemia de COVID-19 e os treinamentos?

GESTÃO

1. Como você enxerga o crescimento do Cheerleading no Brasil nos últimos anos?
2. Qual sua opinião sobre a gestão atual do Cheerleading no país? Como se dá esta relação?
3. Quais ações vêm sendo tomadas pelos órgãos responsáveis pela modalidade em prol de seu desenvolvimento?
4. A partir dessas ações, como você visualiza o Cheerleading no Brasil no curto, médio e longo prazo?

5. Qual a sua opinião sobre a aproximação do COI e da ICU via reconhecimento do cheerleading?
6. Qual foi o seu maior desafio durante na sua trajetória no cheerleading do Brasil?
7. A partir do nosso papo, defina o cheerleading em 3 palavras.

APÊNDICE B. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA OU RESPONSÁVEL LEGAL

1. DADOS DO INDIVÍDUO

Nome completo _____

Sexo Masculino
 Feminino

RG _____

Data de nascimento _____

Endereço completo CEP _____

Fone _____

e-mail _____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

1. Título do Projeto de Pesquisa

O reconhecimento do cheerleading pelo Comitê Olímpico Internacional: novas perspectivas para o cenário esportivo brasileiro

2. Pesquisador Responsável

William Ferraz de Santana

3. Cargo/Função

Discente

4. Avaliação do risco da pesquisa:

X	RISCO MÍNIMO		RISCO BAIXO		RISCO MÉDIO		RISCO MAIOR
---	--------------	--	-------------	--	-------------	--	-------------

(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo)

5. Duração da Pesquisa

1 ano

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO INDIVÍDUO OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA, DE FORMA CLARA E SIMPLES, CONSIGNANDO:

I. justificativa e os objetivos da pesquisa;

Este projeto visa discutir, a partir do status de modalidade olímpica fornecido pelo COI, quais são as perspectivas de desenvolvimento do Cheerleading no curto, médio e longo prazo no país, de forma a consolidá-la no cenário esportivo brasileiro. A pesquisa também almeja compreender quais ações são tomadas pelos órgãos responsáveis de forma a promover a saúde e segurança dos atletas da modalidade, visto que a prática do Cheerleading pode envolver riscos devido aos movimentos acrobáticos e de lançamentos, que podem chegar a mais de três metros de altura. **Objetivo Geral:** Analisar a concepção dos coaches de cheerleading quanto ao crescimento da modalidade no país e ao seu desenvolvimento no curto, médio e longo prazo. **Objetivo Específico:** Investigar o perfil dos coaches da modalidade nas principais equipes de cheerleading na região metropolitana de São Paulo; Analisar a lógica predominante do cheerleading no país a partir de seu crescimento significativo nos últimos anos; Compreender quais são as ações tomadas de forma a impactar positivamente a promoção e a manutenção da saúde e da segurança dos praticantes da modalidade.

1. procedimentos que serão utilizados e propósitos, incluindo a identificação dos procedimentos que são experimentais; O presente estudo se apoiará, essencialmente, na pesquisa qualitativa, cuja prática principal para a coleta de dados se dará pela aplicação de entrevistas semiestruturadas. O roteiro da entrevista abordará os seguintes temas: a. Quanto ao perfil dos técnicos (sobre suas experiências na modalidade, formação e atuação profissional); b. Quanto às suas contribuições para o desenvolvimento da modalidade no Brasil e no exterior; c. Quanto às perspectivas de crescimento do Cheerleading no cenário nacional; d. Sugestões com relação ao andamento atual da modalidade visando a promoção e manutenção da saúde de seus participantes; e. Expectativas quanto a inserção oficial do Cheerleading no programa olímpico nas próximas edições e quais caminhos percorrer. A Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), focalizando na modalidade temática, cuja asserção sobre determinado assunto, pode ser representada por uma simples sentença, um conjunto delas ou um parágrafo e compreende três etapas, a saber: pré-análise; exploração do material; categorização.

1. desconfortos e riscos esperados;

O risco de perda de confidencialidade será minimizado pela codificação dos sujeitos participantes na pesquisa que garantirão seu anonimato. Os procedimentos poderão ser interrompidos, no caso de alguma alteração fisiológica, que possa

comprometer a saúde do avaliado. A equipe de trabalho não se responsabiliza por informações não prestadas pelo avaliado, que possam interferir na dinâmica do resultado. O desconforto pode surgir pela relação presente do entrevistado com memórias passadas, pois experiências anteriores serão abordadas.

1. benefícios que poderão ser obtidos;

Ao analisar o desenvolvimento do Cheerleading no Brasil, o entrevistado poderá melhor organizar seu futuro, entendendo que as situações são dinâmicas e instáveis.

IV - ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA:

1. acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas;

2. liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuidade da assistência;

3. salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade; e

4. disponibilidade de assistência no HU ou HCFMUSP, por eventuais danos à saúde, decorrentes da pesquisa.

V - INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE INTERCORRÊNCIAS CLÍNICAS E REAÇÕES ADVERSAS.

William Ferraz de Santana. Rua Agostinho Navarro, 971. Osasco - SP.

E-mail: william.santana@usp.br. Telefone: (11) 95941-4945

Conselho de Ética em Pesquisa (CEP EACH-USP). Rua Arlindo Bétio, 1000. São Paulo - SP

E-mail: cep-each@usp.br. Telefone: (11) 3091-1046

VI - OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES

No caso de entrevista presencial, este documento será emitido em duas vias, sendo que uma delas ficará com o participante. Em entrevista online, o termo será enviado ao e-mail fornecido pelo participante.

VII - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa.

assinatura do pesquisador
William Ferraz de Santana

assinatura do sujeito da pesquisa
ou responsável legal

APÊNDICE C. GLOSSÁRIO DO CHEERLEADING

All Boy: Composição de *stunt* ou equipe exclusiva do gênero masculino

All Girl: Composição de *stunt* ou equipe exclusiva do gênero feminino

All Star: Categoria de competição em que os atletas não necessitam ser vinculados à uma escola ou universidade.

Base: Uma pessoa que fornece suporte para a flyer. A(s) pessoa(s) que segura(m), levanta(m) ou lança(m) uma pessoa superior em um *stunt*.

Base lateral: Base localizada na lateral da flyer.

Base frontal: Base localizada na frente da flyer.

Base traseira: Base localizada na parte de trás de um *stunt*.

Basket: Lançamento da flyer pelas bases, em que ela realiza figuras e/ou acrobacias durante o voo.

Camping: Evento em que são ministradas habilidades de cheerleading por pessoas experientes.

Cheer face: Expressão facial característica animando e clamando pelo público.

Cheer mix: Música característica de uma rotina de cheerleading, com mix de diferentes músicas e efeitos de sons que acompanham a composição da apresentação.

COED: Equipe de cheerleading mista, composta por atletas de todos os gêneros.

Dance: Dança característica do cheerleading com motions e cheer face.

Flyer: Atleta(s) sendo apoiado(s) acima da superfície de performance em um *stunt*, pirâmide ou *basket*.

Jump: Saltos com habilidade característicos do cheerleading formando figuras no ar.

Motion: Movimento característico com braços firmes e cheer face formando figuras.

Pirâmide: Junção de ao menos dois *stunts* conectados pelas flyers.

Spotter: Pessoa responsável pela segurança da flyer durante os exercícios.

Stunt: Grupo que realizará uma elevação contendo uma flyer e pelo menos uma base.

Tumbler: Atleta que executa as sequências acrobáticas em uma rotina.

Tumbling: Acrobacias de solo realizadas pelos tumblers dentro de uma rotina.